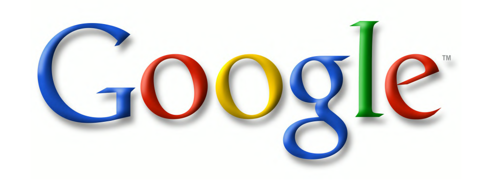
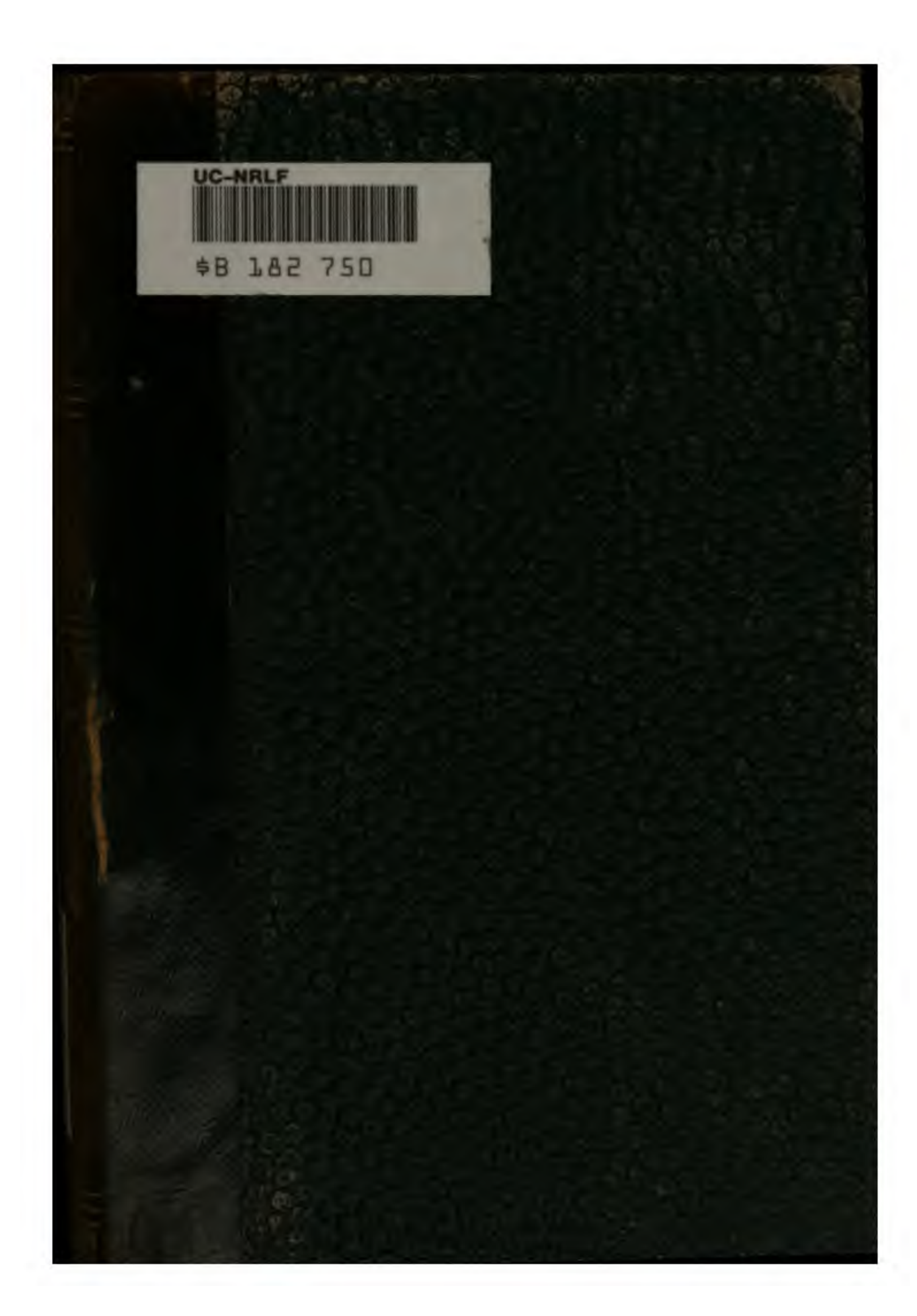



UC-NRLF
$B 182 750



..DA TRINDADE-13
TELEF. 36 99 51
LISBOA

CANCIONEIRO ALEGRE

D'esta edição faz-se uma tiragem de 25 exemplares numerados, em papel de linho nacional.



C. Castello Branco

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

COLLECÇÃO ERNESTO CHARDRON

CANCIONEIRO

ALEGRE

DE POETAS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

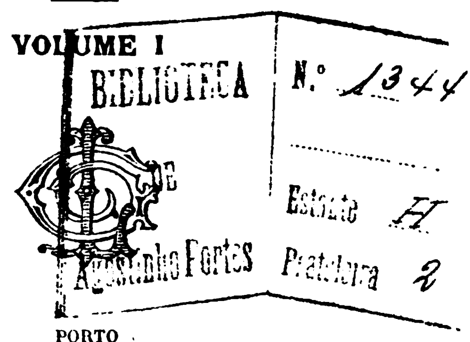
COMMENTADO

Je voudrais savoir si la grande règle de toutes les règles n'est pas de plaire? Laissons-nous aller de bonne foi aux choses qui nous prennent par les entrailles et ne cherchons point de raisonnements pour nous empêcher d'avoir du plaisir.

MOLIÈRE.

Segunda edição, seguida dos CRITICOS DO CANCIONEIRO

VOLUME I



PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
Casa editora
LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES
1887

Porto: Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70

AO BOM SENSO

DA RUA DAS FLORES E DA RUA DOS CAPELLISTAS

O. D. C.

O Commentador.

619

PREFACIO

Esta idéa de um **Cancioneiro alegre** suggeriu-a ao commentador um formoso livro escocez intitulado THE BOOK OF HUMOROUS POETRY, impresso recente e primorosamente em Edinburgh. É leitura variada, deliciosa, ridentissima sempre, não das casquinadas que nos distinguem tristemente entre os animaes, mas do sentir intimo de contentamento quando vemos bem solfejada nos versos a prosa ridicula das nossas esquipações.

Ambicionei patrioticamente vêr assim um livro de poetas portuguezes e brazileiros; mas logo me assaltou a contrariedade de que o poe-

ta, em Portugal principalmente, por via de regra, desabrocha os seus botões de flôr ás lagrimas da aurora — nasce a chorar; e, se chega a adulto e seccou os prantos, é porque foi despachado — *arranjou-se;* e, emquanto o não arranjam melhor, chora em prosa no seio do deputado amigo, em memoriaes plangentes, que entram como sudarios na pasta do ministro. Se o ministro já trovou como Serpa, ou Andrade Corvo, Mendes Leal, Thomaz Ribeiro, ou Couto Monteiro, o poeta mais hoje ou mais ámanhã, se fôr de pouco sustento, póde contar que sobreviverá ao seu despacho, e enxugará as perolas dos seus olhos ao plastron do ministro, como Horacio limpava as suas ramellas ás tapeçarias do monopodium de Mecenas.

Entrei a inventariar na minha estante de poetas, uns que tinham perecido de amores fulminantes e outros de anemia, antes de chegarem ao capitolio de verificadores de alfandega, de escripturarios da fazenda e ministros da corôa. Esses pouco me deram. Pertenciam á quadra ominosa do sentimentalismo. Estavam mortos para todos os effeitos.

*

A poesia sentimental acabou. Devia naturalmente acabar assim que o amor se julgou superfluo no casamento do vate. Eram, n'outro tempo, os poetas uns amadores vitalicios que cantavam e amavam todas as meninas de uma ou duas freguezias; mas não casavam com ellas. Enfeitavam-nas de flôres para maridos maganões que sorriam d'elles com uma piedade quasi benevola, e os tratavam, com excessos de delicadeza, até ao requinte de os pôrem na rua com poucas bengaladas. Os maridos, ás vezes, quando os poetas bisavam os seus cantares, faziam no espinhaço das esposas o compasso. Isto soube-se; a desordem da familia constou cá fóra, e o lyrismo começou a cahir como immoral.

Cahido o lyrismo, o poeta foi comprehendido nas regras geraes do genero humano. Entrou a casar sem versos. Em vez de perguntar á visinha quantas estrellas tinha predilectas no azul, indagava quantos predios tinha o papá: e, se era orphã e herdeira, não lhe azedava saudades do progenitor com necrologías: ia ao cartorio do

escrivão do inventario examinar o formal de partilhas; e, recolhido ao silencio do seu gabinete com os apontamentos, em vez de:

> Mulher amada, que o meu peito abrasas,

escrevia:

> Por metade do predio da rua das Congostas... 2:750$000

Acabou assim a poesia amorosa. Não foi Charles Baudelaire, nem a devassidão dissolvente do segundo imperio, nem os progressos da ethnographia e da chimica, como pretende o snr. Guerra Junqueiro. A poesia sentimental acabou porque poetas que exercitem a arte por amor da arte já não ha nenhum, nem tão pouco ha mulheres que sintam no peito o vacuo dos sonetos; e, se acontece ainda alguma experimentar vágados intimos e palpitações estranhas — cousas que outr'ora se chamavam

> Vago aspirar de virginaes enlêvos,

come uma sandwich, um bife de grelha, e fica melhor. Ellas, quando sahiram do collegio, não

traziam geographia e ancias de ideal: traziam chlorose e fome.

Desfibradas as cordas da cythara, era, não obstante, necessario e fatal que alguem cantasse. O genio é rebelde: se o espesinham, resalta. Alguns poetas, quaes vasos de porcelana fragil, não puderam conter as raizes da flôr do sentimento que se lhes radicaram profundas e largas até os estourar em poemas, nem romanticos nem classicos. Semelhantes cousas são uns extractos sulf'hydricos necessarios ao riso moderno como o estrume á seiva das finas flôres aromaticas. Como não podiam cantar com applauso a violeta rôxa, cantam a alporca rubra.

Que eu, a fallar verdade, não creio em Gœthe. Elle diz que não ha literattura classica nem romantica: ha litteratura sã e litteratura pôdre. E renovar o feio e a podridão, — acrescenta Philarète Chasles — o falso e o trivial, o phrenesi e a obscenidade, o immenso e o exagerado, pela enfermidade e pela demencia, é facilima empresa [1].

---

[1] *Psychologie sociale,* obra posthuma.

Digam lá o que disserem os oraculos. A litteratura não é Aristoteles, nem Horacio, nem Boileau, nem Gœthe. A poesia, essencia fétida ou aromatica da litteratura, é a expressão de uma época. «O feio é o bello, e o bello é o feio». *Fair is foul, and foul is fair,* diz Shakespeare. Hontem cantava-se a sociedade dyspeptica em uso de figados de bacalhau; hoje canta-se a sociedade pôdre em uso do proto-iodeto de mercurio.

*

Se a tranquillidade publica perdeu ou ganhou com o desuso do sentimentalismo é outra questão. Creio que a sociedade lucrou em peso e perdeu em feitio. A mulher, amada do poeta e conhecida como tal, tinha certo prestigio, e uns aromas particulares das grinaldas de rimas que lhe ajardinavam o salão, a alcôva, a igreja, o theatro, o passeio, a praia e os sonhos — sobretudo os sonhos quando não procediam das cêas copiosas. Estes aromas adelgaçavam-lhe o espirito; ellas viam as cousas da vida a uma luz electrica; tinham a pallidez eburnea das Ophelias

cuidadosas dos seus doidos contrafeitos, ás vezes sandeus legitimos; sabiam traduzir Telemacho e os segredos da lua; mas não conheciam o processo de fazer bons caldos e marmeladas. Depois, as que entraram pela infiltração do matrimonio na substancia do poeta, cahiram em si pasmadas e scepticas, quando viram os maridos preferirem a uma MEDITAÇÃO de Lamartine um prato de esperregado. Elles é que as despoetisaram, os maridos, pedindo-lhes caldo substancial em vez de um

riso
liso,

como diz a trova.

E as esposas, com o espirito engordurado da gula dos maridos, ensinam ás filhas o desprezo da velha poesia; e, quando as colhem de assalto embebidas no extase d'um moço magro e macilento, dizem-lhes: «Vosso pai tambem assim era delgado e pallido antes de casar; mas depois, com os caldos fortes, engordou.» Estas palavras são o epitaphio do lyrismo escripto no seio da

geração nova. Toda a menina que prevê a poesia fluctuante do esposo consolidada em tecido cellular, prefere as fórmas finas e flexiveis de um marido sem exame de instrucção primaria.

*

Tudo o que nos alegra, poema ou tolice, é um raio da misericordia divina. Das poesias d'este **Cancioneiro** póde dizer-se o que o conde de Chevigné dizia dos seus CONTES REMOIS:

> J'ai, pour guérir, des recettes certaines;
> Chaque ordonnance est un joyeux récit.
> On souffre moins du moment que l'on rit.
> Je vous apporte un remède aux migraines.

Que ha de fazer a gente senão alegrar-se?— pergunta Hamlet: *What should a man do, but to merry?*

A seriedade é uma doença, e o mais sério dos animaes é o burro. Ninguem lhe tira, nem com afagos nem com a chibata aquelle semblante cahido de mágoas reconditas que o ralam no seu peito. Ha n'elle a linha, o perfil do sabio re-

fugado no concurso ao magisterio, do candidato á camara baixa bigodeado pela perfidia de eleitores que, saturados de genebra e Carta constitucional, desde a taberna até á urna, fermentaram a chrysalida de consciencias novas. O burro é assim triste por fóra; mas é feliz por dentro, e riria dos seus homonymos, se pudesse igualal-os na faculdade de rir, que é exclusiva do homem e da hyena, a qual ri com umas exultações ferozes tão authenticas como as lagrimas insidiosas do crocodilo.

N'estes ramilhetes de poesias não ha flôres para jarras de altares nem de jazigos. Umas, são a facecia antiga portugueza, sinceramente lôrpa e boa; outras, são a ironia moderna, o riso amargo da decadencia que espuma fel pelos labios lividos. *On ne rit plus aujourd'hui, on ricane* (diz Léon la Forêt). *Si l'on fait parfois de l'esprit, c'est de l'esprit facile, au dépens du prochain. On ne rit plus que pour mordre, et le plus grand poëte de notre triste temps pourrait lui appliquer ce vers, où il ne voit dans le rire qu'une menace:*

D'une bouche qui rit on voit toutes les dents.

O leitor tem entre mãos o livro mais consolador que se lhe poderia offerecer no mais triste periodo das artes, das letras e das industrias honestas em Portugal.

Quando se reformar o Curso superior de letras com todas as disciplinas indicadas urgentemente pelas necessidades da sciencia moderna, e se crear uma cadeira de Poesia patusca, este **Cancioneiro** será a Selecta do curso.

E o alumno então, a impar dè ontologia e anthropologia, como se comesse o indigesto snr. Theophilo e mais dous marmelos crus, irá á aula dos saudaveis risos tonisar a arca do peito de ar bem oxygenado de chalaças luso-brazileiras.

S. Miguel de Seide, 1 de janeiro
de 1879.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

CANCIONEIRO ALEGRE

GUERRA JUNQUEIRO

Lisboa faz e desfaz, com a mesma sem-ceremonia, os grandes poetas. É a moderna Jerusalem dos judeus antigos. Recebe em Santa Apolonia com hossanas e fados os pregoeiros da Idéa Nova em prosa e verso. Depois enfastia-se d'elles, cae em si, chama-se tola, e cruoifica-os. E elles, os crucificados, chamam-lhe *Lourinhã;* e, se não receassem ferir conveniencias pessoalmente topographicas, chamar-lhe-hiam *Freixo-de-Espada-à-Cinta.*

Lisboa encerra entre os seus marmores e granitos grandes cabeças antigas; mas paradas como os preciosos relogios de Luiz XIV — monumentos em bronze com verdete, e em craneos

descabellados. Uns litteratos que já foram de maço e mona estão nas secretarias, estão nas suas casas a comer o paiz, a descascar os joanetes e a envelhecer n'um egoismo sordido. Tolhe-os uma desdenhosa indifferença por cousas litterarias. A Idéa Nova de vez em quando cita-os para os enxovalhar. Mendes Leal é o *vate*, Latino Coelho é o *rhetorico*, Antonio de Serpa é o cytharista dos *solàos* de 34. Como que esbatidos para dentro da idade média, nem são respeitados nem temidos na sua indolente cobardia.

Ora, cada jornal tem uma cellula em que esfervilha um recheio de ignorancia hostil á auctoridade. D'estas fermentações fumegam os effluvios, que, um dia, incensaram Theophilo, e n'outro dia Guerra Junqueiro. Os escriptores sérios a quem cumpria retardar pelo menos com o cauterio da zombaria o lavrar do cancro, esses fazem da politica uma philosophia de mais e um prato a maior na sua mesa. Para não comerem favas, trocam por lentilhas a dignidade das letras. São desprezados como merecem.

O snr. Guerra Junqueiro é actualmente um poeta inspirado de si mesmo. É o pellicano que se bica e pica nos seios da sua alma e sangra de lá a seiva de syllabas com que alimenta os seus filhos queridos — os alexandrinos. Ha onze annos, todavia, não era elle tão estremadamente

original. Modelava-se por mestres de auctoridade e gosto muito equivocos, e não se dedignava de subscrever poesias triviaes surradas d'um rococo patriota e chôcho.

Não é mau exemplificar, quando se põe um grão de helléboro na ambula com que me proponho engrossar os vapores do incenso que o trazem endeusado em fumo desde a Casa Havaneza até ao Pote das Almas, e d'ahi pelo resto da Peninsula dentro.

Em 1867, o snr. Guerra Junqueiro deu á luz um livrinho de versos, chamado VOZES SEM ECHO. A pag. 125 e 126 d'este opusculo ha umas quadras (improviso) intituladas *Na cruz alta do Bussaco.*

Agora, outra cousa:

Na GUIA HISTORICA DO BUSSACO por Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 220, ha umas quadras (improviso) intituladas *Bussaco,* datadas em 1862, e assignadas Luiz Carlos.

Confrontem-se:

Luiz Carlos, em 1862:

NO BUSSACO

(IMPROVISO)

Foi aqui, foi aqui que o *povo* lusitano
O trilho da victoria achou mais uma vez;
Foi aqui que, gemendo, as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez!

Parece-me inda ouvir o grito dos vencidos,
O estrepito da lucta, as vozes do canhão;
Parecem retumbar ainda a meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão!

Meus olhos cuidam vêr o aspecto magestoso
D'aquelles que o pendão da patria defenderam!
O canto da floresta, um canto grandioso,
É hymno de triumpho e nenia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Tranquillos repousai da ingente heroicidade:
Raiou de vossa campa a deslumbrante aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

Guerra Junqueiro, em 1867:

NA CRUZ ALTA DO BUSSACO

(IMPROVISO)

Foi aqui, foi aqui que o *braço* lusitano
Os livros da victoria *abriu* mais uma vez!
Foi aqui, *foi aqui* que as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez.

Parece-me inda ouvir o grito dos vencidos,
O *estrondo* da *batalha, os roncos* do canhão!
Parecem *reboar* ainda aos meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão.

Nos robles estou vendo o vulto valoroso
Dos nossos que o pendão *das Quinas* defenderam!
O canto da floresta, *altivo, rumoroso,*
É hymno de triumpho, *é* nenia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Das lides descançai na santa eternidade:
Raiou de vossa campa *uma sublime* aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

Á primeira vista, figurou-se-me que o snr. Guerra Junqueiro, ainda verde, escrevesse em 1862 com o pseudonymo *Luiz Carlos;* e cinco annos depois, inscrevendo-se com o seu já maduro e genuino nome, emendasse a poesia, substituindo as palavras que sublinhei.

Sendo assim, é de notar que as emendas peoraram as quadras; mas assim não foi. *Luiz Carlos* não é pseudonymo: é o snr. bacharel Luiz Carlos Simões Ferreira, redactor que foi do *Instituto* de Coimbra, e auctor de alguns poemas bons, impressos n'aquelle semanario desde 1862 até 1864.

Vê-se pois que ha dez annos ainda o snr. Junqueiro se acingia á auctoridade, tinha predilecções por certos exemplares, perfilhava dezeseis rimas de quatro quadras feitas por Luiz Carlos e improvisadas por elle, snr. Guerra, porque as rimas são de toda a gente; e Miguel do Couto Guerreiro, quando fez um DICCIONARIO DE CONSOANTES, não disse que era dono das consoantes como das suas botas e do seu nariz. Pelo que respeita á analogia das idéas dos dous improvisos, o reparo seria uma niquice. Guerra Junqueiro servia-se então dos pensamentos communs e encontradiços; o thesouro das cousas originaes abriu-o mais tarde, quando as FLORES DO MAL de Baudelaire se desabotoaram no bom guano

que lhe offereciam os espiritos tábidos da juventude patria.

A MORTE DE D. JOÃO é uma desova de toda a sua originalidade franceza. Tem cousas de tanto chiste que bem se está revendo n'ellas uma graça estrangeira. O que mais realça n'este livro é o que nos faz rir á custa das desgraças sociaes, á custa da lepra do vicio, por conta do diabo « a quem quebraram os cornos », e á custa do Padre Eterno, que morreu primeiro que o « diabo derrabado ».

Este geito de poesia tem d'olho regenerar os costumes nacionaes — pondo o velho lyrismo fóra das alcôvas corrompidas pelo madrigal. A maneira de virginisar os corações das mulheres cancerados pelo sentimentalismo de Vidal e d'outros eroticos é dar-lhes Imperia, como escarmento, leprosa e hydropica, com chagas na cabeça e pustulas vermelhas, porque

A syphilis bestial roeu-lhe as sobrancelhas.

Este quadro deve fazer arripiar carreira a muita menina incauta que está ouvindo a guitarra de D. João á porta das tabernas do Borratem: e não é para admirar que as excoriações que mancham as epidermes do Bêco da Agua de

Flôr venham a desvanecer-se com o uso d'este poema e do sublimado corrosivo.

Contra os poetas sentimentalistas articula galantemente o snr. Guerra Junqueiro no prefacio da segunda edição do seu poema: «Os poetas sentimentalistas cantam trezentas meninas n'um livro de duzentas paginas, menina e meia por pagina, e sendo essas meninas as vossas irmãs, as vossas filhas e as vossas esposas (porque eu não posso acreditar que taes declarações sejam feitas a meretrizes), os bardos dizem-lhes cousas de tal modo indecentes que se fossem pronunciadas no meio da rua, seriam presos pela policia, e, apesar d'isso, vós admittis esses trovadores nas vossas salas, o Estado condecora-os e a sociedade applaude-os. Ora de duas uma: as confissões amorosas que constam d'esses livros ou são verdadeiras ou falsas. Se são verdadeiras, isso equivale a uma confissão de réo, e portanto o poder judicial que proceda: levem Apollo á policia correccional; se são falsas, então n'esse caso revelam uma especie de nymphomania platonica e litteraria que vós deveis expulsar para sempre das vossas memorias, das vossas estantes e dos vossos pianos.»

Nymphomania, diz o poeta. Mas quem é que escreveu essas declarações amorosas e indecentes ás filhas e ás esposas dos leitores? Foi a

snr.ª D. Maria José da Silva Canuto? Seria acaso a snr.ª D. Maria Adelaide Fernandes Prata? Praticou tal excesso a snr.ª D. Maria Rita Chiappe Cadet? Se foram ellas que deram o escandalo d'esse delirio erotico, é anatomica e criticamente justo accusal-as de *nymphomania* platonica e sujeital-as a um tratamento lacteo e vegetal, banhos frescos, infusão de alface para bebida com sementes emulsivas de melancia e pepino. Porém, se os poetas sentimentalistas são homens, o dotal-os de *nymphas* o snr. Junqueiro é um hermaphroditismo que excede a alçada do seu poder creador, porque vai de encontro a todos os anatomicos desde Galeno até Bichat. Pela mesma razão, se aquellas tres referidas senhoras, na escandecencia do seu estro e paixão, começassem a enviar poemas fescenninos e lubricos ao snr. Guerra Junqueiro, s. exc.ª não poderia correctamente dizer que as tres damas soffriam priapismo platonico, nem aconselhal-as ao uso de clysteres camphorados e sanguesugas nas regiões circumvisinhas.

Em a *Nota* final da MORTE DE D. JOÃO, escreve o auctor com penna copiosa: «Em geral, o poeta moderno não comprehende o seu tempo. Ignora os resultados assombrosos da chimica, da geologia, da ethnographia, da linguistica.» O snr. Guerra Junqueiro, poeta modernissimo, diz mo-

destamente que ignora cousas que tomára eu sabel-as, como s. exc.ª, excepto a anatomia que elle descura, fazendo as nymphas communs de dous.

Quanto á linguistica, este seu poema dá testemunho de que o philologo é muito superior ao anatomico. Não está bojudo de vernaculidades rançosas nem impertigado nos espartilhos de uma severa grammatica; mas, em geral, quem tiver alguma leitura de livros francezes, percebe-o. Elle conhece os gallicismos — dil-o na *Carta* que precede as CARICATURAS EM PROSA de Luiz de Andrade — conhece-os; mas gasta-os no uso das suas idéas, porque « as palavras do seculo XV não servem para exprimir os pensamentos do seculo XIX. »

O auctor da MORTE DE D. JOÃO, se o forçassem a fallar com palavras de Luiz de Sousa, de Antonio Vieira e de Bernardes, calava-se, porque os pensamentos do seculo de Guerra Junqueiro não podem exprimir-se com palavras do seculo de D. Manoel. Por exemplo: quer s. exc.ª pedir n'um restaurante uma omelette. Decerto a não póde pedir como a Maria Parda de Gil Vicente pediria ovos fritos na taberna de Martim Alho. Claro é portanto que a palavra do seculo XV não exprime o pensamento do seculo XIX. Então era *ovos fritos,* hoje é *omelette.* E assim por

diante em tudo que intende com o paladar e com os quatro restantes sentidos corporaes. Já agora a gente só poderá expressar-se em portuguez castiço e fazer-se intender, se acertar de encontrarse nas explanadas infinitas das Ilhas Beatas do poeta Alceu com o historiador Fernão Lopes e com as poetisas Luiza Sigêa e Paula Vicente.

Mas o snr. Guerra Junqueiro n'um escripto mais recente inclina-se a julgar que a antiga lingua portugueza é necessaria a quem escreve no seculo XIX. Na apreciação dos romances do snr. Eça de Queiroz escreve judicioso: «Infelizmente Eça de Queiroz não conhece ainda todos os recursos brilhantes de que póde dispôr, manejada por um espirito moderno, a antiga lingua portugueza.» (*Occidente,* n.º 7). Parece, todavia, segundo estes dizeres, que esses recursos só póde dispôr d'elles um espirito moderno. Ha espiritos antigos que não sabem manejar os referidos recursos. Lucena e Camões escreveram para subsidiar os espiritos que bordam os matizes da idéa em bastidor francez; os espiritos antigos, se escrevem, esses, os jarretas, consultam Amaro Mendes Gaveta e o ALLIVIO DE TRISTES do padre Matheus Ribeiro.

O snr. Eça de Queiroz é mais bizarramente generoso com o seu amigo que o acoima de escasso na prosodia: «O grande poeta moderno

da Peninsula» (*Renascença*, pag. 18), escreve com a maior liberalidade geographica o auctor d'O PRIMO BAZILIO — o romance mais doutrinal que ainda sahiu dos prelos portuguezes.

Eu abundo nas dimensões que o romancista marca ao poeta no mappa da Europa. Vingo-me assim da onça do Escurial que nos mostra os velhos gryphos nos sorrisos de Fernandez de los Rios e Castelar. Os hespanhoes póde ser que venham a desnacionalisar-nos; mas, em materia de poetas e prelados, a primazia ha de ser sempre do snr. Guerra Junqueiro e do arcebispo de Braga.

Emquanto se fallar a lingua de Portugal, Algarves e d'além-mar em Africa, fusca Ethiopia e Guiné, dir-se-ha sempre:

D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo primaz;

Guerra Junqueiro, poeta primaz;

Ambos das Hespanhas.

N'este **Cancioneiro alegre** frizaria todo o poema do triumphante filho de Freixo-de-Espada-á-Cinta, porque não ha ahi pagina refractaria aos sorrisos discretos ou ás rinchadas dos risos que dão elasticidade á pleura e sacodem de sobre a alma o cisco das chimeras. Bom livro e bons livros quantos o snr. Guerra Junqueiro

florejar n'esta sazão das suas primaveras felizes, com a carne alegre, o espirito funambulesco e os ossos sem rheumatismo! *Laissez-les donc! c'est bien plus rigolboche!* é o estigma do estandarte que nos vai levando á treva inferior do utilitarismo e do asco infernal da Arte.

Com medo do snr. Junqueiro já ninguem ousa consagrar á mulher amada duas redondilhas. Os amantes que sentem um Petrarcha a vibrar-lhes a protuberancia da amatividade, abafam e morrem ineditos. Escassamente se remettem da provincia ás gazetas as dôres da alma com estampilha de vinte e cinco.

O snr. Guerra, flôr das Hespanhas, — o Musagete da occidental praia — fez calar todos os seus dominios intellectuaes — a Peninsula, incluindo Belem. Jayme, ultimamente, não nos ha dito o que lhe vai na alma. Como a poesia não póde espumejar do seio em trovas mais ou menos côxas, mas pudícas, os trovadores amordaçados, em vez de enroscarem as meninas nos alexandrinos, requestam-nas á unha; e pois que a alma não póde guindar-se pelas estrophes aos terceiros andares, iça-se pelos degraus de sêda. Quem tiver genio e tres francos para um Baudelaire senta-se na esteira dos prostibulos, e harpeja na guitarra a canção das chagas de *Imperia* e do nariz purpureo de *D. João.* E quem não puder

tomar pé n'esta angra de lama, contente-se em reatar na sua memoria o ramal de perolas que eu ao acaso tirei do guarda-joias do nosso «Christo da poesia», como lhe chama um tal snr. Oliveira Martins.—Que Martins este e que Christo aquelle!

Agora, e finalmente, sério:

O snr. Guerra Junqueiro tem legitimo direito a que os seus admiradores sensatos o denominem um *brilhante paradoxo;* porém, como arde em luz por demasia intensa e artificial á custa de espelhos ustorios, receio que se carbonise depressa e descambe de paradoxal a semsabor. Precisa de ter genio muito fecundo para equilibrar-se na maroma litteraria que escolheu. A poesia actual é uma bizarra peccadora: é a Cora Pearl um pouco já desbotada e com dous dentes postiços. Entrou em Portugal, onde tudo entra vinte annos depois que sae de França. Cora Pearl trazia um cravo encarnado no decote sujo: este cravo é o snr. Guerra Junqueiro. Ora eu, por mim, receio que elle perca o aroma, porque as flôres, em contacto com os seios calcinados d'essas mulheres, murcham depressa.

Mas conta-nos o poeta, no prefacio da segunda edição da MORTE DE D. JOÃO, que da primeira se venderam rapidamente 1:200 exemplares.

Quanto a isso, contarei ao snr. Guerra Junqueiro uma cousa de ranço antigo: Um grande poeta comico de Athenas, chamado Menandro, sabendo que o publico applaudira delirantemente uma comedia muito ordinaria e obscena de um versista chamado Philemon, procurou o versista applaudido, e perguntou-lhe: «Não te envergonhas dos teus triumphos?»

A MORTE DE D. JOÃO

(D. João olha para um canto e vê o Diabo escondido dentro d'um confessionario)

Que vejo eu, Senhor!
O archangelico principe das trevas,
O velho tentador
Das innocentes Evas;
O espirito orgulhoso,
O espirito revel
Que atirou para o céo esplendoroso
A ameaça da torre de Babel;
O heroe que andava em noites tenebrosas
A levantar cidades monstruosas,
Babylonias cyclopicas, estranhas,
Onde os gigantes ruivos, indomaveis
Construiam palacios formidaveis
No ventre das montanhas;
Elle, o chefe dos tragicos guerreiros,
O negro salteador
Que ia lançar o fogo nos mosteiros
Para roubar as filhas do Senhor;

E que entrava nas velhas abbadias
Despedaçando os tumulos reaes
E vertendo o falerno das orgias
Sobre as letras dos gothicos missaes;
O alegre tentador de fórmas várias
Que com lascivias morbidas, secretas
Ia tentar os pallidos ascetas
Á boca das cavernas solitarias;
Elle, o pagem que em noites luminosas
Ás castellãs dormentes, vaporosas
Ia cantar as languidas balladas;
E que ás vezes parava em seu caminho
Seduzindo as crianças virtuosas,
Que estavam descuidadas,
Fiando o alvo linho
Á beira das estradas;
Elle, o filho da treva e do peccado,
O orgulhoso da raça de Caim,
Até me custa a crêr que o veja assim
Repellente, grotesco, desdentado.
E que vida sombria, aventurosa
No seu nariz gigante,
Que parece uma tromba de elephante
Pintada com a côr da caparosa!
N'aquelle olhar cançado, metaphysico,
N'essas pupillas baças
Revelam-se as desgraças,
A hypocondria d'um macaco tysico.
É como um infeliz pelotiqueiro
Esguio, frouxo, velho, quasi nú,
D'esses que a gente encontra pelas praças
Vestidos em janeiro
Com um manto real de panno crú.

(Dirigindo-se ao Diabo)

Por te vêr sujo, escalavrado e roto,
Não me enganas, maroto,
Bem te conheço a ti;
Não me causas nem odio, nem horror;
Dize-me, pois: que vens fazer aqui?
Vens a buscar a alma do doutor?

O DIABO

Eu venho trazer a minha.
Ando já mesmo na espinha,
Sou como um figo maduro,
Um cão tinhoso, nojento
Que vai buscar o alimento
Ás podridões do monturo.

Os philosophos modernos
Foram lá baixo aos infernos,
Destruiram-me os telhados,
Deixaram-me a casa núa
E puzeram-me na rua
A pontapés. Que malvados!

Fui o exemplo dos reinantes;
Tive trezentas amantes
Mettidas no meu harem,
Como um illustre varão,
O frascario Salomão,
Que eu conheci muito bem.

Fui catholico-romano:
Tambem tinha um Vaticano
Onde os bons dos cardeaes,
Com theologia excellente,
Discutiam sabiamente
Peccados *originaes*.

. . . .

Quando cheguei a este mundo
Vinha roto, vinha immundo,
Cabeça núa e pés nús;
Que martyrio inda não visto!
Para o diabo ser Christo
Faltou-me apenas a cruz.

Fui a Roma. O padre santo
Mal me viu, banhado em pranto,
Logo me fez cardeal:
Vesti saiotes vermelhos,
E encobriram-me os chavelhos
Com a mitra episcopal.

Era eu quem dirigia
A sagrada mercearia
Do velho mundo christão;
E o pontifice entrevado
(Que bello homem! coitado!)
Chamava-me seu irmão.

Afinal, oh coisa incrivel!
Tornei o papa infallivel,
Tornei-o santo tres vezes;

Mas o bom senso do povo
Respondeu ao dogma novo
Como Cambrone aos inglezes.

Perdi tudo. Um bello dia
Ergueu o collo a heresia,
Como se diz nos jornaes;
Quebra depois um banqueiro,
E foi-se todo o dinheiro
Do papa e dos cardeaes!

(N'este ponto o Diabo enternece-se, as lagrimas saltam-lhe dos olhos e os soluços embargam-lhe a voz. Passados alguns momentos, continúa n'um tom grotesco e lastimoso):

E ao terminar d'esta vida
Aqui me vês sem guarida,
Morto de frio e de fome;
Não tenho casa, nem cama;
Já toda a gente me chama
Robert Macaire Gentilhome.

Quando passo nas estradas
Sou corrido com pedradas
Pelo povo.
Uns saltimbancos, ha dias,
Entre mil judiarias,
Tiraram-me um fato novo.

Esmurraram-me a corcunda,
Chamaram-me em lingua bunda
Coisas feias, coisas más,
E deram-me (que lembrança!)

Piparotes sobre a pança
E beliscões por detraz.

Depois, com risos ferozes,
Gritaram em altas vozes:
«Vamos tirar ao diabo
Os satanicos adornos!»
E um d'elles partiu-me os cornos
E o outro levou-me o rabo.

Ora aqui tens afinal
D'esta vida original
A abreviada noticia:
E acrescento-te em segredo
Que ando aqui com muito medo,
Sabes de quem? da policia.

Ha de haver coisa d'um mez
Furtei um lenço a um burguez,
Um rico lenço encarnado;
Ando mais morto que vivo:
Talvez por esse motivo
Não serei canonisado.

. . . .

A MORTE DE D. JOÃO

D. JOÃO

E não passa ninguem por esta rua!
Se o demonio da chuva continúa
Por mais um dia ou dois,
Jantarei como tu, Ezequiel,
Os estercos dos bois.
Antes eu fôra besta de aluguel
Ou sapo das latrinas,
Que não andava aqui pelas esquinas
Leproso como Job!
Ai que frio, que frio insupportavel!
Ó carne miseravel,
Custa-te bem a transformar-te em pó!
. . . .
E a caridade, a virgem da agonia
Que estende a mão aos pobres infelizes,
Hoje não sae de casa; a noite é fria
E tem medo aos pleurizes.
Fazes tu muito bem, ó caridade!

Que a chuva na verdade
Causa graves transtornos á saude;
Para prova que o diga o meu abbade,
E mais esse é um monstro de virtude...
Fazes tu muito bem! deixa-te estar
Ao canto do fogão
Com as irmãs a rir e a conversar
Nas modas da estação.
E adormecei nas languidas poltronas,
Ao narcotico som dos vendavaes,
Ó magras solteironas,
Desdentadas virtudes theologaes!

. . . .

Ó Deus forte, ó Deus justo, ó Deus clemente!
Para que eu seja um verdadeiro crente
Com muitissima fé nos teus assombros,
Tu, que fizeste já parar o Sol,
Digna-te, ó Deus, lançar n'estes meus hombros
Um capote hespanhol!
É um milagre tão facil, tão vulgar
Que qualquer alfaiate o arranjaria,
Co'a simples condição de lh'o pagar.
E é teu dever, ó filho de Maria,
Dar um allivio prompto ás nossas dôres;
Para isso te rezam de mãos postas,
E te trazem ás costas
Em cima dos andores.

. . . .

Homens e deuses tudo está perdido!
E em vão contemplo a abobada celeste,
A vêr se cae o enxofre derretido.
Para curar a peste,
A peste que nos mata,

Já não basta o enxofre, é necessario
O nitrato de prata.
Hoje o homem, ó martyr do Calvario,
Está mais pôdre do que um velho escriba;
Queres regenerar os corações?
Não nos mandes sermões,
Manda-nos copahíba.
E até mesmo no crime e no deboche
A humanidade é chata e pequenina:
Que vale a Rigolboche
Ao pé de Nero e ao pé da Messalina!
Os juizes agora
São muito mais baratos
Do que foram outr'ora
No tempo de Pilatos.
Os dandys dissolutos,
Rachiticos pagãos,
Tem medo a Jehovah,
E incendeiam charutos
Por não poder incendiar christãos,
Que é coisa que não ha.
Os paes são os negreiros
Das suas proprias filhas;
Os gordos mercieiros
Vendem as consciencias por lentilhas.
Ai, que frio! que horror!
Se eu ainda tivesse consciencia,
Ai, que frio!....comprava um cobertor.
. . . .
Fugiu do mundo a candida innocencia.
Desgraçada donzella!
Ha quasi seis mil annos
Não tornamos a ter noticias d'ella.

Tambem pouco me importa; eu, afinal,
Mesmo sem paraiso terreal,
Acharia esta vida muito linda
Se não houvesse ainda
A tolice do Codigo Penal.
Ha tempos para cá eu tenho andado
Quasi constantemente
Pelas prisões do Estado;
E é uma coisa indecente,
Uma coisa exquisita
Que vá prender-se um homem simplesmente
Por ter furtado uma mulher bonita.
E além d'isso a mulher de que se trata
Não era ahi nenhuma aristocrata,
Era apenas a filha de um barbeiro
E, ainda mesmo assim,
Não era para mim,
Foi para um brazileiro.
E por isso, eu o juro,
Não tornarei a ser alcoviteiro.
Pedir esmola é muito mais seguro;
Tenho uma chaga preta
No sitio onde devia
Trazer uma grilheta.
Esta chaga é o pão de cada dia.
Ando a mostral-a sempre ás multidões
Psalmeando lamurias gutturaes;
Rende diariamente tres tostões,
E nos domingos talvez renda mais.
Eu digo d'esta chaga o que alguem disse
Do Deus immaculado:
Se ella não existisse,
Já a tinha inventado.

. . . .

Que horror, que horror! os ventos infinitos,
Os ventos penetrantes,
Malditos!
Riem como estudantes
Ás grossas gargalhadas,
E atravessam-me a carne apodrecida
Como um milhão de espadas.

. . . .

Sinto exhalar da lampada da vida
O ultimo perfume...
Ó burguezes! quem compra D. João?
Quem quer fazer estrume?
Meu velho coração
Pára como um relogio;
Escrevei-me depressa o necrologio,
Ó menestreis da moda,
Bardos do romantismo!
Vou apagar a luz que me incommoda
E mergulhar no abysmo.
E tu, ó sociedade,
Ingrata concubina!
Se me não lanças pão, faz'-me a vontade,
Lança-me strychnina.
É um remedio seguro
Para quem traz o estomago vazio...
Oh que frio! que frio!
Partam-me esta cabeça contra um muro,
Que eu não posso soffrer nem um instante
A dôr que me consome...

IMPERIA

D. João, ó meu amante,
Diz'-me, que tens!...

D. JOÃO *(expirando)*

Não é remorso... é fome.

FERNANDO CALDEIRA

Ácerca de pés, poesia tão imbrincada, tão fagueira, tão dengue, com tantos suspiros e aromas e beijos e quindins, ninguem a urdiu como este poeta. Fazer de um composto do tarso, metatarso, phalanges, musculos, nervos e cartilagens um tecido de phrases tão ternas e languidas, isso, para mim, tem mais engenho e poesia, mais ideal e esthetica, mais perrexil e atavios que os dous pés reaes da dona do pé cantado.

Esta poesia em Inglaterra seria inverosimil. Ninguem diz em Inglaterra *pé grande:* evitam-se cautelosamente os pleonasmos n'um paiz onde o tempo é dinheiro, e as palavras de mais são desperdicio. Tenho a collecção dos poetas britannicos de Samuel Johnson. São 68 tomos. Pois

não ha poeta, um só, que cante um pé de ingleza, nem de ninguem.

O proprio Byron, posto que desdenhoso da sua patria, respeitava por tanta maneira os pés das senhoras suas patricias que, nas poesias enviadas ás suas amadas italianas, ou lhes não fallava nos pés, ou se a rima o obrigava, abstinha-se de lhes chamar pequenos. Aqui tenho um exemplo á mão. É uma poesia á condessa Guiccioli, que devia ter um pé benemerito das caricias de Fernando Caldeira. Diz Byron, com os olhos postos no rio Pó: «A corrente que meus olhos seguem irá lamber as muralhas da sua terra natal e murmurar-lhe aos *pés.*»

The current y behold will sweep beneath
Her native walls, and murmur at her feet.

Feet sómente. Um poeta qualquer, que não fosse insular e um pouco côxo, não deixaria de adjectivar aquelles pés. Parece que os metteu na estancia por causa da rima *eath.*

Ainda bem que o meu prezado Fernando Caldeira floresce n'uma região em que, se por capricho quizer cantar um pé grande, tem de passar com a phantasia o canal da Mancha.

UNS PÉSINHOS

Scismo, scismo e não sei inda
como tu, sendo tão linda
e tão vaidosa de o ser,
tens ahi no chão pousados
os teus pésinhos, coitados!
ahi como uns pés quaesquer!...

Eu não sei, não comprehendo
quando te vejo correndo,
mesmo que vás devagar,
como uns pés tão pequeninos,
tão delicados, tão finos,
assim te podem levar!

Faz-me pena, coitaditos!
tão galantes, tão bonitos
vêl-os assim pelo pó!...
Muita pena!... ainda ao menos
se não fossem tão pequenos...
mas assim faz mesmo dó!...

Ainda se toda a estrada
te fosse ao menos juncada
de rosmaninho e alecrim,
como a santa da capella
quando sae no andor, mas ella
nunca teve uns pés assim!...

Olha! ás vezes endoudeço
quando t'os vejo, e appeteço
duas semanas... um mez...
dois mezes... nem sei eu quanto,
ser um sapato, comtanto
que tu me tragas nos pés!...

Ás vezes, quando á tardinha
tu vaes scismando sósinha
por sobre a relva ao de leve,
suspira cada folhita
d'inveja a mais pequenita
que o teu pésinho conteve!

E se páras distrahida
junto d'alva margarida,
ou malmequer, ou bonina,
faz gosto vêr o geitinho
com que a flôr torce o pésinho
e sobre um dos teus s'inclina!

Que amor! que amor, oh meu Deus!
e não é por serem teus
que os amo tanto, não é...
Esse teu pé pequenino
foi obra d'algum destino
que eu tenha de amar um pé.

Mas ai! são tão desdenhosos!
mostram-se assim descuidosos,
mas eu conheço, eu bem sei...
mil beijos, que me rejeitam,
nem por tapete os aceitam,
pobre de mim que os sonhei!

E verás que dentro em pouco
nem sei da cabeça, louco
por elles... e seus desdens!...
Que tu tambem, coitaditos!
tens uns pés tão pequenitos
que por um triz que os não tens.

Esconde-me esses traidores,
esconde-m'os. Seductores!...
nem são pés, são um feitiço!...
Esconde-me esses ingratos,
nem as pontas dos sapatos
quero vêr-lhes, antes isso.

Que hei de eu fazer, quando os vejo,
a tanto faminto beijo
que t'os quizera calçar?
que nem os peixes no rio
se juntam tantos a fio
na veia d'agua a brincar?

S'inda fosse a tua meia
d'estes peixes rêde cheia
quando a fosses a vestir,
e em cada malha embrulhado
ficasse bem emmalhado
ao menos um sem cahir!

Ou, ao menos, se as pedrinhas
onde os pões quando caminhas,
fossem todas beijos meus,
que, nem indo a pé descalço,
puzesses um pé em falso...
mas assim!... valha-me Deus!

Olha, a dizer-te a verdade,
eu acho que é crueldade
deixal-os ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos,
levo-te a ti n'um dos braços,
e elles ambos n'outra mão.

JOÃO DE DEUS

É sempre admiravel, excepto quando rima versos d'este feitio, como em uma estrophe da poesia *Dinheiro:*

> ... E a cegueira da *justiça,*
> Como elle a tira n'um ai!
> E sem pegar n'uma *pinça:*
> É só dizer-lhe: ahi vai...
> Operação *melindrosa*
> Que não é lá qualquer *coisa...*

Diria Molière:

> *Je soutiendrai, morbleu, que ces vers sont mauvais,*
> *Et qu'un homme est pendable après les avoir faits.*

Enforcado, não; mas admoestado pela critica devia têl-o sido o grande poeta, para que nas FLORES DO CAMPO, pag. 148, 2.ª *edição correcta,* não reapparecessem tamanhas incorrecções.

Houve um homem que lhe queria muito. José Cardoso Vieira de Castro — aquelle meteoro que se exsolveu em lagrimas, e cobriu com o seu cadaver a nodoa que ellas puzeram na lama onde cahiram — dizia-me: «Se visses João de Deus, amava-l'o; se o ouvisses, adorava-l'o.»

Conheci-o.

Elle tinha sahido da urna de um circulo do Algarve. Era deputado pelos processos ordinarios. Sahira do mesmo ventre que gerára o snr. José de Moraes — ventre da Carta, laxo, descahido, pilharengo, distendido pela abundancia dos partos. Visto das galerias, não me pareceu mais poeta que o snr. Arrobas. Estava sentado com as côxas horisontaes, o tronco perpendicular e as pernas verticaes, com os pés em baixo e a cabeça em cima: tal qual como o snr. Arrobas, como o snr. Thiers e como Washington. Tinha entre mãos um papel impresso, que lhe entregára um sujeito de calções, trajado como os criados nos dramas, que entram com uma salva de lata e dizem: «Uma carta da senhora marqueza para o senhor conde.» O papel que João de Deus lia, poderia ser a edição folio dos CHATIMENTS, se não fosse o *Diario das Camaras* — especie de bibliotheca economica do corpo legislativo e dos salchicheiros, a 250 reis a arroba. Figurou-se-me por momentos que á volta e por cima da sua cabeça

resplendia uma grinalda, ou aureola, ou turbante musulmano branco e côr de rosa. Miragem de myope. Era o semblante açafroado e a calva brunida e espelhenta como o aço de uma joalheira do Cid campeador, pertencentes a um corpulento abbade do Minho que estava sentado atraz do poeta, e alçava com impetos a cabeça, toda attenção e orelhas, para não perder alguma das perolas que o snr. Martens desprendia do labio uberrimo, atirando-as áquelle abbade particularmente.

Sahi pois de S. Bento sem vêr o João de Deus de Vieira de Castro.

D'ahi a dias apresentou-m'o no Passeio do Rocio o snr. Luciano Cordeiro — litterato bom e industrial sagaz, a quem se devem dous livros de sã e ruidosa critica que não melhoraram o espirito publico, e a implantação exotica dos americanos que deu movimento passivo á materia inerte dos lisboetas. Não me pareceu ainda então o poeta um homem extraordinario. Eu esperava que elle, alteando o peito e cruzando os braços, passeasse os olhos no azul e nas papoilas dos taboleiros; e assim, na attitude dos inspirados, me declamasse um improviso ácerca do Neptuno do lago, que parece estar procurando com o tridente no fundo da sua tina os miolos da camara municipal. No dia seguinte encontrei-o

no Martinho. Disse-lhe que tratasse de collocar-se bem emquanto era deputado, repeti-lhe todas as trivialidades que se expectoram contra a poesia considerada como substancia alimenticia, que eu puz abaixo da batata e um pouco acima dos tremoços. Depois, disse-lhe que eu tinha a tenia, e elle recommendou-me com grande vehemencia de gestos e convicções o uso das pevides de abobora-menina.

Passados annos, tornei a vêl-o na rua da Prata. Já não era deputado, nem tinha posição. Era poeta, poeta sómente, o primeiro d'esta geração, em que ha muitos segundos excellentes — a mais distincta vocação lyrica de Portugal, o herdeiro do melhor ouro de Bernardim Ribeiro e Camões, acendrado, defecado das ligas que lhe desprimoravam os antigos quilates. João de Deus não tem escóla. É ELLE, com uma individualidade tão caracteristica e sua, que ninguem ainda logrou imital-o, excepto Manoel Duarte de Almeida que porventura se identificou pela admiração á indole de João de Deus. Para assomos de razão e raptos de alta philosophia o maximo poeta foi Claudio José Nunes; para os de coração é elle, o mestre de meninos que devia começar por onde acabou: primeiro, ensinar a lêr o paiz; depois, publicar os seus deliciosos poemas.

THEATRO DE LISBOA

Os versos não me dão bastantes meios
De me gozar das distracções que ha:
Por isso annuncios de theatro, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá.

Porém succede ás vezes que um amigo,
Que tem namoro ou que o deseja ter,
Não vai, diz elle, se não fôr commigo,
E eu vou com elle... para o entreter.

N'um d'esses casos raros... porque em summa
O meu forte não é o lupanar,
Fui com um d'elles assistir a uma
D'essas peças que ahi costumam dar.

Se o *Barba Azul,* não sei; era notavel,
Mas não me lembra; lembra-me que ao pé
Ficava uma familia respeitavel:
— Mãi, duas filhas, pai ou o quer que é.

Ellas, as tres, a qual mais elegante;
Com tanta coisa, que eu não sou capaz
De deslindar aquillo, só por diante;
E fóra o que levavam por detraz.

Elle, calvo, figura magestosa,
Ar de capitalista portuguez,
Com seus botões de pedra côr de rosa
Em punhos postos a primeira vez.

Contemplava eu o quadro, arrependido
De me não ter achado com valor
De conquistar as honras de marido
E a gloria de ser pai, ou de o suppôr,

Quando vem uma das comediantes
E por esta engraçada exclamação:
« Se vossê é seu pai, já muito antes
Ella era minha filha... Saiba então! »

Elle começa a rir assim d'esguelha
Para a mulher que estava muito sonsa;
A mãi desata a rir para a mais velha
Que desatou a rir para a mais moça.

E eu... para todas tres; por achar graça,
Não só no dito, mas ainda mais
No chiste, na pilheria, na chalaça
D'aquellas filhas e d'aquelles paes!

A Escriptura Sagrada
Lá diz que uma mulher má
Não ha fera, não ha nada
Peor no mundo: e não ha.

Uma lá da minha aldeia,
Que era muito impertinente,
Muito má (e muito feia),
Morre um dia de repente.
Morreu; desgraçadamante
Mais tarde do que devia;
Mas em summa toda a gente
Teve a maior alegria.

Passados annos (é boa!)
Foi-lhe preciso ao coveiro
Abrir a cova, e achou-a
Ainda de corpo inteiro,
Ainda rosas na face,
Ainda signaes de vida...
Milagre, coisa sabida.

Pois mais fresca que uma alface
Ha tanto tempo enterrada,
Devendo estar reduzida
A pó, terra, cinza e nada...

Vem dar parte; e corre vêl-a
O povo atraz do prior;
E passam logo a trazel-a
Em cima do seu andor
E a pôl-a n'uma capella
De grande veneração;
(Elles ás costas com ella,
E elle a cantar canto-chão);
Mas seja lá o que fôr,
O que é certo e mais que certo
É que santa como aquella
E nem de mais devoção,
Não ha por alli tão perto.

E dizem que não ha santos
Como nos tempos passados!
É cá opinião minha
Que muitos (quantos e quantos!)
Que ahi morrem desprezados,
Se não são canonisados
É que está cheia a *Folhinha.*

DIOGO DE MACEDO

É um dos bons poetas que esmalta o parlamento actual. São bastantes. Se se combinassem, poderiam dar o *Diario das Camaras* em quintilhas, ou redigirem um lindo semanario intitulado *A lyra de S. Bento,* 10 reis, vale a pena. E outrosim illustrarem o periodico com veras effigies dos Isocrates em grupos, e charadas e estudos sobre a lingua para uso da casa. O snr. Macedo entra no parlamento com a fé robusta dos homens novos e com bom carcaz de adjectivos lancinantes. Se tiver occasião de os flammejar contra o snr. Arrobas, peço-lhe que o reduza a meias onças.

ILLUSÕES

Ella, que eu não julgo feia,
possue a pupilla azul
e dá sempre certa ideia
das filhas de John Bull.

Os bons pintores de França
coloriram-lhe o cabello...
Que trança de ouro! que trança
se os seios não fossem gelo!

Seduz quando se lhe vê
do collo a brancura, e emfim
tem de alvos lirios o pé
e a mão é como um jasmim.

Ninguem no mundo presuma
sonhar beldade maior;
nasceu n'um lençol d'espuma
depois de um sonho de amor.

É pena ter, como a face,
o seio desfeito em neve:
por mais que á porta se passe
a sorrir jámais se atreve!

Esbanjei tempos immensos
no fervor de remiral-a
e, apesar dos meus insensos,
nunca chegámos á falla.

Por fim mais me aproximei
um dia pelo sol posto
e então com pasmo notei
que era pintura o seu rosto.

Fez-lhe o vestido a Férin
de um estofo um pouco espesso,
mas logo vi muito bem
uma boneca de gesso.

Uma boneca de sala,
inerte, desanimada,
sem luz, sem vida, sem falla,
uma boneca e mais nada!

GIL VICENTE

Descobri o sitio onde elle nasceu em Guimarães. Já o disse ao paiz em uma novella, e ninguem fez caso d'isso. El-rei não me deu o habito de S. Thiago, que eu tinha d'olho. Tambem eu desisti, por vingança, de fazer saber a el-rei e ao paiz onde nasceu Manoel Mendes Enxundia.

Dos peitos nobres a vingança é esta.

Era filho de Martim Vicente, ourives, e neto de Fernão Vicente, sapateiro, morador no Casal da Lage, freguezia de Santo Estevão de Urgezes, nos arrabaldes da antiga Guimarães, Gil Vicente é o creador da grande e gordurosa chala-

ça lusitana em dialogo, e o revelador da linguagem usada na côrte de D. Manoel, e nas alcovas das rainhas quando ellas davam á luz os seus infantes ou festejavam o natalicio do Menino Jesus. Como só temos impresso o vocabulario d'esse seculo nas obras de Gil Vicente, e nos falta a chronica dos costumes da vida intima, não sabemos se o comportamento das familias era candido como os seus dizeres. As rainhas riam muito quando assistiam ao parto d'uma personagem em scena, ajudado pelas pitorescas reflexões da parteira que, em presença de suas altezas, fazia o mesmo que fez o philosopho Alcidamas, com o mais cynico desvergonhamento, no banquete do grego Luciano. Com tal baptismo, raiou a arte scenica em Portugal, e não ha confrontal-a com os *Mysterios* francezes e italianos, com os *Milagres* em Inglaterra, e com as comedias de Nabarro, impressas em Napoles em 1517.

Gil Vicente sahiu da idade média com toda a sua originalidade estreme e crua.

Precederam-no em Hespanha as ECLOGAS de Juan de Encina, cousas insulsas que não tem vislumbre das facecias nativas do auctor da RAVENA e dos AUTOS DA BARCA. A sua originalidade era de tal quilate que não houve poeta christão que atacasse os frades com tamanhas

pulhas. Foi por isso que o hereje Desiderio Erasmo estudou a lingua portugueza para o entender.

Gil Vicente não se lê fóra de um circulo estreito de curiosos e letrados. O archaismo e a indecencia afastam-no de praticar com senhoras mais melindrosas que as damas da rainha D. Leonor, e com pessoas menos lidas na velha linguagem. Nós temos sómente dos seculos XVI e XVII dous gigantes — um que roça com a fronte a maxima elevação da originalidade: é Gil Vicente. O outro, Camões, imitou muito; mas coloriu com tanto amor e tanto engenho, e matizes tão portuguezes que o somenos merito dos LUSIADAS é a urdidura trivial. Gil Vicente, se fosse tão lido em Virgilio, Plauto e Terencio como Luiz de Camões, teria escripto a EUFROSINA e a AULEGRAPHIA — semsaborias classicas de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

AUTO DA BARCA DO INFERNO

Entra um frade com uma moça pela mão, e vem dançando, fazendo a baixa com a bocca, e acabando, diz o

Diabo.	Que é isso, padre? que vai lá?
Frade.	*Deo gratias!* São Cortezão.
Diabo.	Sabeis tambem o tordião?
Frade.	É mal que me esquecerá.
Diabo.	Essa dama ha de entrar cá?
Frade.	Não sei onde embarcarei.
Diabo.	Ella é vossa?
Frade.	Não sei;
	Por minha a trago eu cá.
Diabo.	E não vos punham lá grosa,
	N'esse convento sagrado?
Frade.	Assi fui bem açoutado.
Diabo.	Que coisa tão preciosa!
	Entrai, padre reverendo.
Frade.	Para onde levaes gente?
Diabo.	Para aquelle fogo ardente,
	Que não temestes vivendo.

Frade. Juro a Deus que não t'entendo:
E este habito não val?
Diabo. Gentil padre mundanal,
A Berzebu vos commendo.
Frade. Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesus Christo,
Qu'eu não posso entender isto:
Eu hei de ser condemnado?
Um padre tão namorado,
E tanto dado á virtude?
Assi Deus me dê saude,
Que estou maravilhado.
Diabo. Não façamos mais detença;
Embarcai, e partiremos;
Tomareis um par de remos.
Frade. Não ficou isso n'avença.
Diabo. Pois dada está já a sentença.
Frade. Pardeos, essa seria ella!
Não vai em tal caravella
Minha senhora Florença.
Como! por ser namorado,
E folgar c'hũa mulher,
Se ha de um frade de perder,
Com tanto psalmo rezado?
Diabo. Ora estás bem aviado.
Frade. Mas estás bem corregido.
Diabo. Devoto padre e marido,
Haveis de ser cá pingado.
Frade. Mantenha Deus esta c'rôa!
Diabo. Ó padre frei Capacete!
Cuidei que tinheis barrete.
Frade. Sabei que fui da pessoa.
Esta espada é rolôa,

E este broquel rolão.
Diabo. Dê vossa reverencia lição
D'esgrima que é coisa boa.
Frade. Que me praz, dêmos caçada. *(Esgrime).*

Vem uma alcoviteira, por nome Brizida Vaz, e chegando á barca do inferno, diz

Brizida. Ó da barca, ólá!
Diabo. Quem me chama?
Brizida. Brizida Vaz.
Diabo. Eia, aguarda-me, rapaz:
Porque não vem ella já?
Comp. Diz que não ha de vir cá,
Sem Joanna de Valdeis.
Diabo. Entrai vós e remareis.
Brizida. Não quero eu entrar lá.
Diabo. Que saboroso arrecear!
Brizida. Não é essa barca a que eu cato.
Diabo. E trazeis vós muito fato?
Brizida. O que me convém levar.
Diabo. Qu'é o que haveis de embarcar?
Brizida. Seiscentos v..... postiços,
E tres arcas de feitiços,
Que não podem mais levar.
Tres almarios de mentir,
E cinco cofres d'enleios,
E alguns furtos alheios,
Assi em joias de vestir,
Guarda-roupa d'encobrir:
Emfim casa movediça,
Um estrado de cortiça,
Com dez cochins d'embair,

A mór cárrega que é,
Essas moças que vendia;
D'aquesta mercadoria
Trago eu muito á bofé.
Diabo. Ora ponde aqui o pé.
Brizida. Ui! eu vou p'r'o Paraiso.
Diabo. E quem te disse a ti isso?
Brizida. Lá hei de ir d'esta maré.
Eu sou uma mártel tal,
Açoutes tenho eu levados,
E tormentos supportados,
Que ninguem me foi igual.
S'eu fosse ao fogo infernal,
Lá iria todo o mundo.
A est'outra barca cá em fundo
Me vou, que é mais real.

Chegando á barca da gloria, diz ao anjo:

Barqueiro, mano, meus olhos,
Prancha a Brizida Vaz.
Anjo. Eu não sei quem te cá traz.
Brizida. Peço-vol-o de giolhos,
Cuidaes que trago piolhos,
Anjo de Deus, minha rosa!
Eu sou Brizida, a preciosa,
Que dava as moças ós mólhos,
E que criava as meninas
Para os conegos da Sé,
Passai-me por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olhos de perlinhas finas:
Que eu sou apostolada,

Angelada, e martelada,
E fiz obras mui divinas.
 Santa Ursula não converteu
Tantas cachopas como eu;
Todas salvas pelo meu,
Que nenhuma se perdeu:
E prouve aquelle do céo
Que todas acharam dono.
Cuidaes que dormia eu somno?
Nem ponta; e não se perdeu.

Anjo. Ora vai lá embarcar,
Não me estejas importunando.

Brizida. Pois estou-vos allegando
O porque me haveis de levar.

Anjo. Não cures de importunar,
Que não pódes ir aqui.

Brizida. E que má hora eu servi,
Pois não me ha de aproveitar!
Ou barqueiro de má hora,
Ponde a prancha, que eis me vou;
E tal fada me fadou,
Que pareço mal cá fóra.

Diabo. Ora entrai, minha senhora,
E sereis bem recebida,
Se viveste santa vida,
Vós o sentireis agora.

CANTIGA

A UMA SENHORA MARIA QUARESMA

Uns esperam a quaresma
para se n'ella salvar;
eu perdi-me n'ella mesma
para nunca me cobrar.

Mas com esta perda tal
eu me hei por mui bem ganhado,
porque o melhor de meu mal
está todo no cuidado.
Os que cuidam que a quaresma
não é para condemnar,
se a virem ella mesma,
mal se poderão salvar.

THOMAZ RIBEIRO

Quando eu era pequeno, havia dous principes da lyra, cada qual com seus vassallos: eram Garrett e Castilho. Garrett imperava na côrte; Castilho nas provincias. A NOITE DO CASTELLO e OS CIUMES DO BARDO recitavam-se de cór em qualquer aldeia onde houvesse morgada ou abbade com ciumes de morgado. CATÃO e D. BRANCA eram livros escassamente conhecidos nas terras altas. Depois, estes principes passaram á classe de professores aposentados, quando surgiram outros dous principes João de Lemos e Mendes Leal. Este ganhou fama com as xácaras dos seus dramas romanticos. As morgadas cantavam o

Nobre donzel, Dom Guterres,
Dom Guterres, o infanção,
Por gentil donosa moira, etc.,

com soluços e desmaios. De João de Lemos sabia-se *A lua de Londres,* nos arraiaes realistas e fóra. Palmeirim esteve a ponto de desthronar os dous principes com o seu *Camões.* Uma poesia quente de enthusiasmo nacional era bastante para erigir um monarcha do genio a quem se dava, por lista civil, um exemplar do periodico em que sahira a poesia.

Palmeirim gastou-se no Chiado, Mendes Leal nas tremendas batalhas de Suajo, e João de Lemos na inercia de um cavalleiroso espirito posto como lampada sepulchral no velho jazigo dos reis.

Outro principe de curto reinado: Soares de Passos que escreveu o *Firmamento* e o *Noivado do sepulchro,* poesias a que a morte deu exagerada grandeza como a das sombras que se estiram do cyprestal por sobre as campas banhadas de luar.

Appareceu em seguida um principe de mais pujança: Thomaz Ribeiro. D. JAYME teve um exito de prodigio; agitou as cabeças somnolentas de milhares de leitores. Espertou o gosto entorpecido dos versos e os brios do patriotismo. Fez tempestades no mar morto da litteratura. «Aqui d'el-rei que elle não é melhor que o Camões, e o D. JAYME não póde medir-se com os LUSIADAS, como quer o Castilho!» Ainda

elles, os cyclopes de um só olho critico forjavam calumnias e sandices, e já Thomaz Ribeiro descia do solio, com a mão no nariz, por lhe dizerem o nome e as manhas d'outro principe que chegava. Era Joaquim Theophilo Fernandes, com a VISÃO DOS TEMPOS. Os localistas da capital—gente que viajava escoteira nas regiões das letras—acclamaram-no; e elle, acabado o seu reinado carnavalesco, despiu o manto de principe, e foi leval-o ao adelo que o alugou a Guerra Junqueiro, principe reinante que actualmente vige e viça. Quanto a João de Deus, outro principe, esse é um regente occasional que assume as bridas, quando os outros principes curveteiam desenfreados e se escouceiam a vêr qual é mais immortal.

O certo é que todos vão passando, e D. JAYME ficou de boas avenças com D. Vasco da Gama. Pelas idades fóra, se ainda houver portuguezes, o poema de Thomaz Ribeiro será um grito de alàrma; se os não houver, será uma saudade para os netos dos que ainda conheceram patria.

Thomaz Ribeiro, ministro da marinha, se isto te commove, faze-me almirante de uma das nossas armadas que fazem espumar o oceano.

*

FAÇO IDEIA

(N'UM ALBUM)

— « A proprietaria do livro
que te aqui deixo, Thomaz,
é minha amiga; e verás
que não tem nada de feia. » —
— « Faço ideia. » —

— « É Beatriz! »
— « O nome é lindo! » —
— « E o corpo? airoso e gentil!...
e aquelle nobre perfil!...
e a fronte que o orgulho alteia!... » —
— « Faço ideia! » —

— « E vai fugir-nos, poeta!...
cançada já de festins,
troca os salões por jardins,
a capital pela aldeia!... » —
— « Faço ideia. » —

— « Não fazes ideia ! enganas-te !
não póde haver fantasia
que sonhe inteira a magia
de que Beatriz se rodeia ! » —
— « Faço ideia ! » —

— « Ai fazes ?!... pois n'esse caso
descreve-a assim — tal e qual. » —
— « Mas... sem vêr o original ?!... » —
— « Amigo, não se arreceia
quem faz ideia ! » —

O meu amigo, senhora,
que a verdade não falseia,
fez assim vosso elogio,
e eu fiquei... fazendo ideia !

XAVIER DA CUNHA

Este poeta das margens do Vouga entra no templo de Apollo pelo cano de esgoto. Vivia sujamente: não tem outro merecimento além da basofia e alardo da sua sordidez. No seculo passado o poeta de officio acanalhava-se, fazendo gala de pelintra. Era condição obrigatoria para grangear a irrisoria alcunha de poeta exhibir os cotovêlos coçados da casaca, as melenas hirsutas a esvurmar caspa, os dentes lurados e os gestos

idiotas da allucinação extatica. Assim devia ser este Xavier da Cunha, que fez em um soneto a

DESCRIPÇÃO DO QUARTO DO AUCTOR

PEDIDA POR UMA SENHORA

De escarros a parede matizada,
Sobre a mesa bastante papel velho,
N'outra parte sem aço antigo espelho,
E um tinteiro, que só vê tinta aguada;

Do tecto immensa têa pendurada,
Duas cadeiras já sem apparelho,
Immundicie que dá pelo joelho,
E a pequena janella esburacada;

Quatro livros francezes emprestados,
E um estreito lençol de côr mui preta
Aonde enrosco os membros descarnados;

De mordedoras pulgas tropa infecta,
Persovejos crueis, ratos malvados:
Aqui tendes o quarto de um poeta [1].

Poesias de *Antonio José Xavier da Cunha*. Porto, 1796. 8.º

BRAZ LUIZ D'ABREU

É o protogonista de um romance ordinario intitulado OLHO DE VIDRO. Para se informarem da vida tempestuosa d'este medico d'Aveiro não lhes inculco o romance; antes lhes aconselho que leiam o PORTUGAL MEDICO do infeliz doutor, que, ao sol poente da idade, vestiu o burel de frade penitenciando-se por ter casado, por equivoco, com uma irmã. Entre excellentes receitas, deparam-se ao leitor do PORTUGAL MEDICO poesias mais saudaveis que as drogas. A historia das quadras feitas a uma D. Claudia Pellada vem referida na novella.

A UMA PELLADA

Mulher, n'esse teu desgarro,
Um Nabuco ás vezes és;
Porque, tendo d'ouro os pés,
Tens a cabeça de barro.

Se alguma pedra travêssa
Te quizesse derrubar
Era preciso acertar
Mais que nos pés na cabeça.

Porque, se pelo mais fraco
Estala a corda mais grossa,
Quem quizer que estales, *moça,*
Ha de cascar-te no caco.

Mais flammantes do que um ouro,
Mais lisa do que uma ostra,
A cabeça a coura mostra,
Os pés vão mostrando o couro.

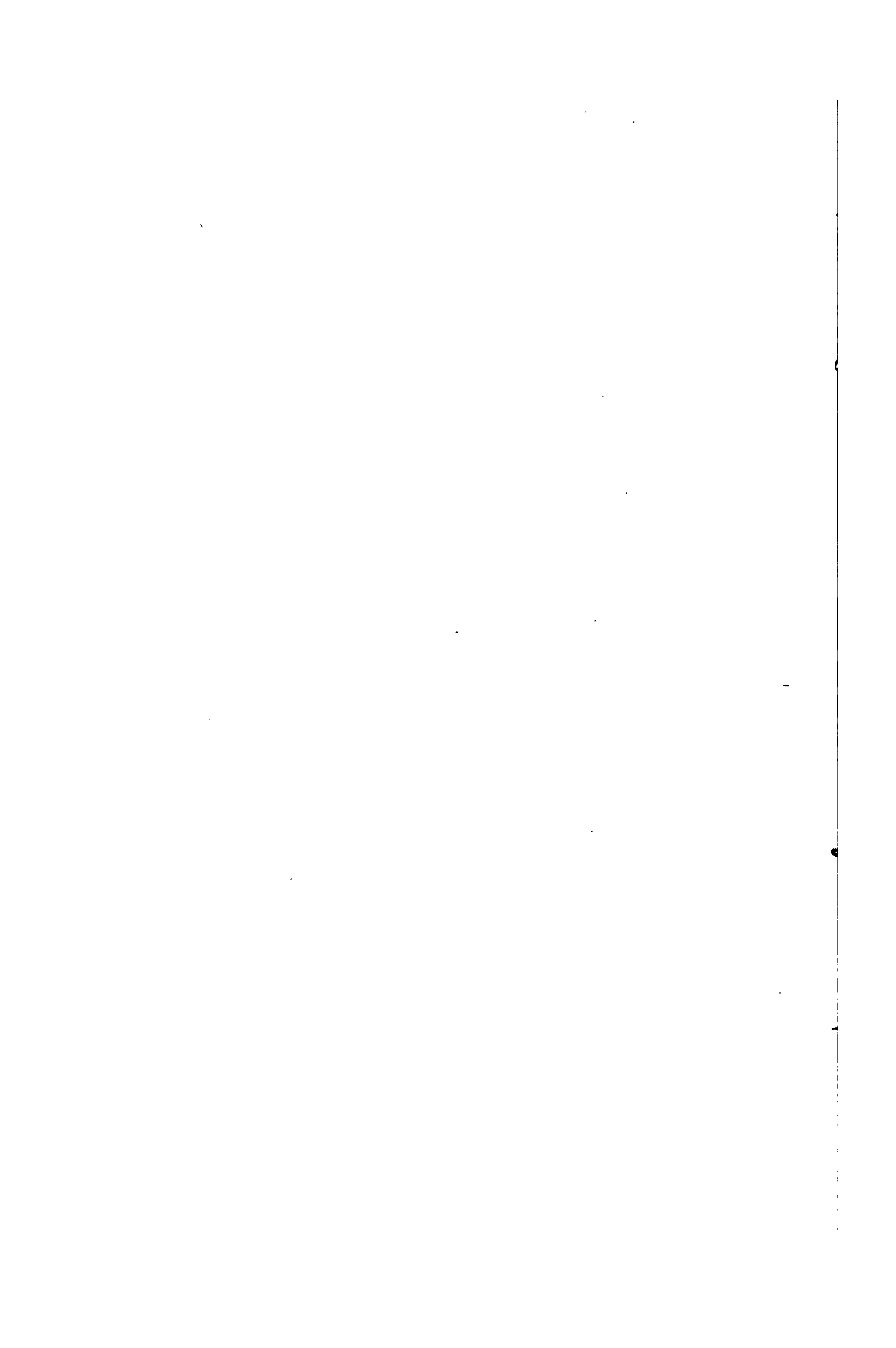
Dize-me com que destino,
Mesclas n'essa estatua vã
Entre affectos de christã
Heresias de *Calvino?*

Sem monho, e com cara alva
Saes a toda a occasião;
E vejo que tens razão,
Porque a occasião é calva.

Sendo mal encabellada,
Para que andas, dize, á pella,
Se ninguem por ti se pella
Por mais que venhas pellada?

Vai-te, e pede a Deus, ó louca,
Que te dê, com toda a pressa,
Cabellos para a cabeça
Em vez de pão para a boca.

Ao padre-nosso á porfia
Pede que te escabellise;
E em vez de *pão nosso,* dize:
Cabellos de cada dia.



DR. CAETANO FILGUEIRAS

Reli agora os IDYLLIOS d'este brazileiro e achei ainda perfumadas, com os seus orvalhos da aurora, as flôres da bucolica *Epistola* a Machado d'Assis. Ha seis annos que a li. Nem uma petala descolorida, nem corolla murcha pelo hybernar e queimar de seis annos que tantas illusões esfumam e varrem nas perspectivas da litteratura. É como a solida belleza das mulheres de sangue rico, noites bem dormidas, madrugadas alegres, e dias aligeirados na suavidade dos lavores domesticos. N'esta paizagem verdecem os antigos esmaltes virgilianos sempre modernos. É o pintar d'Apelles — pintar para sempre —, tirar á natureza o seu immutavel retrato,

e pendurar o quadro na perpetua galeria dos seus grandes amigos desde Theocrito até Delille. O dr. Filgueiras não enfructeceu quanto podia. Abriu a porta do templo, deu o primeiro passo no umbral difficil, e ficou. O Brazil é assim. Morrem novos os poetas, ou envelhecem na força da vida, ao passo que nos climas brandos, de década em década, ha um remoçar de espirito que faz estuar o cerebro debaixo dos cabellos brancos. O auctor, no remate d'este volume, pomettia publicar mais quatro. Onde estão?

Peço venia para refazer parte da orthographia do poeta. Ella é engenhosa, mas extraordinaria. O dr. Filgueiras escreve *agora* d'este feitio: *haghora*. Esta profusão de *hh* confunde outros orthographos que dizem que o *h* não é letra. Por estas e outras incongruidades é que Edgar Poë fazia ardentes votos pela abolição da pena de morte e da orthographia.

CANÇÃO DO MARINHEIRO

Ai, menina!... Tu não sabes
quanto é bom ser marinheiro!
Ficar com o rosto trigueiro
por aventuras no mar!
Trazer, por dentro lavado
o peito que o sol nos pinta!
Tinir dinheiro na cinta
sem saber em que o gastar!...

Mar, espuma, céos e nuvens,
sargaço, peixes, gaivotas...
eis-aqui os agiotas
que cercam nosso balcão!
Já vês, portanto, — fragata,
por falta de compradores
nem mesmo os nossos amores
nos sahem do coração!

Mas isso foi até quando
virei no bordo de terra
e te avistei!... Disse: Ferra!
Mas era tarde... Bati!
Ao choque na pedra dura
saltou-me do leme a cana...
Perdi logo a tramontana;
o casco... só não perdi!

Mas esse, sobre o teu banco
— de pôpa á prôa — galgado,
sem ferro, desarvorado,
nem signaes póde fazer!
Só tu mesma amollecendo
a rocha de que és formada,
pódes safar a rascada
aonde eu me fui metter!

Tem pena de mim, sereia!
Já que não posso em teu porto
achar o mesmo conforto
que outr'ora no mar achei...
A nado põe o meu barco,
que logo e logo outro rumo
só de guindola e sem prumo,
te juro, demandarei!

E depois se á noite, ao quarto,
na vida parafusando,
em cada onda boiando,
em cada estrella eu te vir...
e julgar, n'essa doidice,
que os tufões são mexericos
contra os nossos amoricos,
dos quaes me fazem fugir,

que te importa? talvez róle
pelo rosto magro e sujo
do malfadado marujo
o pranto — a primeira vez!...
Mas a bordo todos dormem...
Ninguem viu. Volto a ampulheta.
Meu navio vai na alheta...
P'ra elle é que Deus me fez!

N'elle nasci. N'elle tenho
minha casa e meu futuro.
Se os outros não acham furo
na vida que em terra têm...
eu cá... da maca e do soldo,
e do rancho dos gageiros,
nem mesmo os duros pampeiros
— Por Deus!... — arrancar-me vêm!

ANONYMO

É desconhecido o auctor d'*Um jantar de barões,* impresso no Porto ha vinte e cinco annos. Intitula-se o poeta «juiz das almas de Campanhã, e socio da Assembléa Portuense com exercicio no *Palheiro*». A obra realmente tem cheiro e côr local da Assembléa Portuense. O *palheiro,* como fonte caballina a sêcco, tambem não desmente a procedencia do poema. Que o auctor fosse simultaneamente juiz das almas, não creio. A Assembléa não podia exercer judicatura sobre objectos que não possuia. N'aquelle tempo, as almas que existiam no Porto, estavam fóra de portas — em Campanhã. O titulo é uma usurpação pretenciosa.

Como quer que fosse, esta satyra brutal desfechada ao peito magnanimo de um barão, feriu no estomago varios amigos meus. O fidalgo affrontado mandou fechar a capoeira á maledicencia, e trasfegou em si proprio uma garrafeira coeva do marquez de Pombal. Eu tambem padeci na minha vaidade de orador de brindes, porque me attribuiram entre outros aleives as inepcias do litterato das

fantasiosas luzes,

que saúda

o barão dos Alcatruzes.

Desde essa época, em jantares, o meu labio silente e amordaçado pela calumnia nunca mais se abriu em girasoes de rhetorica.

UM JANTAR DE BARÕES

INVOCAÇÃO

Musa da sôpa e do cozido, inspira-me!
Pandega musa, que sorris ao vate
Em môlho de açafrão, e de tomate,
Um cego adorador... achaste em mim:
Transforma o estro meu em lombo assado,
Da minha inspiração faze um pudim.

Tu, filha dos barões, musa do unto,
Nasceste na cozinha entre caçôlas;
Saudaram-te no berço alhos, cebôlas,
Do cominho tiveste uma ovação;
Depois, trajando galas de toucinho.
Eu vi-te nas bochechas d'um barão.

Namorado de ti, fiz-te meiguices
Por detraz de um perú, e tu de lá
Sorriste-me através da nedia pá
De vitella gentil, rica de arroz!
Ai! era!... e nem eu sei se foi mais linda
Aquella gorda pata... que te poz!

Tu fizeste de mim um novo Claudio,
Inspiraste-me a fé no redovalho.
Traguei indigestões, arrôtos d'alho,
Bernardas na barriga supportei.
Tomei chá de macella... e, em premio d'isto,
O teu auxilio, ó musa, não terei?!

I

Dentro e fóra illuminado
O palacio d'um barão,
Fulgurante representa
Um enorme lampeão.
Jorram limpidas vidraças
Sobre as populosas praças
Ondas tremulas de luzes.
Vai lá dentro grande gozo,
N'esse alcaçar radioso
Do barão dos Alcatruzes.

D'Alcatruzes é chamado,
Porque, sendo ainda moço,
Muitos baldes d'agua fresca
Dizem que tirou d'um poço.
Nenhum outro mais destreza
Revelou na ardua empresa
De puxar acima um balde.
Um que seja tão robusto
Ha de vir mui tarde e a custo
Do concelho de Ramalde.

É barão; não vale a pena
Discutir-lhe os nobres feitos;
É barão dos Alcatruzes,
Já tem pagos os direitos.
Inda é mais; pois além d'isto
É commendador de Christo
Com bastante indiscrição.
Mal diria Christo, outr'ora,
Que seria posto agora
No peito d'um vendilhão!

E mais elle, que os tocava
Com terrivel azorrague!
Mas os Judas vendem Christo,
Ponto é haver quem pague.
E o barão dos Alcatruzes
N'este seculo das luzes
Tambem fez de phariseu.
E, tambem, se é necessario,
Representa de Calvario
Onde a cruz se suspendeu.

II

N'um salão vasto, opulento
Um banquete se vai dar;
Nos crystaes reflecte o ouro
A fulgir, a scintillar.
Os rubis e a côr da opala
Transfiguram esta sala
Em olympicas mansões.
Mas a alma cae por terra
Quando vê que alli se encerra
Duzia e meia de barões.

Da terrina a caudal sôpa
Em silencio é devorada.
Só então fingiram d'homens,
Porque não disseram nada.
Mas venceu a natureza!
Um barão por sobre a mesa
Estendendo o prato, diz:
«Ó compadre! isto é qu'é bô!
«Venha sôpa, e acabô!
«Cá de mim torno á matriz!»

O barão de Cogumellos,
Junto estando á baroneza

Que se diz dos Sacatrapos,
Quiz fazer-lhe uma fineza.
Arrastou p'ra junto d'ella
Um perú, e a cabidella
No prato lhe despejou.
E lhe diz: «Cá isto é nosso;
«Coisa que não tenha osso
«É p'r'ó estamago, e arrimou!»

Outro diz á gorda esposa
Que bem perto de si tem:
«Bai-le bobendo po'riba,
«Ó mulher, come-le bem!»
Este pede ao seu visinho
«Que lh'atice bem no binho
«Qu'é da bella Companhia.»
Diz aquelle ao seu fronteiro
«Que lhe chege um frango inteiro,
«E biba a santa alegria!»

III

As saudes já começam.
É um gosto agora vêl-os.
Estas caras representam
Tomates de cotovêlos.
E, através do escarlate

Do legitimo tomate,
Transsuda um oleo que brilha.
Cada qual tem as orelhas
Encarniçadas, vermelhas
Como as azas d'uma bilha.

Péga no copo e exclama
O barão das Pimpinellas:
« Vitó serio! um home falla
« Sem preambulos nem aquellas!
« Á saude e alegria
« D'esta bella companhia
« E com toda a estifação!
« P'ra que todos cá binhámos
« Estifeitos como bamos
« De casa do sôr barão! »

E os hurras retumbaram
Pela sala do festim!
Balthazar nos seus banquetes
Nunca ouviu gritar assim!
Sobre a mesa deram murros,
Saudaram com grandes urros
O barão dos Alcatruzes;
Mas alguns, com mágoa sua,
Já cuidavam vêr a lua,
Não podendo vêr as luzes.

Mas, entre elles, um existe,
Litterato em seu conceito,
A palavra pede, e reina
Um silencio de respeito.

Elle diz: «Risonhas galas
« Que refrangem n'estas salas
« Repercutem, symbolisam
« Acrimónias insoluveis,
« Nos acrósticos voluvels
« D'epopeias que eternisam..

« Pandemonios exhauriveis
« D'indeleveis congruencias,
« Requintados se escurecem
« Nos emporios das sciencias
« E liberrimos se escudam
« Nas façanhas que transsudam
« Em fantasiosas luzes.
« E, portanto, a mais alludo,
« Quando, férvido, saudo
« O barão dos Alcatruzes!»

Succedeu o grito ao pasmo!
Nunca se viu coisa assim!
O orador foi abraçado
Com furor, com phrenesim!
«Isto é qu'é!» dizia um,
Convertido em rubro atum,
Beterraba até não mais.
«Viva Cic'ro!» outro dizia,
Despejando a malvazia
Com grasnidos infernaes.

IV

E a pandega findou. Mas alta noite,
Disseram-nos fieis informações
Que grande movimento houve de tripas,
E grande salto deram as torneiras
Das pipas convertidas em barões
Ou, antes, dos barões tornados pipas.

GIRÃO

(ANTONIO LUIZ FERREIRA)

Era elle segundo sargento e alumno de sciencias militares quando nos encontrámos, em 1844, glosando motes em um abbadessado no Porto. Elle e eu puzeramos as nossas melhores decimas á disposição intelligente das criadas do mosteiro, ás quaes os nossos emulos em Apollo, com aristocratico desdem, chamavam «tachos». Estas criadas entendiam-se comnosco sobre assumptos metricos, n'um bêco para onde talvez davam as grades da cozinha. Emquanto as velhas filhas de Santa Clara gosmavam motes heroicos para sonetos a Xavier Pacheco, a Nogueira Gandra e a Ferreira Rangel, Girão e eu, no quinchoso escuro e pedregoso, recebiamos colcheias cantadas

em vozes frescas, e com os motes uns vinhos velhos, e os conhecidos pasteis da Santa. Verdade é que nós tambem, nas nossas glosas, não revelavamos idéa que não fosse um amor honesto acompanhado do peditorio de vinho e pasteis. E ellas, liberalisando á sêde e á gula o que não podiam satisfazer á ternura, delapidavam a garrafeira das amas, descendo em cestinhos as musas liquidas que nós lhes devolviamos crystallisadas em redondilhas, vazias de conceito como as garrafas.

Foi Antonio Girão o rapaz mais engraçado do seu tempo; e já quando envelhecia, os juvenis semsaborões da geração nova macaqueavam-lhe os gestos para armarem ao riso, se contavam alguma safada anecdota. Houve tempo em que os socios do Club Portuense fallavam quasi todos com os tregeitos de Girão. Eram detestaveis até provocarem na gente o carniceiro appetite de os apunhalar.

A graça de Girão não era a das anecdotas: era a sua. Quando engatilhava os beiços para disparar o chiste, já o auditorio, para se rir, o dispensava de rematar o conto.

Evaristo Basto, primeiro folhetinista do seu tempo, Girão, o actual visconde de Benalcanfôr e eu tinhamos dias assignalados, ha 24 annos, de jantar no Reimão, na taberna de um maneta que

levou d'este [illegible]
com ceb[illegible]
girand[illegible]
linguad[illegible]
entrava[illegible]
comnosco[illegible]
zar das [illegible]
Paris ». [illegible]
ditos f[illegible]
tirar per[illegible]

Esta [illegible]
grande [illegible]
saber e [illegible]
tado e [illegible]
com [illegible]
recuper[illegible]
vividos [illegible]
gente e [illegible]
de Sa[illegible]
Silva Gayo. [illegible]
fazia as [illegible]
tar as [illegible]
sua raça. [illegible]
os progressos [illegible]
conselho aos [illegible]
ves lombardas. [illegible]
lhetos humoristas [illegible]
remoçada nas [illegible]

Eu raras vezes o vi no lapso de doze annos; quando, porém, nos encontravamos, diziamos palavras tristes. Era a saudade: tinhamos vivido.

Eu soube um dia que Antonio Girão chegára enfermo a uma hospedaria perto d'esta aldeia. Fui vêl-o. A minha presença affligiu-o.

—Estou moribundo — disse elle.

Offereceu-me gelo com que refrigerava os beiços carbonisados. Disse-me com a voz já presa que se estava vendo e sentindo morrer; que assistia á dissolução da vida como se visse em si uma retorta n'um laboratorio. E concluiu:

—Tomára eu isto acabado!

Expirou no dia seguinte, 2 d'agosto de 1876, na hospedaria de Villa Nova de Famalicão.

Dizem-me que até ao fim discutira com o medico, com o amigo extremoso que lhe assistira, com o irmão que o adorava, e comsigo mesmo os transes angustiosos que se deram n'aquella horrente batalha entre a vida e a destruição. Teve o trespasse d'um justo e d'um sabio. Como epilogo amargo de trinta annos de incansavel estudo, nos seus tres ultimos dias observava o processo da morte, e rejeitava esperanças e lastimas banaes.

VIVA O PROGRESSO!

Quando nas noites de crueis insomnias,
Papoilas colho pela nossa historia
Nos feitos nunca feitos dos antigos,
Patetas taes lamento. — De que serve
O puro amor da patria não movido
Por luzente metal, mas alto, e gratis?
Que lucraram Cabraes, e os Albuquerques,
Em Diu os Castros, no Oriente os Gamas
Senão morrer de fome, e andar ás moscas?
Felizmente vai longe o tempo estulto
De ideias carunchosas d'honra e brio,
Que faziam girar estes e outros
Por solidões de nunca vistos mundos.
E houve quem louvasse estas carreiras,
Quem cantasse os heroes, e os descrevesse?
E ha, oh caso raro! inda hoje em dia
Quem Andrades e Barros saboreie?
Eu por mim quando os leio o somno é certo.

De que livra saber que o sol nascendo
No berço viu as lusitanas quinas;
Ou que iroso Neptuno escoucinhando
No mar se divertiu co'os Palinuros?
Sempre nossos avós eram bem asnos
Em achar graça a ninharias d'estas!
Que delirio fatal deu causa a tanto?
Que modo de julgar o mundo e homens
Tão outros do que são como hoje os vêmos
Á luz etherea do immortal progresso!
O tal Gama que fez (haja franqueza)
P'ra ser cantado por Camões, o torto,
N'um poema sem fim de insulsas trovas?
Fez elle porventura á patria amada
Presente d'algum gaz de novo invento?
Roubou por lá dinheiro aos hottentotes?
Vendeu porção de terra aos estrangeiros
P'ra melhor se arranjar quando voltasse?
Mas nada!... qual historia!... o caso é outro,
Fez... (modernos barões, morrei de riso!)
Fez conhecido o lusitano nome!
Em vez de tanta gloria, o barbas-d'alho
Dentuças d'elephante antes trouxesse,
Que servem p'ra marfim, pimenta, e cravo,
Como fazem por ahi nos nossos dias.
Estes, sim, são heroes, pintos arranjam
Por finos estampados papelinhos,
Ou innocentes traficando em negros [1].

---

1 Verso alheio.

A honra, a probidade, a fama, a gloria
E que taes palavrões é fumo, é nada.
Quem troca por loureiros pão d'Avintes,
Ou tostados biscoitos? — E 'inda ha parvos
Prégando sabichões que ter virtudes
É melhor capital do que ter *loiras!*
Viu-se sandice igual?! — O rumo é outro,
É pé-leve, mão pilha, e ser maroto,
Que esperto quer dizer, pois são synonymos,
Na do progresso singular linguagem.
Que tempo tão feliz — que seculo d'oiro!

Salvè, progresso tutelar e amigo,
Que o fel adoças, que os espinhos cortas
Do val que foi de pranto, e hoje é de rosas!

Nem tu, sexo gentil, ficaste isento
D'esta moda seguir. — (Pasmai, vindouros,
Do lume vivo das modernas luzes!)
As Marilias crueis têm vindo ao rego
A honra desprezando, inutil freio
Não posto ás más paixões, posto á fortuna.
Isto, sim, que é pensar, ah! que innocencia,
Que formosura ingenua e recatada
Ganhou por isso a vida! Ávante, bellas!
Que o viver é gozar, e os fins são tudo.
Theatros, o vestido, o baile, e a festa,
Dinheiro custam, não se dão de graça.
Amor, essa paixão que aos proprios deuses
Faria tresloucar, e andar em braza,
Está posta em leilão, a lanço em praça.

Oh tempos, oh costumes semi-barbaros
Em que amar era andar atraz das moças
A chorar, a grunhir e a fazer versos;
Ou ir de ponto em branco, mata-moiros,
Deixar-se esquartejar por dama ingrata!
As nossas vestaes hoje, em vendo as *c'rôas*,
Rendido o coração, dão corpo e alma.
Os tolos Quixotões desconheceram
Que a mulher é mulher; e o oiro é tudo.
Mas isto é pouco ainda, 'inda devemos
Mais ao progresso que eu adoro, e sigo.
Era d'antes mulher traste de luxo
Sem valer um ceitil, cinco reis cegos;
Hoje ha pai que põe preço á propria filha,
Marido que hypotheca a linda esposa,
E quem por um cavallo ou por dez libras
A ditoso rival a amada entregue.
Que moda tão feliz, se o preço abaixa!

Progresso, salvè, tutelar e amigo,
Que o fel adoças, que os espinhos cortas
Do val que foi de pranto, e hoje é de rosas!

GONÇALVES CRESPO

Chamam-lhe uns atheniense, outros brazileiro: eu quero que elle seja portuguez, porque levo o amor da minha patria até ao latrocinio d'um poeta que me diz pouco do sabiá no raminho da jatubá, e da araponga na copa do jaquitibá, e das phalenas a ésvoaçarem-se nos andaassús, e do macaco a gemer nas franças do ipé, nem me falla do jurubá, nem das flôres do manacá a perfumarem as brizas dos cafezaes, nem do inhambú a estorcer-se nas unhas do papagaio. É portuguez como Garrett, francez como Gautier, americano sentimental como Longfellow, *humorist* como Godfrey Saxe, e hespanhol como Campoamor. É de todos os paizes que têm poe-

tas com intercadencias de tristezas, risos, energias satanicas e angelicas maviosidades; mas, na linguagem, é portuguez sem joio; poliu os diamantes brutos dos classicos, encravou-os em adereços de feitios novos, e traz assim tão de festa e tão casquilha a sua musa que, se acontece de lhe despeitorar o corpete, cobre-lhe os seios de joias.

Elle está no parlamento. No fim da legislatura, Gonçalves Crespo — explorador de glotticas — se não me engano, sahirá Casti. Que os deuses o preservem para gaudio dos polyglottas, e reinação da Casa Havaneza.

UM NUMERO DO INTERMEZZO

Ria tomando chá entôrno á mesa
Da sociedade a flôr;
E no campo de estheticas oppostas
Discutia-se o amor.

« O amor deve ser ethereo e puro »,
O conselheiro diz:
Sorrindo a conselheira um ai! abafa
Com gestos de infeliz.

Diz o conego: « o amor destroe, mas quando
Sensual, já se vê! »
A donzella pergunta ingenuamente:
« Reverendo, por quê? »

A condessa murmura em voz dolente:
    « O amor é uma paixão. »
E languida uma chavena offerece
    Ao pallido barão.

Era vago um lugar entôrno á mesa,
    Era o teu, minha flôr!
Tu, só tu, poderias, se o quizesses,
    Dizer o que era amor!

Quando canta a Maldonado
E os quadris saracoteia,
Não é mulher, é sereia,
Não é mulher, é o peccado.

Ao vêl-a, pois, enleado
Perco o siso, o verbo, a ideia,
E um desejo audaz se enleia
N'este peito meu bronzeado.

Chamei-te sereia! engano!
Nunca tolice maior
Borbotou do labio humano.

Que toda a sereia, flôr,
Finda em peixe... e ou eu me engano,
Ou tu acabas... melhor.

ALVARES DE AZEVEDO
E FRANCO DE SÁ

São dous dos mortos nomeados sempre que os vivos suspeitam que um astro funesto alumia lugubremente a sepultura dos modernos poetas brazileiros, arrebatados em flôr pelo cyclone da morte. Citam-se Dutra e Mello, Junqueira Freire, Casimiro d'Abreu, Macedo Junior, Castro Alves, Pena, Bernardino Ribeiro e Gonçalves Dias. Franco de Sá falleceu, aos vinte annos de idade, em 1856.

Um dos seus biographos escreve: «De tempos a esta parte dir-se-hia que malefica estrella fada os poetas da nossa terra!»

O snr. Pinheiro Chagas, no prefacio das PRIMAVERAS, de Casimiro d'Abreu, diz: «Pesa uma fatalidade notavel sobre a litteratura, ou, pelo menos, sobre a poesia brazileira contemporanea!»

O snr. Fagundes, em uma das suas *Elegias*, exclama:

Fatal destino o dos brazileos vates!
Fatal destino o dos brazileos sabios!
Fatal destino o dos brazileos mestres!

O snr. Reinaldo Carlos Montoro, optimo escriptor fluminense, explicando, responde que é o «vento aspero e ardente do seculo que sécca e abraza todos os espiritos nobres, que os arroja por desfastio ao gozo immoderado, e após á doença e ao tumulo em idade prematura.» E continúa precisando mais a explicação do mysterio: «Quereis a decifração do enigma d'essa tuberculisação do corpo social que vê morrer tão cedo os seus pensadores mais distinctos? Procurai-a na ausencia das crenças moraes que começa por tirar-nos do coração a religião da mulher, e acaba por enregelar-nos o leito funebre com a negação de Deus.»

A resposta não satisfaz completamente a pathologia; mas é sensata e justificada pela precipitação com que se atiraram de mergulho á torrente infecta dos deleites todos ou parte dos poetas arrebatados.

Franco de Sá, por desventura, seria um dos que não amavam a calma da vida de familia, como diz com muito juizo o snr. Fagundes. Os

seus pulchros cantares não accusam os delirios byronianos de Alvares de Azevedo, é certo; mas tambem o snr. Guerra Junqueiro escreveu da fome do Ceará com o estomago bem confortado; e outros, escrevendo dithyrambos com invocações avinhadas a Baccho, terão o estomago encharcado em agua do Chafariz d'El-Rei.

Da poesia não póde bem inferir-se de que morreu o auctor, nem tão pouco a certidão dos seus bons ou maus costumes. Quem lê as VIAGENS A LEIXÕES de Alexandre Garrett, e não conheceu o auctor, presume que elle fosse um deslinguado que offereceu ás senhoras portuguezas e particularmente ás exc.mas Cirnes do Porto aquillo que Jehovah mandava comer com pão a Ezequiel. Pois não era. Conheci-o. Era um velho discreto, delicado, religioso e de melindres muito de fidalgo com as damas. Todo homem tem uma porção de inepcia que ha de sahir em prosa ou verso, em palavras ou obras, como o carnicão de um furunculo. Quer queira quer não, um dia a valvula salta e o pus repuxa. Foi o que se deu com Alexandre Garrett, que, feita a suppuração, defecada a alma do seu quinhão de peçonha, sumiu-se nas brumas d'outros planetas.

É a sorte commum dos nossos poetas e dos *brazileos,* como diz Fagundes compungido. Os que não morrem inteiros — os que deixam um

raio da sua luz perpetua no espirito das gerações por vir — esses não vão mal. Ai, porém, dos que soffreram e choraram na sombra e no silencio heroico, de uns que não querem que as suas lagrimas sejam recitadas ao piano por uma menina que lhes troca em *bb* os seus melhores *vv*.

No Brazil não se trocam as letras, penso eu. Podem, quando muito, distillar-se os versos em fios de melaço nos labios de quem os recita. É uma delicia. Quem assim sobrevive na declamação do piano será eterno como os pianos — flagellação necessaria ao Cosmos, como a chuva, a guerra, as moscas e outras calamidades.

Á poesia de Franco de Sá, pouco pontual na contagem das syllabas, ajuntamos duas que deixou no genio humoristico Alvares de Azevedo. Este, sim: quando o Vesuvio de dentro não tinha mais lava que vulcanisar, atirou-se a si á cova como quem precisava repouso. Alvares de Azevedo soffreu e morreu por conta de Byron, de Musset e de Espronceda. Empestou-o o cholera da paixão e do cognac que ardia na França, e passou ao outro hemispherio sem ferir este abençoado

Jardim da Europa á beira-mar plantado.

No periodo do romantismo, desde 1836 até

1856, apenas conheci em Coimbra um poeta que se embriagava e lia Manfredo e El diablo-mundo. Esse, porém, no dia seguinte ao da embriaguez, tomava capilés e caldos de franga. Um dia appareceu moribundo como Edgar Poë nos entulhos do bêco de D. Sizenando. Os romanticos quizeram enxertal-o na arvore maldita dos *blasés*. Ora elle, o infeliz, o que o matára foi o mau vinho da Bairrada com uma lampreia requentada do Paço do Conde.

Deploro os poetas brazileiros que morrem cedo, e tambem os que morrem tarde, comtanto que me dispensem de os lêr; e ao mesmo tempo felicito os vates nacionaes que nos periodos criticos em que vogavam idéas desorganisadoras do poeta e da familia, elles, mettendo-se nas alfandegas, antes quizeram ser almotacés de contrabandos que contrabandistas de paixões estrangeiras. Assim procederiam os brazileiros, se o sol lh'o consentisse, e o grito do Ypiranga os não desconchavasse da nossa familiaridade. Fizeram mal. Nós haviamos de engordal-os, enchel-os de familias, e do bom sol que por aqui nos aquece moderadamente a velha castidade da lua, e dar-lhes finalmente alfandegas na metropole e o exemplo saudavel dos nossos amigos Vidal e Alexandre Monteiro.

*

ALVARES DE AZEVEDO

MINHA DESGRAÇA

Minha desgraça, não, não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um echo,
E meu anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovêlos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro...
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
Cujo sol (quem m'o déra!) é o dinheiro...

Minha desgraça, ó candida donzella,
O que faz que o meu peito assim blasphema,
É ter para escrever todo um poema,
E não ter um vintem para uma vela!

NAMORO A CAVALLO

Eu móro em Catumby. Mas a desgraça
Que rege minha vida malfadada
Poz lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinêa namorada.

Alugo (tres mil reis!) por uma tarde
Um cavallo de trote (que esparrella!)
Só para erguer meus olhos, suspirando,
Á minha namorada na janella...

Todo o meu ordenado vai-se em flôres
E em lindas folhas de papel bordado
Onde eu escrevo tremulo, amoroso
Algum verso bonito... mas furtado.

Morro pela menina, junto d'ella
Nem ouso suspirar de acanhamento...
Se ella quizesse eu acabava a historia
Como toda a comedia — em casamento.

Hontem tinha chovido... que desgraça!
Eu ia a trote inglez ardendo em chamma,
Mas lá vai senão quando uma carroça
Minhas roupas tafues encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Dom Quixote
No Rocinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,
Fui mesmo sujo vêr a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado
Onde habita nas lojas minha bella
Por vêr-me tão lodoso ella irritada
Bateu-me sobre as ventas a janella...

O cavallo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,
Arripia-se, pula, e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada.

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapéo que soffrera no pagode,
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E berrando de raiva como um bode.

Circumstancia aggravante. A calça ingleza
Rasgou-se no cahir de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!...

FRANCO DE SÁ

A ESBELTA

A *Esbelta*, o alvo dos suspiros nossos,
É fada vaporosa, é flôr das flôres;
Em vez de carne, vestem-n'a vapores,
É leve a rapariga, só tem ossos.

Os caniços do lago são mais grossos
Que as canellas gentis dos meus amores;
Tem nas lindas bochechas menos côres
Que a sêcca mumia quando sae dos fossos.

Ah! ditoso mancebo, eu te prometto
Que se hoje noivo, trémulo desmaias,
Beijando a anagoa que te encobre o espeto,

Talvez, quando marido, morto cáias
Vendo surgir o pallido esqueleto
Da espessa nuvem de umas oito saias.

AMOR E NAMORO

I

Amor é vinho forte, em que se apanha
D'essas bruégas de cahir no chão;
O namoro é um calix de champanha
Que nos torna alegrete o coração.

Amor, amigos, é clarão que offusca,
Fogueira alimentada com resina;
Namoro é luz suave que se busca
Como aquella que expande a lamparina.

Amor é duro tronco que se aferra
Entranhando no chão forte raiz;
Namoro é linda rosa á flôr da terra,
Que se abandona, se perdeu o matiz.

Um, trazendo no olhar o desvario,
Apparece com ar de mata-moiro;
Outro á vista do pau tem calefrio,
Faz uso da canella, estima o coiro.

Um pula muros e barrancos salta,
Levando quedas que lhe são fataes;
O outro anda com cautela; é um peralta
Que em ratoeiras não cahiu jámais.

Um, ás vezes cordeiro, ás vezes bruto,
Ora vive a bramir, ora prostrado;
O outro toma café, fuma charuto,
Calça luva, é rapaz civilisado.

Um, soberbo e feroz, é-lhe preciso
Prantos que vêr e flôres que esfolhar;
Para o outro, porém, basta um sorriso,
Um aperto de mão e um breve olhar.

II

Agora, meu leitor, ouvir-vos quero:
D'este meu parallelo que dizeis?
Preferindo a qualquer, sêde sincero,
Confessai que o namoro é quem dá leis.

Eu sou franco : namoro, eu te prefiro !
Dás que fazer do proximo á rabeca ;
Mas não jogas cacete, não dás tiro,
Nem fizeste a ninguem levar a breca.

Illuminas a vida um breve instante,
Sem consequencias nos trazer por fim ;
És perfume da vida do estudante
E remedio especifico do *spleen*.

Fazes d'uma criança um Lovelace,
Fazes criança tola d'um marmanjo ;
Fazes que a feia por soffrivel passe,
E que passe a soffrivel por um anjo.

Por isso quem domina és tu, namoro,
Tanto no homem como na mulher ;
Embora grite o pai — é desaforo ! —
Embora ralhe a mãi quanto quizer.

Hoje, mais do que nunca, estás na moda ;
Não ha cabeça ahi de gente limpa
Que não tenhas já feito andar á roda,
Como ao sopro do vento a leve grimpa.

E, ao passo que amor já não ataca,
N'este tempo ao dinheiro só fiel,
Os peitos escondidos na casaca,
Como outr'ora os cobertos de burel;

Tudo, tudo trabalha em tua vinha,
O seculo comtigo sympathisa:
Todo o velho, rapaz, bruxa e mocinha
Tem tomado — namoro — por divisa.

THOMAZ PINTO BRANDÃO

Era o coronal, o pontifice dos poetas biltres do seculo XVIII. Nasceu no Porto, floresceu em Lisboa, e apodreceu em 1743, não sei onde. Rivalisou com o brazileiro Gregorio de Mattos, no calão de bordel. As suas poesias honestas são más; as fesceninas avantajam-se em graça ás de Bocage. No tempo de Thomaz Pinto, e do Camões do Rocio, do Lobo e de frei Simão Antonio de Santa Catharina cinzelavam-se os rendilhados de uma poesia obscena com buril delicado. Era um Ideal que os porteiros dos palacios deixavam entrar aos toucadores das condessas. O Salomão portuguez não cantava as suas morenas, nem as que tinham seios como dous fi-

lhinhos gemeos da cabra monteza que pasce entre açucenas, e mais formosos que o vinho, segundo reza a Biblia. D. João V usava os poetas como aphrodisiacos; a uns fazia corregedores de bairros como a Sottomayor, a outros prégadores regios como a frei Simão e frei Pedro de Sá. Nenhum dos devassos notaveis pediu esmola como o bacharel Domingos Maximiano Torres que fazia versos sérios e doutrinaes.

Thomaz Pinto era bemquisto das condessas da côrte, que o admittiam ás folias da sua estupida ociosidade. É o que se deprehende da poesia que lhe aproveitei de entre as suas, ineditas, creio eu. Parte d'aquellas condessas explica os condes que gerou. Os netos, presentemente, restauram-se, lidam, ao envez da atrophia intellectual dos paes: agarram um boi; e, se não figuram muito distinctamente no *Jockey Club*, é porque, á falta de cavallos, seria indecoroso e estranho aos estatutos do *sport*, correrem-se uns aos outros.

DECIMAS

Senhoras, eu 'stou picado;
tenham vossas excellencias
todas quantas paciencias
eu tive no seu chamado;
cuidei que por achacado,
doídas da minha tosse
a metter-me iam na posse
de uma merenda afamada,
e que achava quando nada
cinco condeças de dôce.

Não me enganei, porque alfim
todas vinham cheias gratis
de *vanitas vanitatis,*
que isto é fôfa em latim.
Tomára eu para mim,
por bem ganhada fazenda,
quanta folhage' estupenda
traziam nas suas rodas,
mas com tal donaire todas
que puxam por muita renda.

Oh! quem pudera cantar
(para bem me vingar d'ella)
uma que á sua janella
mil vezes vejo *Assumar!*
Mas obriga-me a calar
Outra da mesma feição
que é capaz, e com razão,
de prantar-me no focinho,
que farto de S. Martinho
tenho sêde a *S. João.*

Outra branca em demasia
não era tão confiada,
posto que estava enfiada
talvez do que não queria:
mas na flôr, na louçania,
na suavidade e na côr,
podia largar o amor
por ella rêdes e barcos,
porque debaixo dos *Arcos*
não vi semelhante flôr.

Outra têsa de pescoço
me chamou, por embelleco,
magro, quando não sou sêcco;
velho, quando sou seu moço;
desdentado, quando eu posso
morder (como bem se prova
no estylo da minha trova).
Mas, se a chamar nomes vai,
ouça novas de seu pai,
folgará de *Ouvil-a nova.*

Outra prezada de prosa,
e em tudo perliquiteta,
bem mostra no ser discreta
quanto seria formosa:
por crear sangue, teimosa
commigo esteve a intender,
e a picar; mas a meu vêr
creio que escusava tal;
pois de sangue, em Portu*gal*
vêas tem como é mister.

Uma hora de ajoelhar
me tiveram posto alli;
mas se faltaram a si,
eu a mim não sei faltar;
que não quero arrebentar
d'isso que vim embuchado,
pois sem comer um bocado
por tão vergonhoso meio,
não deixei de vir bem cheio,
porque sahi muito inchado.

Emfim, se n'este tratado
alguma tenho offendido,
já me prostro arrependido
de ser tão arrazoado:
já tenho desabafado;
já disse tudo o que quiz;
porém n'este, emquanto diz
a musa praguejadora,
que qualquer é mui senhora
do seu dôce, e seu nariz.

JORGE DE AGUIAR

Os poetas grotescos do CANCIONEIRO de Rezende não acham guardanapo numerado n'este banquete, porque, apesar de muito fidalgos, se apresentam em mangas de camisa suja. Salvante dous que versejaram limpamente, porque o seu assumpto eram damas ingratas, mas bem ataviadas de fraldelins estrellados de joias, os restantes que esperem mais vinte annos o retrocesso da lingua, e serão bem vindos, e bem pagodeados na ORGIA, que ha de ser o titulo da 5.ª edição d'este CANCIONEIRO.

Um dos admittidos é Jorge de Aguiar, alcaide-mór da villa de Monforte e cavalleiro de S. Thiago. É o melhor e mais fertil dos poetas que

Rezende enfeixou na sua collecção preciosa como estudo da lingua, como espelho dos costumes e como laudanum puro. Casou este poeta com uma nobilissima Violante que seria a abelha que mais mel segregou de tanta flôr montezinha. Diz elle coisas tão modernas a respeito das damas que não parece ter morrido ha trezentos e setenta annos no mar. Os poetas do seculo XV capitaneavam armadas no mar da India e morriam por lá. Jorge d'Aguiar, se tivesse a dita de ser nosso contemporaneo, não morria no mar, mas sim em sêcco, na Marinha, de que seria ministro.

CONTRA AS MULHERES

Esforça, meu coração,
não te mates, se quizeres:
lembre-te que são mulheres.

Lembre-te que é por nascer
nenhuma que não errasse;
lembre-te que seu prazer,
por bondade e merecer,
não vi quem d'elle gostasse.
Pois não te dês á paixão;
toma prazer, se puderes:
lembre-te que são mulheres.

Descança, triste, descança,
que seus males são vinganças.
Tuas lagrimas amansa,
deixa-as ás suas esperanças;

que pois nascem sem razão
nunca por ella lhe esperes:
lembre-te que são mulheres.

Tuas mui grandes firmezas,
tuas grandes perdições,
suas desleaes acções
causaram tuas tristezas.
Pois não te mates em vão,
que quanto mais as quizeres
verás que são as mulheres.

Que te presta padecer?
que te aproveita chorar?
pois nunca outras hão de ser,
nem são nunca de mudar.
Deixa-as com sua nação [1];
seu bem nunca lh'o esperes:
lembre-te que são mulheres.

Não te mates cruamente
por quem fez tão grande errada;
que quem de si se não sente
por ti não lhe dará nada.

---

[1] Nação equivalia a *natural, genio,* etc.

Vive lançando pregão,
por onde fôres e vieres,
que são mulheres, mulheres.

Hespanha foi já perdida
por le-Tabla uma vez,
e a Troia destruida
por males que Helena fez.
Desabafa, coração,
vive, não te desesperes;
que o que fez peccar Adão
foi a mãi d'estas mulheres.

JOAQUIM DE SOUSA ANDRADE

É o mais estremado, mais phantasista e erudito poeta do Brazil na actualidade. O seu poema GUEZA ERRANTE, ainda não concluido, é uma leitura que pesa e enfarta pela demasia dos adubos. A alma moderna é como os estomagos dyspepticos: digere a poesia leve como uma aza de rôla; se lhe embucham almondegas crassas e pingues, não as esmóe e impa de opilação. As HARPAS SELVAGENS não desmentem completamente o adjectivo: por entre bellezas incomparaveis, tem coisas assombrosas, alcantiladas, versos asperrimos como arestas de rochedos; remugem nos algares umas torrentes de neve exsolvida, que nos põe a alma a tiritar de medo e frio

entre os ursos brancos. As EOLIAS têm a formosura de mulheres inglezas da mais fina raça, com uma serenidade algida no rosto, e ás vezes umas rutilações interiores que relampejam e se apagam logo nos olhos. O retrato do poeta está no livro impresso com rara nitidez em New-York, ha cinco annos. Eu nunca vi aspecto mais embellecido pela contemplação. Parece que vê, além, um tumulo onde em urna de lagrimas depôz a flôr da sua juventude; ou então está scismando no momento critico em que escreveu esta passagem de uma sua ode:

Eu vi a flôr do céo — meiga esperança
Sorrindo para mim, Deus verdadeiro!
Eu amei como um doido a formosura,
E eu não tinha dinheiro...

Se houvesse retratos das caras symbolicas dos mais galhofeiros typos — Sancho, Panurge, Gil Braz, Falstaff, Pangloss, Figaro, etc., no momento acerbo em que disseram de si comsigo: «e eu não tinha dinheiro», veriam que mesto quebrar d'olhos, que pallidez de amantes tresnoitados, que dolente pender de faces a contrastar com o jubilo soez d'esses carões adiposos que a gente conhece nas illustrações de Cervantes e dos outros!

Quer-me, porém, parecer — e felicito o poeta — que este seu «não ter dinheiro» é rhetorica,

é uma figura que só assim se tolera porque não é triste. Sousa Andrade peregrina na Europa ha bastantes annos com muito genio, isso juro eu, e com muito dinheiro, iria tambem jural-o. Esteve em Cintra, em Londres, em França. Morou em Auteuil. Viu tudo o que a historia esmalta do verde-claro das legendas amorosas á volta de Paris, e andou por Saint-Cloud com uma mademoiselle despeitorada como consta largamente, e sem escandalo, da seguinte poesia, que não faz rir, mas descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, tal qual como as inglezas de primeiro sangue, ás quaes eu com rara felicidade comparei o poema d'este brazileiro insigne.

MADEMOISELLE

Rien de plus beau que Paris!
PROVERBIO.

Fujamos, vida e luz, riso da minha terra,
Sol do levante meu, lirio da negra serra,
Dôce imagem de azues brandos formosos olhos
Dos roseos mares vinda á plaga dos abrolhos
Muita esperança trazer, muita consolação!
Virgem, do undoso Sena á margem vicejante
Crescendo qual violeta, amando qual errante
Formosa borboleta ás flôres da estação!

Partamos para Auteuil, é lá que vivo agora:
Vê como o dia é bello! alli ha sempre aurora
Nas selvas, denso umbror dos bosques de Bolonha.
— Ouve estrondar Paris! Paris delira e sonha

O que realisa lá voluptuar de amor —
Lá onde dorme a noite, acorda a natureza,
Reluz a flôr na calma e os hymnos da deveza
Echôam dentro d'alma ais de pungido ardor.

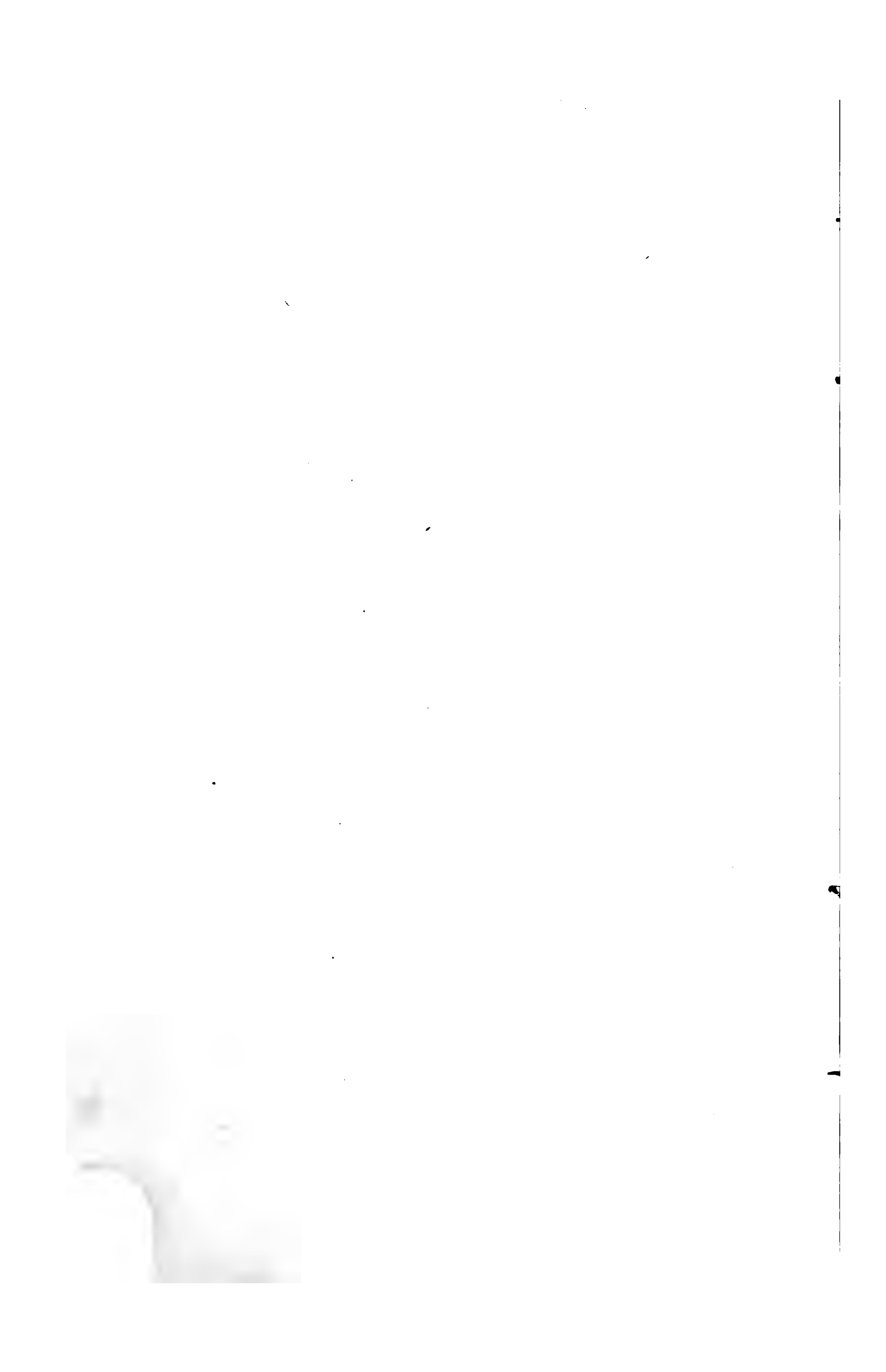
Aos jogos nunca foste, ás aguas de Versailles?
Vamos lá hoje!... alli, palacios e *convalles*
Do rei Luiz-quatorze alembram grande côrte:
Maria Antonietta alli previa a sorte
Dos seus cabellos d'oiro em ondas na *bergère*. —
Tu contarás, voltando... inventa muita coisa,
Prazer de velhos paes, — que viste a bella esposa
Das feras! com chacaes dançando La Barrère!

Oh! vamos, meu amor! costuras abandona;
Deixa por hoje o hotel, que eu... deixo a Sorbona —
E fugitivos, do ar contentes passarinhos,
Perdidos pela sombra e a moita dos caminhos
Até á verde em flôr *villa* Montmorency!
De lá, és minha prima andando séria e grave;
Entramos no portão: eu dou-te a minha chave
E sobes, meu condão, ao quarto alvo e *joli!*

Hesitas? ou, senão, sigamos outra via;
Do trem que vai partir a valvula assobia,
O povo se accumula, aqui ninguem a vêr-nos:
Fujamos para o céo! que fosse p'r'os infernos
Comtigo... — «*Oui*» —. Não deixes estar teu collo nú!
Ha gente no wagon... sou furia do ciume —
Desdobra o véo no rosto... olhos com tanto lume... —
Corria o mez de agosto; entramos em Saint-Cloud.

GUILHERME D'AZEVEDO

Poeta moderno e um dos mais bizarros prosadores. Tem o realismo e as baldas que dão o relêvo da fórma, as antinomias e engraçados euphemismos de que ainda não abusa. É de esperar que se derranque, porque é novo, e ha de querer que o vejam na primeira luz, na fila dos sapadores. Eu por mim, dado que elle venha a jogar a catapulta aos meus romances «sentimentaes», (sentimental, eu?) assim adjectivados com tão innocente como atilado criterio pelo snr. Ramalho — hei de sempre saudar-lhe os triumphos como de principe que ha de ser da prosa.



UM BOTE

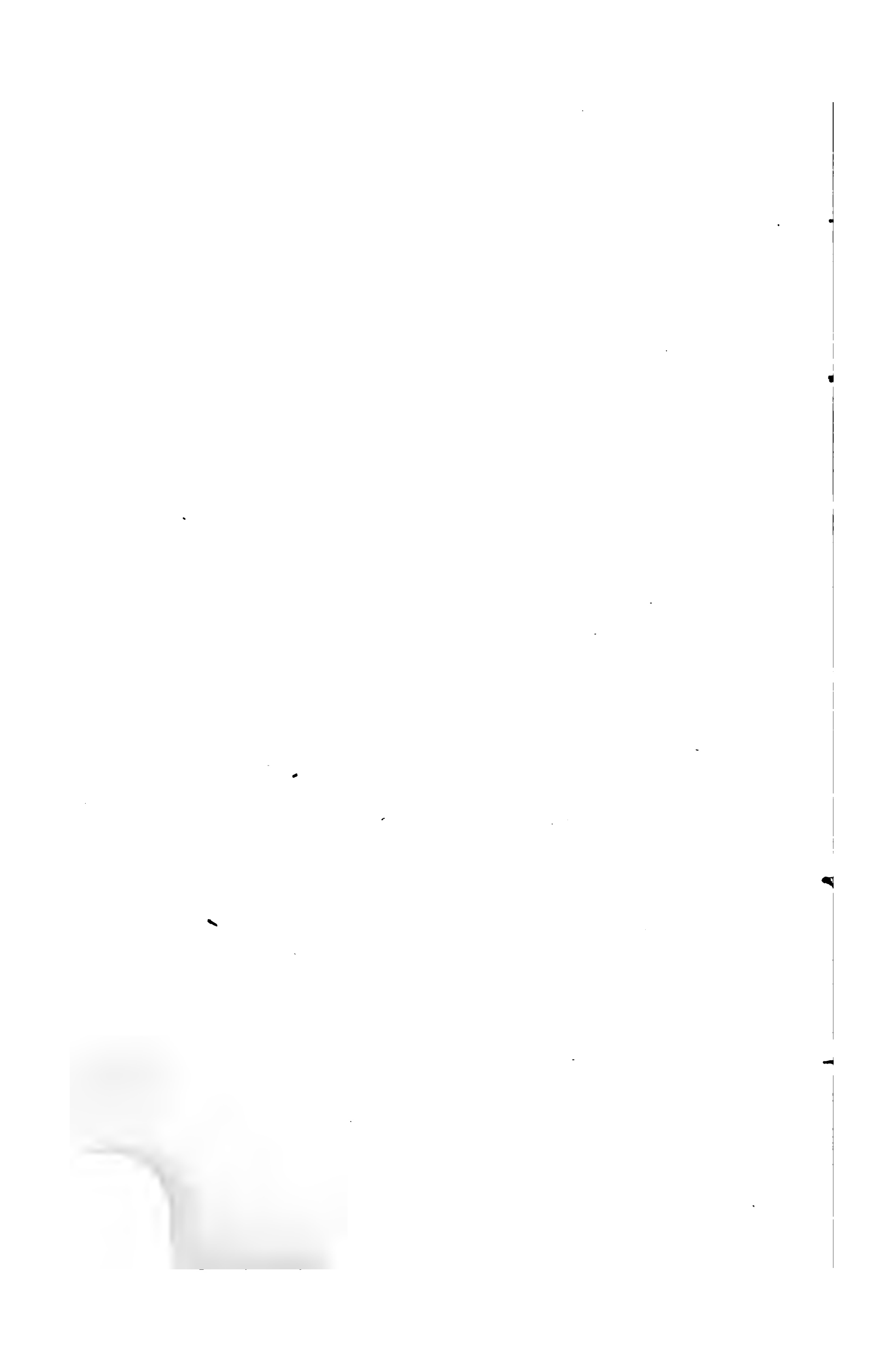
(A JOÃO PENHA)

Socega: não troquei a lyra da vingança
Pelo dôce arrabil dos velhos trovadores,
E em nada justifico, eu penso, os teus furores,
Saudando uma mulher, beijando uma criança!

Courbet que tem pintado as corrupções da França,
Não sabes o que faz? desenha, ás vezes, flôres!
E o realista audaz, cruel, dos *Britadores,*
Na tela diminuta o braço então descança.

Oh! não conheces bem quanto eu sou generoso!
Entrega-te uma vez ao momentaneo gozo
D'um creme perfumado e um calix de *madeira,*

Que não te accusarei, João, de apostasia!
Tu és sempre o cantor que poz salchicheria,
Mas que um momento esquece a musa salchicheira!



OS PALHAÇOS

Heroes da gargalhada, ó nobres saltimbancos,
Eu gósto de vossês,
Porque amo as expansões dos grandes risos francos
E os gestos d'entremez,

E prézo, sobretudo, as grandes ironias
Das farças joviaes,
Que em visagens crueis, imperturbaveis, frias,
Á turba arremessaes!

Alegres histriões dos circos e das praças,
Oh! sim, gosto de os vêr
Nas grandes contorsões, a rir, a dizer graças
Do povo enlouquecer,

Ungidos para a lucta heroica, descambada,
De giz e de carmim,
Nas mimicas sem par, heroes da bofetada,
Titães do trampolim!

Correi, subi, voai n'um turbilhão fantastico
Por entre as saudações
Da turba que festeja o semi-deus elastico
Nas grandes ascensões,

E no curso veloz, vertiginoso, aerio,
Fazei por disparar
Na face trivial do mundo egoista e sério
A gargalhada alvar!

Depois, mais perto ainda, a voltear no espaço,
Pregai-lhe, se podeis,
Um pontapé furtivo, ó lividos palhaços,
Luzentes como reis!

Eu rio sempre ao vêr aquella magestade,
Os tragicos desdens
Com que nos divertis, cobertos d'alvaiade,
A troco d'uns vintens!

Mas rio ainda mais dos histriões burguezes
Cobertos d'ouropeis
Que tomam n'este mundo, em longos entremezes,
A sério os seus papeis.

São elles, almas vãs, consciencias rebocadas,
Que, emfim, merecem mais
O commentario atroz das rijas gargalhadas
Que ás vezes disparaes!

Portanto é rir, é rir, hirsutos, grandes, lestos,
Nas comicas funcções,
Até fazer morrer, em desmanchados gestos,
De riso as multidões!

E eu que amo as expansões dos grandes risos francos
E os gestos d'entremez,
Deixai-me dizer isto, ó nobres saltimbancos,
Eu gósto de vossês!

CLAUDIO JOSÉ NUNES

Escrevia versos francezes como Victor Hugo, e versos portuguezes como nenhum dos seus coevos em Portugal. Nem petala de flôr lyrica.

As Scenas contemporaneas, condignamente prefaciadas por Latino Coelho, são poesia de alta meditação, muito d'este tempo, viril, realista, mas cheia de augusto ideal, singularmente philosophico. Não temos outro livro sério com que possamos provar que n'este paiz alguem commungára com os grandes pensadores e dera á poesia, monosprezada por futil, a força de uma alavanca no desmantelamento do edificio velho. Não desmantelou nada; porque em Portugal — oh felicidade da rua das Hortas e dos Algibe-

bes! — os sapadores nutrem-se da sciencia dos seus direitos, a dez reis, e da sciencia dos seus deveres, nas eleições, a quartinho o voto e vinho á discrição.

Claudio José Nunes cantou o boticario Franco de Belem, em quintilhas tolentinianas, menos amelaçadas que o xarope de James, — poesia que o sobredito boticario manipúla em laboratorio mysterioso, quando não pisa leis no almofariz de S. Bento, que mistura e manda, segundo a fórmula constitucional e pharmacentica, para o presidente. Franco rivalisava com Claudio José Nunes em influencias eleitoraes na assembléa de Belem. O citrato de magnesia deu-lhe a maioria a Franco. Laxaram-se n'elle as sympathias e consciencias quasi todas. Claudio Nunes tinha muito espirito e grande dignidade; mas não dispunha dos drasticos.

Elle morreu na opulencia do talento aos quarenta annos de idade. Ha muito que não li palavra que recorde o assombroso poeta. Envergonho-me de lhes perguntar se o conhecem.

O POETA

(A LUIZ DE CAMPOS)

Não te illudas, Luiz; isto de fazer versos
Não leva a gente longe.
Outros e mui diversos
São os caminhos bons para subir aos cumes
Onde os raios do mundo, e da riqueza os lumes,
Aquecem os botões, que em rosas se desatam.
Esqueces-te, Luiz, talvez, do que relatam
As chronicas fieis de gente grave e séria
Ácerca da peçonha amarga e deleteria
A que — *poetas* — chama, engatilhando os labios
N'um gesto de desprezo, uma porção de sabios
Que engorda o pão de Deus, para felicidade
Quer do reino do céo, ou quer da humanidade.
Por ellas se conhece o quanto é necessario
De cabello espetado e sujo vestuario,

De preguiça, de vicio, e malvadez sem conto,
— De tudo quanto é mau — para fazer de pronto
Um d'esses aleijões, raça bastarda e informe
Que leva a alma devassa até ao ponto enorme
De amar os rouxinoes, as flôres, os afagos,
As estrellas do céo, o espelho azul dos lagos,
A criancinha loura em que dorme esquecida,
Por ora, a podridão sob o arrebol da vida!
N'uma palavra: tudo o que a moral detesta,
Quando, garganta nua e pó de arroz na testa,
Por detraz do seu leque, e atraz das bambinellas,
Conversa, folga e ri co'as timidas donzellas:
Politica, e finança, e farda, e béca, e estóla,
Ou qualquer outra dama honesta, e de alta escóla,
Que ampara o seu pudor, deitando-lhe d'espeques
As frinchas do charão dos arrendados leques!
Luiz, — quando se sente após um dia gasto
Em labutar tristonho, inutil ou nefasto,
Que é necessario abrir as valvulas da mente
Para que, concentrada a chamma intelligente
N'um circulo de dôr, e pela dôr soprada,
Como a polvora quebra o globo da granada,
Não partam á razão as explosões da ideia —
Isto de se evocar a pallida choreia
Das rimas d'entre o pó, em que as sepulta o mundo,
Deve ser, com certeza, o indicio mais profundo
De uma devassidão, tão negra e tão medonha,
Que deverá tingir, no rubro da vergonha,
A gente que n'essa hora engraxa algum calçado
Com a grã-cruz ao peito, ou lança no mercado
Alguns frangalhós vis da rota consciencia!
Fazer versos, Luiz! pois ha maior demencia
Do que estragar papel com esta ninharia

N'uns tempos em que até a ultima senhoria,
Vindo da chafariz, ou não se sabe d'onde,
Morreu por fim ás mãos do universal visconde?
Sempre é preciso ter, para esta faina impura,
Bem duro o coração e a ideia inda mais dura!
Pois, quando espavorida em meio de trabalhos,
— Como a cançada pomba em cima dos carvalhos
Forceja por pousar as fatigadas pennas —
Forceja a alma tambem por encontrar apenas
Um tronco onde repouse os vôos arquejantes;
Em lugar de a embeber nos lumes rutilantes
Dos espaços azues, atraz de alguma estrella,
Não vale mais, Luiz, em baixo aqui prendel-a
Aos labios sensuaes de alguma Messalina,
Ou ás farpas, talvez, da lingua viperina
Que, em meio ás trevas, morde em tudo o que a rodeia?
Não vale mais jungil-a aos labios da sereia
Que canta á moça pobre essa cantiga leda
Do *tinlintin* da libra, ou do *fru-fru* da sêda?
Isso sim, meu Luiz, tudo isso é que é fidalgo!
Mas correr a alma após, esbaforido galgo,
De uma ideia de amor até á poesia,
Isso é mui proprio só da truculenta harpia
Do verso, tão faminta e de olho tão immundo,
Que até devora a mesa em que consôa o mundo!
Versos! pois por cada um que vem juntar-se á conta
— Attonita, surpreza, espavorida e tonta —
Não véla a face a lei na banca do advogado?
Por cada verso mais no limbo profundado,
Não surge mais um padre atraz da medicina?
Por cada cantilena, ou grande ou pequenina,
Não passa em contrabando uma porção de fardos?
A rosa alva de amor não se transforma em cardos,

Quando a haste lhe humedece aquelle nevoeiro?
Pois, se não fosse o verso, a cada conselheiro
Não tocára um conselho, ou pomo inteiro, ou lasca,
Que nos justificasse o rotulo da casca?
A politica sempre, um pouco mais polida,
Não fallaria bem alguma vez na vida?
Oh verso, emanação do inferno, torpe e rude,
Deixa arder á vontade os fogos da virtude!

Pelo que fica dito, é claro a toda a gente
Que ser *poeta* é ser um monstro que sómente
Se póde consentir por mera tolerancia.
Torna-se pois decente, e da maior instancia,
Cavar-lhe fundo a cova onde desappareça.
Os manes de Catão lhe pedem a cabeça.
Deferida. Depois, á valla infame o busto!
Emquanto que o censor, inchando o papo augusto,
Para poder trepar aos cumes do universo,
Basta que faça... em prosa o que attribue... ao verso!

EM QUE PARARAM AS MUSAS

Qual de *Clavileño* outr'ora
Desmontado o heroe manchego,
Quem vos viu e vê agora,
Ó côrte do deus da aurora!
Blas bleus do Parnaso grego!

Moças que, no tempo airado
Das velhas Arcadias lusas,
Trazieis pó no toucado,
Quando até, por desenfado,
Pastaveis os bois, ó musas!

Gamos que, dos taboleiros
De Le-Nôtre, e em curto exilio,
Dos caçadores matreiros
Fugieis para os salgueiros
Com os seis pés de Virgilio!

Desde que Pégaso explora
Os varaes da prosa rasa
A seiscentos reis por hora,
Como, ó lindas! por ahi fóra
Levou volta a vossa casa!

E, com tombas no cothurno,
Já cada uma de vós lida
Por achar no antro soturno
D'este mundo, qualquer turno
De dar algum modo á vida!

Pobre adela paralytica,
Melpómene, a da tragedia,
Vende fato velho á critica;
E botou centro, politica,
A outra mana da comedia!

Terpsychore, a picaresca,
Fabríca pastas na lua,
E a da musica, mui fresca
Da janella offenbachesca
Tosse a quem passa na rua!

A alta Clio é vendedeira
De jornaes de miscellanea!
É a Erato inculcadeira!
E vive n'uma trapeira
Do largo da Estrella a Urania!

Callíope ata na argola
Um ramo de louro ao vento;
E Polymnia pede esmola,
De muleta e de sacola,
Á porta do parlamento!

Qual de *Clavileño* outr'ora
Desmontado o heroe manchego,
Quem vos viu e vê agora,
Ó côrte do deus da aurora!
Bas bleus do Parnaso grego!

THEODORO DE SÁ COUTINHO

Não o conhecem os bibliophilos, posto que no segundo tomo das POESIAS de Paulino Cabral se comprehendam notaveis sonetos d'elle [1]. Nasceu no fim do seculo XVII; floresceu e fructificou pouco menos de obscuramente até meado do se-

---

[1] A controversia de Paulino Cabral com Theodoro versava sobre insolencias que mutuamente revidaram á conta da idade. Theodoro tinha setenta e tantos annos. O abbade de Jazente era moço. Como amostra do genero, dá-se a delicadeza do seguinte soneto:

Quem me dera, Paulino, quem me dera
Passar-te a certidão da tua idade!
Mas o assento de um burro na verdade
Em livros não se encontra nem se espera.

culo XVIII. Era da casa de S. João de Rey, descendente portanto de Francisco de Sá de Miranda.

No espolio de uma freira, ha dez annos já volatilisada em essencia de seraphins, n'um mosteiro do Minho, appareceu um poema de Theodoro de Sá Coutinho e Azevedo, primorosamente calligraphado e bastante sebaceo do uso. Era datado em 1814. A religiosa que o possuira tinha sido galante, pouco fiel ao esposo mystico, e talvez tão calida nos seus arrôbos profanos quanto a sua madre Thereza de Jesus o havia sido nos asceticos. Pelo muito que amou, encerrava em si tres Magdalenas. Parece, porém, que não seria perdoada á proporção, porque em annos já serodios e desenganados ainda tinha um Ideal teimoso, e

---

Inda pelos desfechos bem pudera
Conhecer tua occulta antiguidade;
Mas, se cerrado estás, fôra asnidade
Contar-te os annos, descobrir-te a era.

Tu em parte puzeste o pensamento
Na nova certidão com que procuras
Desluzir-me o valor, prostrar-me o alento.

Mas olha que a uma queda te aventuras,
Que se eu conto os meus annos n'esse assento,
Tu contarás os teus nas mataduras.

palpitações indicativas de uma physiologia de Marion de Lorme. Da data do poema infere-se que Soror Tres Estrellas começou a estudar esta *Carta de guia* desde o noviciado. Era professa em 1815; e, quando foi da constituição de 20, quiz romper a clausura e vir cá fóra commungar das liberdades publicas. Depois da restauração da Carta, forcejou novamente por annullar os votos com o fim honesto de casar-se com um tenente de cavallos. Dizem que expuzera a sua chamma ao padre Marcos, D. Prior de Guimarães, homem sentimental e vesado a consolar freiras afflictas como é da obrigação dos padres. Roma não a dispensou do voto de castidade; mas permittiu-lhe tacitamente que amasse dentro dos limites da mesma. Foi o que ella fez em caldas, em banhos de mar, em banhos de chuva, em banhos de canôa, sempre que sahia do convento a banhar-se. Honra lhe seja.

Quanto á *Carta de guia,* este poemeto é decerto um quadro de costumes maus; não ha nada, porém, mais perfeito em assumpto de conventos de freiras. Deve conservar-se como reliquia, visto que a instituição é morta; porém, quando, no seculo XXI, se restaurarem os mosteiros, a *Carta de guia* de Theodoro de Sá Coutinho e Azevedo dará a este CANCIONEIRO uma extracção exorbitante.

CARTA DE GUIA

QUE UMA FREIRA MESTRA DEU A UMA CORISTA PRINCIPIANTE NO TRATO AMOROSO

Filha, dentro do convento
Ha duas castas de freiras:
Umas que o são verdadeiras,
Outras só por fingimento;

Umas frequentes no côro
E firmes na castidade;
Outras frequentes na grade
E contínuas no namoro.

Tu supponho que d'aquellas
Não queres entrar nas contas,
Pois hoje passam por tontas
As que são santas e bellas:

Quanto mais que o ser beata
É das loucuras maiores;
Pois quem soffre directores
Tem muito de mentecata;

Por isso os teus bons intentos
De ter amores approvo,
Porém, como entras de novo,
Precisas de documentos.

Na costura uma menina
Não se chega a fazer destra,
Se primeiro a douta mestra
Os pontos lhe não ensina;

Se primeiro não concorda
Pelo risco a breve agulha,
Rude a mão, o fio embrulha,
E sem graça a olanda borda:

Assim corista entendida
Succede a quem sem receio
Se mette no galanteio
Sem ser primeiro instruida.

Antes de entrar no projecto
Da amante correspondencia,
Consulta a conveniencia,
Depois consulta o affecto.

Ama, pois que a natureza
Ou t'o ensina, ou t'o permitte;
Mas primeiro do appetite
Te lisonjeie a riqueza.

Filha, sem dinheiro agora
Não se faz nada no mundo;
Tudo com elle é fecundo,
Tanto dentro como fóra.

Faz a feia linda e bella,
A que é vil faz ser senhora,
Faz santa a que é peccadora,
E faz discreta a singela.

Tem pois de amor na baralha
Hoje um trunfo verdadeiro,
A que saca mais dinheiro,
Ou coisa ao menos que o valha.

Mas tambem deve a prudencia
As mais acções governar-te;
Que o saber amar é arte,
E o saber viver sciencia.

PRIMEIRA LIÇÃO

Primeiramente te aceia,
Pois no amante galanteio
Faz muitas vezes o aceio
Parecer bella a que é feia.

A arte no alinho ensina
Perfeições á natureza,
Pois com o aceio a belleza
Passa a ser coisa divina:

Mas sabiamente reparte
Dos adornos a destreza!
Pareça só natureza
O que fôr cuidado d'arte.

O vestir proprio convenha
Do teu estado á doutrina;
A estamenha seja fina,
Mas sempre seja estamenha.

Se a camisa fôr de preço,
Ou de ordinaria despeza,
Seja limpa, que a limpeza
Nunca póde ser excesso.

Seja bordado o sapato;
A meia de sêda seja;
Será bom que amor a veja,
Mas que a rebuce o recato.

Ajuste bem no semblante
Branca a touca e transparente
Mas sempre seja decente
Sem deixar de ser galante.

O espartilho algum defeito
Sem muito aperto desminta,
Faça mais estreita a cinta,
Faça mais crescido o peito.

Deixa vêr parte do seio,
Que abril-o todo é loucura;
Pois passa a descompostura
Sem chegar a ser aceio.

Andem das vistas distantes
Os peitos modestamente;
Pois, se os mostras á mais gente,
Que has de mostrar aos amantes?

Emfim, seja sempre o rosto,
Bem ou mal delineado,
Naturalmente engraçado,
Mas com destreza composto.

Se da face a côr primeira
Fôr desmaiada ou remissa,
Embora seja postiça,
Mas pareça verdadeira.

Em fallar bem sempre estuda,
Sem ter nas palavras mingua;
A que não dá bem á lingua
Era melhor nascer muda.

Sejam as vozes suaves,
As expressões carinhosas,
Para os amantes mimosas,
E para a mais gente graves.

Da lingua emenda os defeitos
Sem ter de discreta a secia,
Que ás vezes passa a ser necia
A que falla por conceitos.

Nas cartas cuida em ser breve,
Natural, clara e succinta,
Mas primeiro o peito sinta
O que a mão depois escreve.

Deixa as palavras subidas
Para pompados sermões,
Porque as tuas expressões
Basta que sejam polidas.

Não só deves estudar
No fallar, e no escrever,
Mas em saber-te mover,
Em saber rir e chorar.

Qualquer acção que se movė
Com graça e ar, nos recreia;
Um sorriso nos enleia,
Um suspiro nos commove.

D'estas, e de mil miudezas
Que o uso ensina sómente,
Faz amor continuamente
O triumpho das bellezas.

SEGUNDA LIÇÃO

Com esta lição primeira
Se segue a eleição do amante,
É ponto o mais importante
Que póde ter uma freira.

O fidalgo muitas vezes
Entra por este convento,
Sem outro merecimento
Que os seus Telles e Menezes:

Louva a seus avós honrados,
Celebra os seus ascendentes;
Mas, se não mandar presentes,
Zomba-lhe dos seus passados:

Se se apeia no terreiro
Com cavallos e criados,
Sabe que uns são emprestados,
Outros filhos de um caseiro:

Se te manda é tão sómente
Uma canastra de fruta;
E não sejas dissoluta
Por tão pequeno presente.

Mas se algum fôr liberal
E já senhor de morgados,
Emprega n'elle os cuidados
Conforme o seu cabedal.

Traze-o sempre tão seguro
E no mandar tão frequente,
Que até chegue, de imprudente,
A tomar dinheiro a juro.

Do clerigo, e mais do frade
É maior a sementeira,
Porque n'elles o ter freira
Não lhe ultraja a gravidade:

Pois elles têm por sciencia
De achar, não sei por que conta,
No trato de fóra, affronta,
E, no das freiras, decencia.

Mas seja clerigo ou frade,
O teu favor só dispensa
Ao que tiver melhor tença,
Ou mais rica dignidade.

Mas dos Franciscanos nossos
Foge, e toma os meus conselhos;
Pois são zelosos em velhos
E são vadios em moços.

Nenhum d'elles que dar tem,
Que é o ponto principal;
Mas, se fôr Provincial,
Pódes-lhe então querer bem.

Tambem alguns estudantes
Frequentam a portaria,
E n'elles se principia
O concurso dos amantes;

Mas só servem para aquellas
Que penteiam desenganos,
E que já, pelos seus annos,
Vão deixando de ser bellas.

Uma questão na verdade
Só definir-te não posso:
Se ha de ser o amante moço,
Se já crescido na idade.

No primeiro o fogo activo
Arde, brilha e resplandece;
No segundo se esmorece,
Mas sempre mais effectivo:

Arde o moço mais violento
Mas com chamma mais segura,
Arde o velho, e mais lhe dura
O fogo quanto mais lento:

*

Um se muda facilmente,
Outro é firme até á morte;
Se ama o primeiro mais forte,
O segundo mais prudente.

Todos os enamorados
Querem passar por discretos;
Mas muitos por circumspectos
Se fazem alambicados:

Foge d'estes, se quizeres
Crêr-me a mim por experiencia,
Que é precisa outra sciencia
Para agradar ás mulheres.

TERCEIRA LIÇÃO

Resta-me agora explicar-te
A phrase, o modo e maneira
Com que, na grade primeira,
Deves, menina, portar-te.

Em os primeiros favores
Mostrar-te sempre remissa,
Que com isso mais se atiça
O fogo nos amadores.

O mais que pódes fazer
É mostra-lhe o teu sapato,
Mas com tal pejo e recato,
Que o faças enlouquecer:

Se bem que ha tolinha agora
Que logo ao primeiro rogo
Tem o mesmo desafogo
Que tem qualquer peccadora.

Isto, filha, damnifica
Das freiras a gravidade;
Pois tanta facilidade
Vergonhoso nome indica.

Inda que mostre direito
Para renovar instancias,
Finge vergonhosas ancias
Com melindroso tregeito.

Vira a cara, torce a vista
Por mais que agradal-o queiras;
Pois o repudio das freiras
Novos affectos conquista.

Faze na segunda grade
Com que... Mas aqui chegava
A mestra, quando a chamava
Para o locutorio um frade.

«Adeus, lhe disse, que vou
Fallar com este asneirão;
Não te esqueça esta lição,
Que experiencias me custou.

«O mais que quero dizer-te
Ficará para outro dia;
E do meu cuidado fia
Que cedo mestra has de vêr-te.»

PAULINO CABRAL

Este poeta escreveu a sua genealogia em verso. Para desmentir o preconceito de quem assacou á poesia o aleive de mentirosa, o abbade foi poeticamente sincero em materia de linhagem. As grandes calumnias genealogicas acham-se perpetradas e perpetuadas em prosa reles.

Um de meus bisavós foi mercador,
Outro foi d'alfaiate official,
Outro tendeiro foi sem cabedal,
E outro, que juiz foi, foi lavrador.

O meu paterno avô foi professor
De latim que ensinou ou bem ou mal;
E o materno viveu no seu casal
De que inda agora eu mesmo sou senhor.

Meu pai medico foi, e homem de bem,
Minha mãi *dom* teria, porque emfim
Muitas menos do que ella agora o têm.

Abbade eu fui; e, se saber de mim
Alguma coisa mais quizer alguem,
Saiba que versos faço, e os faço assim.

Parece que não foi menos veridico nas passagens que nos conta dos seus costumes:

Eu cômo, eu bebo, eu durmo, e sem receio
Do que ha de vir a ser, a vida passo,
Ora de Nize no gentil regaço,
Ora das Musas no sonoro enleio.

Ás vezes pesco, ás vezes jógo ou leio.
....

Nize e o jogo principalmente. Não se póde dizer o mesmo da leitura que as suas poesias denotam menos cultivada que o regaço gentil da dama acima nomeada, e d'outras. O padre fez sonetos a Filis, a Irena, a Rosa, a Marcia, a Anarda e a Lisia; mas Nize foi a predilecta. Passava dos sessenta annos, quando sentiu nevarem-lhe no coração estas frialdades que hoje em dia gelam um rapaz, se a mulher amada não lhe

infiltra o calorico dos coupons e do gaz em acções da Companhia do mesmo.

Depois dos sessenta annos, despedia-se:

> Adeus, Nize gentil: a minha idade,
> Que já de lustros doze um pouco passa,
> Torpe a mão, tarda a planta, a vista escassa
> É só resto infeliz da humanidade.

Nize não devia ser muito joven, quando o abbade se demittia de lhe atiçar os fogos, segundo se deprehende de um terceto em que a desaba do ideal com desamoravel crueza, expondo-a á irrisão com o nome e appellido:

> E vejo emfim que aquella a quem eu punha
> Acima das estrellas, é já agora,
> Em vez de Nize bella, Ignez da Cunha.

Não obstante, suspeita-se que ella já madura se fizesse reverdecer em danças com cadetes e peraltas. O padre queixa-se:

> Senhora Nize, a verde mocidade
> Já lhe tem dito adeus, tenha paciencia;
> Porque dama não ha que resistencia
> Saiba fazer dos annos á crueldade.
>
> Tudo o tempo destróe: e esta verdade
> Principia a chorar vossa excellencia;
> Quando não, metta a mão na consciencia,
> E mostre a certidão da sua idade.

Deixe-se pois de entrar nas danças altas,
De assembléas, de jogos; finalmente
De ouvir cadetes, e escutar peraltas.

Olhe que já por 'hi murmura a gente
E lhe diz que, depois de certas faltas,
O ter sobras de amor fica indecente.

Devia de ser senhora de mui fina sociedade esta Ignez da Cunha a quem Paulino Cabral toucava as cans de tão melindrosas flôres.

O jogo não lhe foi menos funesto que Nize. Da paixão das mulheres resgatou-o a idade; mas o *wisth* e a *arrenegada* reduziram-o a extrema pobreza. Dizia-lhe Theodoro de Sá Coutinho:

Deixa, Paulino, deixa a travessura
Do jogo a que te arrasta o genio inquieto:
Socega um pouco mais, e circumspecto
A orgulhosa paixão vencer procura.

A cada passo faz gala do seu vicio:

Passo em casa as manhãs, janto, dou graças,
Monto a cavallo e vou-me para o jogo.

E n'outro lanço:

Ora a pesca, ora o jogo, ora o passeio,
Ora da França um livro me entretinha.

E ainda:

> O jogo, o amor, a mesa, as musas bellas
> Roubaram-me o melhor da mocidade.

E parece que o restante da mocidade não o consagrou o pastor em desvelos excessivos com o seu rebanho de Jazente. Se é verdade o que elle diz, o amor foi tanto em sua vida que invocava, em próva da sua cálida ternura, as avós das mulheres que amava.

> Emquanto eu pude, e tive actividade,
> Nenhuma experimentou em mim tibieza;
> E, se queres saber esta certeza,
> Tua avó te dirá toda a verdade.
>
> Pergunta-lhe o que eu fiz...
> ....

O padre Paulino Cabral não era um tartufo de vicios que fatuamente se pavoneava em sonetos de chalaça plebeia. Era tudo isso. Foi portanto forçado a renunciar o beneficio, e ausentar-se do theatro das suas fragilidades senís. Gemeu os restantes annos da vida em pobreza, e d'esse funebre occaso enviou elle ás alegres auroras da sua vida este soneto:

Eu que junto á cabana em que vivia
Tive uma rica ermida, e afortunado
Ovelhas tantas tive que o montado
Com ellas branquejar alegre via:

Eu que tive prazer, tive alegria,
Tive nome entre os mais, eu, desgraçado,
De quanto tive agora despojado
Não tenho nada mais que noite e dia.

Eu mesmo deixei tudo, e unicamente
A saudade nos cofres da memoria
Com desvelo guardei, mas imprudente;

Pois lendo n'ella a minha triste historia,
Me fazem ser mais duro o mal presente
Dôces lembranças da passada gloria.

Aqui não ha raio de graça celestial nem toque de contrição; mas ha bastante exemplo para vigarios portuguezes.

VERDADES SINGELAS

Estas verdades singelas,
Sem artificio e conceito,
Póde-as lér qualquer sujeito;
E, se vir que alguma d'ellas
Lá pela roupa lhe toca,
Tape a boca.

Dizer um senhor fidalgo
Que tem tres contos de renda;
E que gasta uma fazenda
Só em sustentar um galgo,
Que todas as lebres mata,
Patarata.

Querer outro senhoria,
Quando tinham seus avós
Um tu, um vossê, um vós,
Sómente por cortezia
Do cura, ou do senhorio,
Desvario.

Trazer de luto os criados
Um senhor mui reverente,
E dizer a toda a gente
Que gastou tres mil cruzados
De seu pai no mortuorio,
Gabatorio.

Andar outro embonecado,
Ter amores, ter affectos,
E depois de ter já netos,
Andar inda namorado
Sem se lembrar da velhice,
É tontice.

Dizer um por varios modos
Que nos seus antepassados
Tem trinta reis coroados
Do claro sangue dos godos
Que pelas veias lhe gira,
É mentira.

Andar outro como brasa
Vendendo soberba a mólhos,
E mettendo pelos olhos
Os brazões de sua casa,
E de seus avós o fôro,
Desafôro.

Andar um para casar,
Buscando uma entre mil
Senhora rica, e gentil;
E entender que ha de achar
Por cima d'isto donzella,
Bagatella.

Insultar sem causa a gente,
Dar empuxões em quem passa;
Querer que lhe façam praça,
Ser por officio valente,
Ser carrancudo e severo,
Destempêro.

O que consente á mulher
Andar na dança aos boléos,
Escrever a chichisbéos,
E que lhe deixa fazer
Em tudo a sua vontade,
Vá ser frade.

Na de amor louca contenda
Andar sempre em viva roda;
Gastar n'isto a vida toda,
O tempo, a vida, a fazenda,
Depois ficar pelitrate,
Disparate.

O ter sempre a mesa posta,
Jogar, andar em caçadas,
Ter dama, fazer jornadas,
E nunca tornar resposta
A quem lhe pede dinheiro,
Cavalheiro.

O que tendo filha ou filho,
Os vê fazer a miudo,
Este calção de velludo,
Aquella rico espartilho,
E mostra que não entende,
Que pretende?

Sustentar doze cadellas,
Um sacador, um furão,
Só por n'uma occasião
Sahir ao monte com ellas
E caçar coelhos poucos,
É de loucos.

Ficar um filho segundo
Sendo da casa embaraço;
E viver como madraço
Com um socego profundo
Tocando frauta ou viola,
Mariola.

A viuva rica e nova,
Que na igreja muito attenta
Lança devota agua benta
De seu marido na cova
Só com a ponta do dedo,
Casa cedo.

A que não conhece o mez
E que diz que tem catarrho,
Ou é velha ou come barro;
Ou algum excesso fez,
Que a curar lhe leva ás vezes
Nove mezes.

A que entende nunca que
Póde amor entrar com ella,
Seja ingrata, seja bella
Lá lhe ha de vir a maré
Em que cáia a formosura
De madura.

A senhora a quem o criado
Descalça o sapato e meia,
Se ella não é muito feia
E o moço não fôr honrado,
Faz um bucho retorcido
A seu marido.

A que tem dôres da madre,
Que remedio aos mestres pede,
Que vai ao padre da Rede,
Ou toma cedo compadre
E acrescenta a gente em casa,
Ou se casa.

Se não é rica uma dama
E estraga airosa velludos;
Se acaso os homens sisudos
Lhe lançam nodoas na fama
Pela vêr com indecencia,
Paciencia.

A que dança de arremesso,
Que faz versos e é cortez,
Que joga e falla francez,
Emfim mulher, que eu conheço,
Seja clara, seja bella,
Fugir d'ella.

A que lê livros de amores,
Que sabe deitar um mote,
Que estraga olandas a cóte,
Que faz cortejo aos senhores,
Se por milagre é donzella,
Ter mão n'ella.

Sahir sem causa da terra,
Ir vagar pelas estranhas,
Ir por vontade ás campanhas
E trazer sempre na guerra
Pendente a vida de um fio,
Desvario.

Ser de damas confessor
E ser conego em sé vaga,
E ter quem lhe cure a chaga
Do tyranno e cego amor
Lá muito pela escondida,
Boa vida.

Servir a el-rei toda a vida,
E depois em recompensa
Ter trinta mil reis de tença
Que é sómente recebida
Lá no cabo da velhice,
Parvoice,

Trazer titulos de Roma
Sem primeiro ter que gaste,
E ter bispo de Tagaste
Sem ter já rendas que coma,
Pagar a bulla e gabella,
Bagatella.

Uma fidalga noviça,
Que quer, com grande insolencia,
Ser tratada de excellencia,
Com chinelas de cortiça
E manto de tafetá,
Arre lá.

Jogar de abono, e perder,
E não ter com que pagar;
Ter amor e vêr mudar
A dama que bem se quer,
E não ter lenha no inverno,
É inferno.

Ministro que lê Descartes
Em vez de lêr por Themudo,
Ou que faz na solfa estudo
Mais que nos feitos das partes,
Está mui bem premiado
Aposentado.

No que tem filhas bonitas,
E no dia de seus annos
Consente que alguns maganos
Lhe façam não só visitas
Mas tambem algum calote,
Chicote.

A que bebe sem vergonha,
Que toma tabaco e dança,
Que do jogo não se cança,
Que é toda guapa e risonha,
Se por milagre é donzella,
Ter mão n'ella.

Ser bispo sem jurisdicção,
Capitão de auxiliares,
Cadete nos militares,
Cavalheiro de esporão,
E casar-se na velhice,
Parvoice.

O que passeia montado
Sobre rocim muito pôdre,
Com xairel de pelle de ôdre,
Com teliz esfarrapado
E lacaio de capote,
Dom Quixote.

A que tem um só amante
E lhe manda a consoada;
E, se o vê fazer jornada,
Nunca mais sobe ao mirante
Pelo respeitar ausente,
É innocente.

Vêr uma dama noviça
Querer ella ser senhora
Tendo vindo de pastora,
Que de alguem o affecto atiça
Só por ter quem a sustente,
Não é gente.

Vêr andar de ceia em ceia
Alguns, que aqui não nomeio,
Ir ao jogo, ir ao passeio,
E pretenderem que eu creia
Que vão só tomar café,
Não bofé.

N'aquelle que anda em carroça
E pretende senhoria,
Sem se lembrar que algum dia
Andava seu pai de crossa
E sua mãi de tamanca,
Boa tranca.

Letrado que atraza a causa
Com mil enredos astutos,
Que lê feitos circumdutos,
E se passeia com pausa,
Fallando só no escriptorio,
Farelorio.

Mercador que faz rebates
Depois de casar as filhas,
Que manda navio ás ilhas
E não paga aos calafates
Senão depois de citado,
Tem quebrado.

O que nega a mão direita
A todo o clerigo, e frade,
E o que por mais vaidade
A senhoria lhe aceita,
E lhe falla impessoal,
Animal.

O que namora a mulher
Na igreja ou camarote ;
E que a deixa dar um mote
Em noite de baile, e quer
Que aos mais pareça discreta,
É pateta.

O que vai sempre ao café,
Que traz papeis no cabello,
Que dá muito ao cotovêlo
E que em passo de cupé
Caminha pelo ladrilho,
Peralvilho.

Se ás vezes traz a verdade
Algum dissabor comsigo,
Aquelle que das que digo
Não mostrar nunca vontade,
Tenha ao menos por prudencia
Paciencia.

EDUARDO VIDAL

É o snr. Eduardo Vidal um poeta lyrico e quasi singular em duas qualidades excellentes, n'esta época de gallicismos e de castração do amor: ama, primeira qualidade; segunda, e mais rara: faz correctissimas lyricas do seu amor. Não lhe sei a idade. As suas poesias rescendem vinte primaveras. Quando eu era moço, cheirava-as com certa inveja e com tal qual ciume. Agora, quando o leio — e nunca deixo de o relêr — sinto pruir-me a saudade do anjo que a mim me fugiu, e a elle lhe grudou nas espádoas as nitentes azas.

Os talentos recem-vindos bem forcejam por desazal-o. Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro,

ambos engenhos de *prime saut,* symbolisaram-no no romantismo, e não cessam de o morder em holocausto á IDÉA NOVA. Mas o snr. Vidal refuta-os d'este teor:

A idéa nova, é boa!... em que consiste a idéa?...
Nova; mas nova em que?... Na insania que alardeia,
Na fórma sem primor, no rasgo deshonesto,
Na feia exposição, na chufa, no doesto,
No delirio fallaz que pinta a humanidade
Em latibulos vis de infame ebriedade,
Bebendo a corrupção nas taças sacrosantas?...
Idéa nova, em que?... Se a perversão nos cantas,
Sagrando a lyra d'ouro ás saturnaes lascivas;
Se no teu ideal só pairam essas *divas*
Que a miseria lançou nos antros enlodados,
Que novidade és tu? Que mundos ignorados
Pretendes cimentar repletos d'abundancia?—
O que farás do amor,—o que farás da infancia?...
O que dirás ás mães n'um limpido conselho?...
Onde tens o respeito ás cans do pobre velho
Que é pai, que é bom, que é triste, e em Deus inda confia?...
És noite e escuridão; negas a luz e o dia.
És o velho farçante, a deusa descambada.
Não ascendes ao bello; andas de escada em escada
A farejar o crime, e a delatar o vicio.
Que sacerdocio é o teu?—Serves o baixo officio
Do policia que espreita, e agarra o que mal usa:
Votaste a Boa-Hora em templo á tua musa.
Eu, que persisto ha muito em crêr no bem florente,
Que sou da reacção protervo impenitente,
Que adoro o céo, a flôr, a pallida belleza,
Os lirios da innocencia, a vasta natureza,
E que sinto em minha alma uns éstos de lyrismo
Quando me agita, ó Deus, um vago pantheismo
Que me afaga, me enleva, e brando me sorri,
Mas que, em intimo ardor, me leva a crêr em ti;
Eu deixo caminhar a procissão judenga,
E adormeço de ouvir-lhe a chôcha lenga-lenga!

Estes alexandrinos são tersos, formosos e irrespondiveis. Quando, ao diante, eu historiar esta invasão de Gongoras entranhados em idéas novas de remendos velhos, colhidos a gancho nos monturos de Paris, os versos do snr. Vidal serão citados como o protesto de um Daniel na cova dos leões.

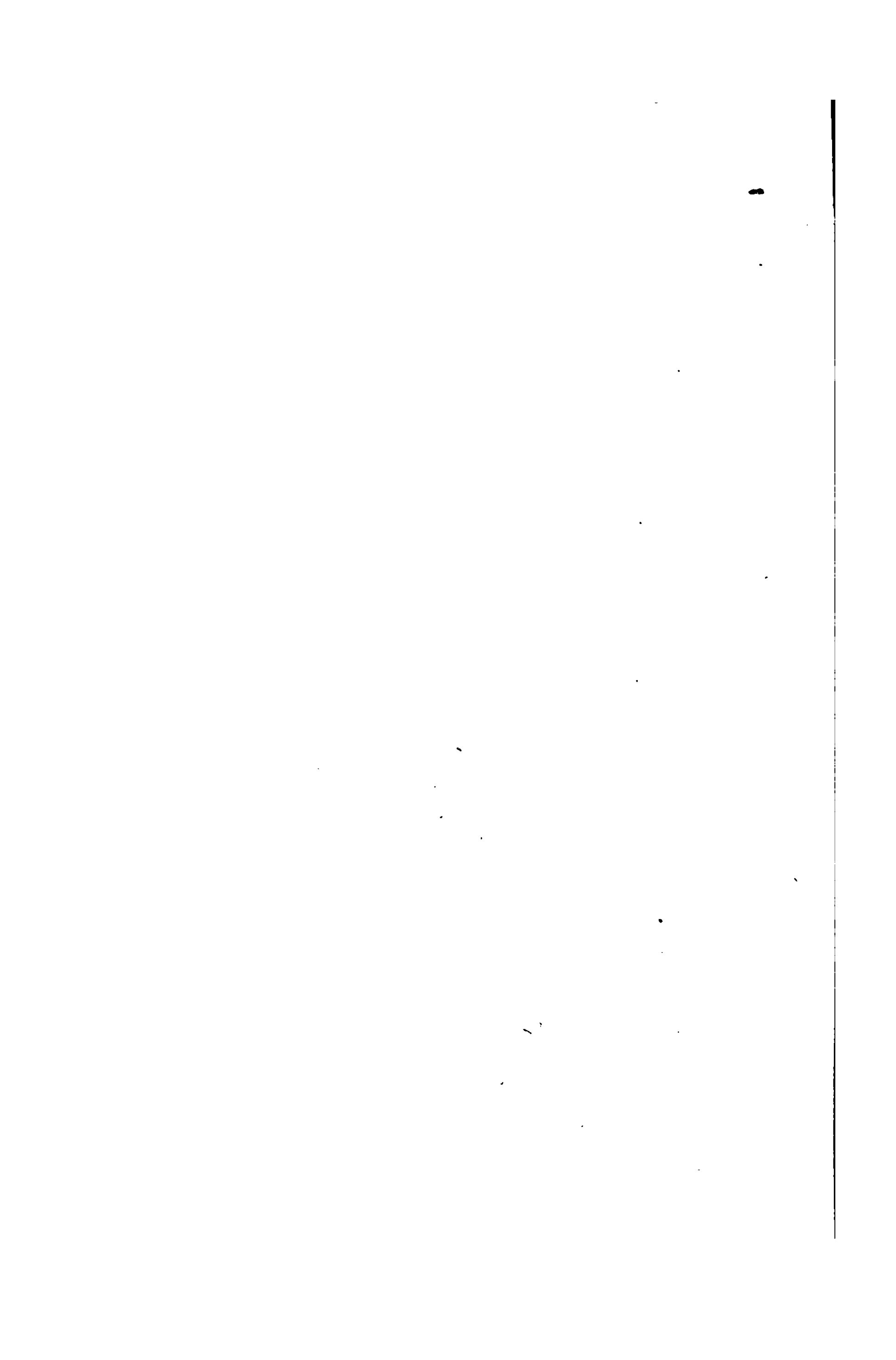
A RAPOSA E AS UVAS

Dizem que as musas castas d'outras eras
Devem metter-se agora a petroleiras
E esfolharem-se as vívidas roseiras,
Enfeite das caducas primaveras;

Que o tempo das visões e das chimeras
Desfez-se, á luz das coisas verdadeiras,
Que é nescio o amor, que as aves são palreiras,
E que ninguem se importa co'as espheras.

Eu ouço dizer isto em rima vária,
E emfim que é bom pôr termo a tantas pêtas,
Que a *idéa nova* é nova... e proletaria.

Oh Herodes crueis das borboletas!
Quem vos déra a varanda solitaria
Onde scismam as pallidas Julietas!



PAPANÇA, E NUNES DA PONTE

Vi-os em Coimbra no seu ultimo anno de formatura. Bachareis em direito, despediram-se da mocidade, e levaram cada um seu livro de versos á Primavera que lhes dava o ultimo beijo no Penedo da Saudade. Com que melancolia, volvidos vinte annos, os dous velhos pedirão á memoria a inspiração d'aquellas paginas!

Macedo Papança faz que um leitor sério se deixe ir atraz das tranças soltas, e da espádoa nua, e do desnalgado requebro da poesia moderna. Nunes da Ponte, ao envez, tão moço como o seu condiscipulo, verseja sobre sentimentalidades de ha dez annos, no estylo temperado dos poetas

que nutriam amores castos e um saudavel medo dos equivocos suspeitos. E — singular cousa! — um entre risos, outro entre lagrimas, ambos accusam mulheres ingratas, e principalmente doidas, mulheres que fizeram do coração cuias, e que, situadas á margem do Mondego, onde gemem os suspiros da Collo de Garça, são pouco *Ignezes* porque teem muito de *Hortas*.

MACEDO PAPANÇA

INCOMPATIBILIDADES

Tens a oleo na sala de visitas
Os austeros perfis dos teus parentes,
E disseste-me um dia até que os sentes
Orgulhosos sorrir, se acaso os fitas.

Descendes de D. Fuas, ou não sei
Que portuguez illustre é que tu dizes,
Que defendeu em tempos mais felizes
Com denodo fidalgo o reino e o rei.

Tua mãi nunca perde occasião
De me dizer que nos saraus da côrte
Os rapazes gentis de melhor porte
Te fazem a galante distincção

De se curvarem logo que tu passas,
Disputando em seguida a primazia
Na tua carteirinha luzidia,
Que os inscreve segundo as suas raças;

E teu pai, se me falla, nunca falla
Senão em pergaminhos, em fidalgos,
Nas ligeiras matilhas dos seus galgos,
No conde, na duqueza, na marechala;

Em summa nas distinctas relações
Do seu nobre solar, abrazonado,
Que é um grande cachimbo requeimado
Das fumaças de muitas gerações.

Nos jardins, nos theatros, nas igrejas
Acompanham-te uns comicos galans
Dizendo-te umas phrases tolas, vans,
E enchendo-se de estupidas invejas,

Se os teus olhos, travêssas mariposas,
Em mim se vêm fitar, como n'um fructo;
E eu que os desprézo e ás vezes que os desfructo
Sondando-lhes as almas tenebrosas,

Sinto-me triste, e triste, porque sou
Um pária social, talvez o neto
D'algum sêr desprezado, e pobre, e abjecto,
Que as botas engraxava a teu avô.

Portanto já tu vês que não podemos
Unir-nos no futuro (ideia negra!);
E esta uma excepção áquella regra
De sempre se tocarem os extremos.

Eu continúo a ser um sonhador
Que te pede em profunda reverencia,
Ao dar-te, humilde, a mais altiva excellencia,
O teu fulgido olhar, como um favor;

E tu, a fina solarenga austera,
Irás talvez em breve desfolhar
A grinalda da tua primavera
Nos braços imbecis d'um titular!

DUAS ÉPOCAS

I

Eras minha e só minha; eu via-te assim como
Um Tantalo d'amor, um Tantalo febril,
Que aspirava a beijar o immaculado pômo
— A tua mão pequena, alvissima e infantil. —

Eras humilde e boa; olhava-te e pensava
Que havias de ser tu, ó pallida açucena,
A minha esposa casta, e ouvia-te e aspirava
O fresco musical da tua voz serena.

Sentia-me tão bem, tão bem, tão confortado
Se me vinhas fallar baixinho ao meu ouvido,
Dôce como um perdão, triste como um gemido,
Do teu primeiro amor, meu unico cuidado,

Que me punha a scismar então, se porventura
Lá onde habita Deus, nos páramos infindos,
Se encontraria azul de côr mais casta e pura,
Que o azul ingenuo e bom d'esses teus olhos lindos.

E aonde os anjos vão cantar coisas do ceu
Nos espaços da luz, no centro da harmonia,
Quando eu subisse lá, se acaso encontraria
Uma voz como a tua e um canto como o teu.

Tu eras para mim um culto abençoado,
Perto de ti sentia aquella estranha unção
De muita fé, que sente um rude, um aldeão
Ante o grande esplendor d'um templo illuminado.

II

Hoje és uma *coquette* altiva e pretenciosa,
O ideal *du monde chic,* a flôr do *cotillon,*
Que mostra o *collo* nú e a meia côr de rosa
Premida sob o azul da bota *á benoiton.*

Tu fallas na *Marie*, no Seixas e no Guerra,
Que te hão de fornecer uns *nadas* muito caros,
E em que has de mandar vir da Escocia objectos raros
E as sêdas de Paris, e as rendas de Inglaterra,

Para os bailes do inverno e recepções no paço,
Cujos espelhos vão decerto reflectir
Esse teu corpo unido ao corpo d'um palhaço,
Que só de imaginal-o até me ponho a rir.

Desejava escutar a prosa almiscarada
Do teu nobre *galan*, do teu aristocrata;
Deve sahir sublime a phrase trabalhada
Na tôrpe escuridão d'uma cabeça chata!

E dizes que já tens um par muito gentil
Para a primeira valsa — o filho d'um visconde:
C'est le plus distingué, la fleur du demi-monde,
Cujo esquecido avô foi dono d'um barril.

Elle é franco commigo, e um dia ha de dizer-me
Que te fallou d'amor, que tu córaste, e que elle
N'um beijo te provou o saboroso mel
Das rosas virginaes da alvissima epiderme;

E eu hei de então contar-lhe um pouco enternecido,
Por vêr surgir de novo o sonho d'outra idade,
Que o perfume senti da tua virgindade
Por te beijar sómente a cassa do vestido.

Ai, pobre flôr perdida! ai, flôr abandonada
Á quieta podridão d'um pantano maldicto!
Has de beber o fel d'um coração afflicto,
Na ironica explosão da minha gargalhada.

E nota que ao passar por ti, se me cahir
Uma lagrima, ó flôr, no teu vestido nobre,
Não penses que a gerou a dôr que o riso encobre,
Que eu rio de te vêr, e chóro de me rir.

NUNES DA PONTE

VAIVENS

Outr'ora na rua, na sala, nas praias
Onde ella ia d'antes,
A altiva senhora das fórmas esbeltas,
Prostravam-se ao vêl-a na curva dos deltas
Os finos galantes.

Na camara, um dia, um ministro d'Estado,
É chronica assente,
Levado d'assombro de tanta elegancia,
Tomou a palavra, gemeu uma estancia
Ao vêl-a de frente.

Um rei atrevido de planos estranhos
Se bem me recordo,
Lembrou-se uma vez de trocar os Estados
Co'amigo sultão, se os povos amados
Se achassem d'accordo.

Propondo-lhe a ella por vias travessas,
Por duques e pares,
Fazêl-a sultana dos reinos caducos,
Doirar-lhe os desejos, cercando-a d'eunucos
Nos ermos palmares.

Loucuras dos grandes! A altiva senhora
Pensou um instante
Nos *cambios* do gôzo, na dôce aventura
Que o harem escravisa na molle tortura
D'um turco constante...

Não quiz acceder. E o reinante magoado
Morrera decerto
Se os grandes fidalgos e damas ousadas
O não distrahissem nas longas caçadas
Do corso inexperto.

No emtanto correram os annos ligeiros,
E coisa estranhavel!
Passavam-lhe o pé com fatal insistencia
Os finos galantes da morna indolencia
Sem coisa notavel.

Até que dorida de tanto abandono,
Um dia prostrada,
A grande senhora da altiva belleza,
Fixou n'um espelho com mágoa e tristeza
A fronte enrugada!

Debalde a açafata da dama chorosa
Procura animal-a
Com fallas e risos, cingindo-a nos braços ;
O pranto desvenda-lhe os lividos traços
Dos pós *á mar'chala.*

Passado esse dia, corria na côrte
Com pasmo dos nobres,
Que a altiva senhora fugira do mundo,
Para ir encerrar-se n'um claustro profundo
E orar pelos pobres.

CAMÕES

Têm-se escripto notaveis parvoiçadas por conta de Camões, umas nacionaes, outras estrangeiras. Entre as segundas, é notavel uma do principe russo Élim Mestscherski, fallecido em 1844. Incluido nas suas poesias francezas, posthumas, com o titulo LES ROSES NOIRES, está um drama chamado *Camões*. O poeta, nas ultimas horas da vida, occupa um quarto do terceiro andar do hospital, onde o vai procurar um mercieiro que tinha sido seu condiscipulo no «collegio de Calvas». Camões custa-lhe a reconhecer o condiscipulo; mas, dados os seguintes esclarecimentos, recorda-se. Diz o tendeiro:

Me reconnaîtrez-vous, quand vous m'entendrez dire:
Je suis José Castel Branco de Viado,
Vous faut-il plus ? Je suis moi José Québédo,
Fils de Marichita qui fut votre marraine.

Este burguez, filho da snr.ª Mariquita, madrinha do fidalgo poeta, era pai de Vasco Mousinho de Quevedo Castel Branco, tambem poeta, a quem o principe russo, por amor da rima, chama *Pérez*. O motivo que leva o mercieiro ao hospital não é indigno do seu mester: vai vêr se conduz o desgraçado poeta para casa afim de que seu filho *Pérez*, vendo-o morrer tão pobre e sem amparo, perca a mania de fazer versos. Camões não aceita o favor. José Castel Branco de Viado sae zangado do hospital insultando o moribundo, e manda-lhe o filho a vêr se o resolve. *Pérez* assiste ao trespasse de Camões; e, contra o que o pai conjecturava, sente-se cada vez mais accêso em ardor poetico na presença d'aquelle sublime espectaculo da morte do principe dos epicos. O filho do tendeiro de Lisboa, poucos annos depois, publicava o poema AFFONSO AFRICANO. Os nobilissimos Cabedos de Setubal, descendentes collateraes do cantor das empresas de Affonso V, se souberem que o principe Élim lhes pôz o tendeiro na stirpe dos bravos batalhadores da côrte de Pelayo, decerto devem sentir um justo desprezo por todos os principes russos.

Camões amou muito; logo, não foi o grande desgraçado que se imagina. Amou muitas senhoras de varias côres, áquem e além-mar, solteiras e casadas:

N'uma casada fui pôr
Os olhos de si senhores:
Cuidei que fossem amores,
Elles fizeram-se amor.

Amou uma preta:

Aquella captiva,
Que me tem captivo,
Por que n'ella vivo
Já não quer que viva.

....

Pretidão de amor,
Tão dôce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr.

....

Esta é a captiva
Que me tem captivo,
E pois n'ella vivo
É força que viva.

Amou uma Catharina, Uns dizem que era de Athaide, outros Boccanegra — em todo caso, fidalga; mas não a tratava com grandes delicadezas de palaciano:

Catharina é mais formosa
Para mim que a luz do dia;
Mas mais formosa seria,
Se não fosse mentirosa.

....

Jurou-me aquella cadella
De vir, pela alma que tinha;
Enganou-me, tinha a minha,
Deu-lhe pouco de perdel-a.

Chamava-lhe *cadella*. Fiem-se lá nos lamuriantes queixumes do falsificado Camões de Garrett:

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella, etc.

Amou uma Gracia de Moraes:

Olhos em que estão mil flôres
E com tanta GRAÇA *olhaes*
Que parece que os amores
Moram onde vós MORAES.

Amou uma Domingas:

Esconjuro-te, Domingas,
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas,
Viverei menos penado.

Amou ao mesmo tempo uma Helena, uma Maria e uma Joanna:

Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna;
Não sei qual d'ellas me engana.

Amou uma pastora:

Pastora da serra,
Da serra da Estrella,
Perco-me por ella.

Amou uma fulana dos Anjos, que lhe chamou diabo:

Senhora, pois me chamaes
Tão sem razão tão mau nome,
Inda o diabo vos tome.

....

Já que chegaes tanto ao cabo
Com as mãos postas aos ceus,
Vou sempre pedindo a Deus
Que vos leve este diabo.

Amou uma Beatriz:

Formosa Beatriz, tendes taes geitos
N'um brando revolver dos olhos bellos,
Que só no contemplal-os, senão vêl-os,
Se inflammam corações e humanos peitos.

Até aqui onze, fóra as que eu não nomeio para não offender as familias honestas que as representam, e as ineditas que elle tambem não nomeou.

A sincera biographia d'este poeta, um dos primeiros da Europa, e o maior do seu seculo, ainda não está escripta. Os que versaram esse assumpto acingiram-se á tradição, a Manoel de Faria e Sousa, embusteiro desprezivel, e ao licenciado Manoel Corrêa, escravo das conveniencias. O bispo de Vizeu, Barreto Feio e o snr. visconde de Juromenha, bons litteratos a muitos

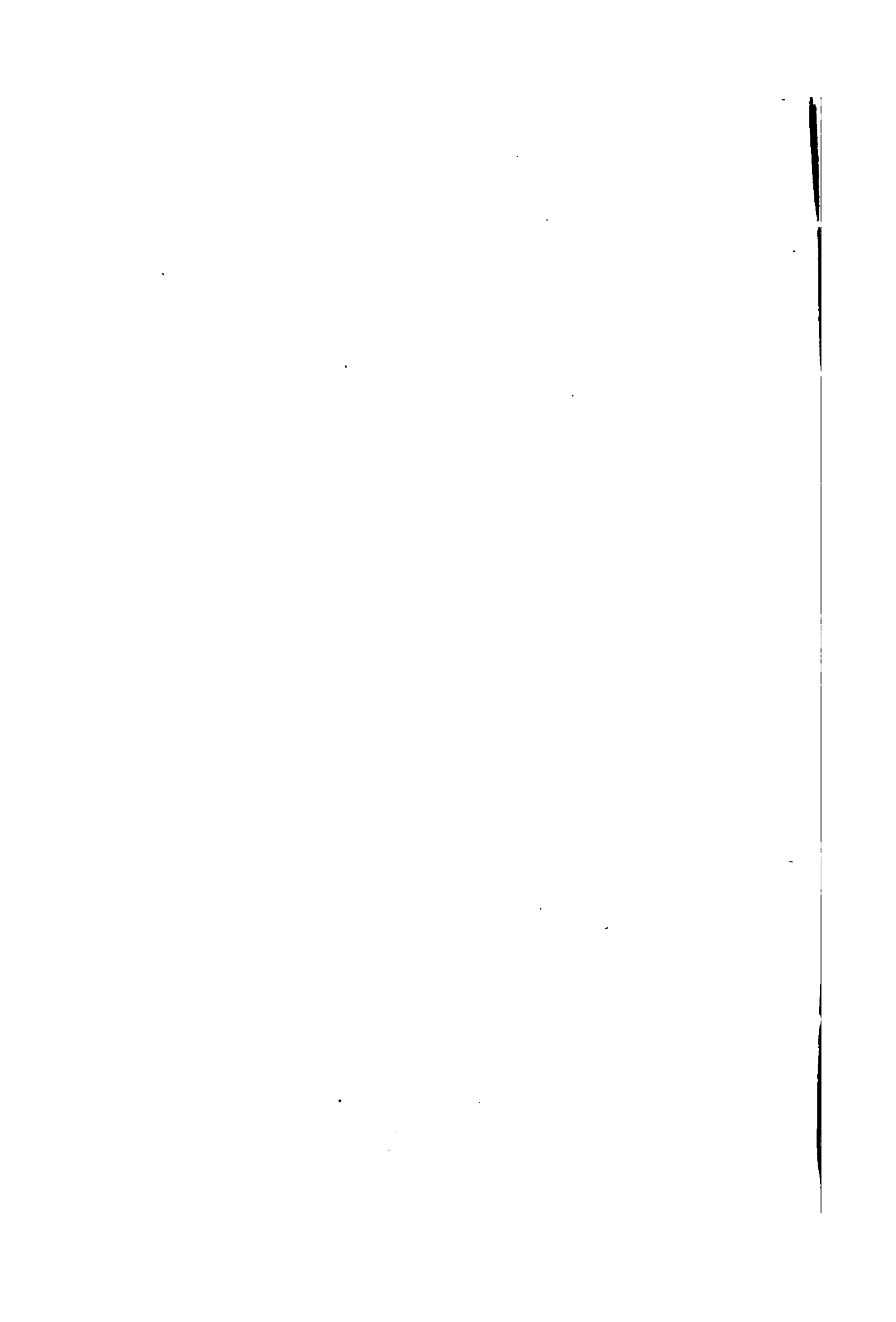
respeitos, estavam muito áquem da baliza onde a critica principia a dilucidar o perfil de Camões. O doutor Theophilo Braga, se não escrevesse em annos, tão verdes e com tanta precipitação, em vez de um chavascal de incongruencias estolidas e de hypotheses pueris, teria rastreado a linha recta que levou o grande genio pela desordem da vida aos embaraços da pobreza e do desamparo. Em vez de o phantasiar a carpir-se da perda de Alcacer-Kibir dar-nos-hia como documento da sua cumplicidade n'aquelle desastre a *Epistola* a D. Sebastião em que o poeta lhe pede que *tinja as suas settas no sangue sarraceno, que Deus o premiarà pelo vingar dos rebeldes, etc.*

Como quer que seja, Luiz de Camões, se não tinha costumes exemplares, aconselhava-os ás damas que escorregavam, recebendo presentes de sitim, já por causa do *si* (sim) como por causa do *tim.* Esta poesia não é propriedade do seculo XVII como pintura de maus costumes: cabe á larga no seculo XIX, e deve entrar n'um *thesouro de meninas* com preferencia á ilha dos amores em que

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo que se ceva
Nas alvas carnes, subito mostradas

Uma de industria cae, e já releva
Com mostras mais macias que indignadas
Que sobre ella empecendo tambem cáia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

Estes versos crús e nús não são do snr. Guerra Junqueiro nem do snr. Alfredo Carvalhaes. São do poeta inculcado e recommendado para leitura das escólas de rapazes, e acham-se em edições de seis vintens no açafate de costura das meninas. Tirem-no de lá, por quem são, mães de familia, e façam-nas decorar o que ha no *sitim* quando a palavra se decompõe e a mulher se descompõe.



A UMA SENHORA

A QUEM DERAM UM PEDAÇO DE SITIM AMARELLO [1]

Se derivaes da verdade
Esta palavra *sitim,*
Achareis sem falsidade
Que após o *si* tem o *tim,*
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis;
Mas por que não falle em vão,
Sabei que a esta Nação
Tanto que o *si* concedeis
O *tim* logo está na mão.

---

[1] Modernisa-se a orthographia para desembaraçar difficuldades.

E quem da fama se arreda,
Que tudo vai descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da sêda
Seu natural é rugir.
Mas pano fino e delgado
Qual a raxa e outros assi,
Dura, aquenta, e é calado,
Amoroso, e dá de si
Mais que *sitim* nem brocado.

Mas estes que sêdas são
Com quem se enganam mil damas,
Mais vos tomam do que dão;
Promettem, mas não darão
Senão nodoas para as famas.
E, se não me quereis crêr,
Ou tomaes outro caminho,
Por exemplo o podeis vêr,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum visinho.

Oh feminina simpleza,
D'onde estão culpas a pares,
Que por um Dom de nobreza
Deixam dons de natureza
Mais altos e singulares!
Um dom que anda enxertado
No nome, e nas obras não.
Fallo como exp'rimentado:
Que *sitim* d'esta feição
Eu tenho muito cortado.

Dizem-me que era amarello;
E quem assim o quiz dar,
Só para me Deus vingar
Se vem á mão, amarêl-o [1],
O que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas
(Isto bem póde não ser)
Dá a meninas formosas
Sómente por as fazer.

Quem vos isto diz, senhora,
Serviu nas vossas armadas
Muito, mas anda já fóra;
E póde ser que inda agora
Traz abertas as fréchadas.
E, posto que desfavores
O tiram de servidor,
Quer-vos ventura melhor;
Que dos antigos amores
Inda lhe fica este amor.

1 Amal-o-heis.

A UMA SENHORA

REZANDO POR UMAS CONTAS

Peço-vos que me digaes
As orações que rezastes,
Se são pelos que matastes
Se por vós que assim mataes?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que se vêdes quantos vêm
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deus ouvir,
Se vós não ouvis ninguem?

Não podeis ser perdoada
Com mãos a matar tão prontas;
Que se n'uma trazeis contas,
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encommendando
Os que matastes andaes;
Se rezaes por quem mataes,
Para que mataes, rezando?
Que, se, na força de orar,
Levantaes as mãos aos ceus,
Não as ergueis para Deus,
Erguei-las para matar.

E quando os olhos cerraes,
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem os vê
Para nunca verem mais.
Pois, se assim forem tratados
Os que vos vêm, quando oraes,
Essas horas que rezaes
São as Horas dos finados.

Pois logo, se sois servida
Que tantos mortos não sejam,
Não rezeis onde vos vejam,
Ou vêde para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males que causastes,
Resuscitai quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

CORRÊA D'ALMEIDA

O senhor padre José Joaquim Corrêa d'Almeida é da provincia de Minas Geraes. A sua predilecção é o epigramma e a satyra. Tem cinco volumes estampados, e parece que não chegam para satisfazer as necessidades publicas do imperio. Elle diz:

Eu amo a satyra rija,
e o meu fim é corrigir;
se não ha quem se corrija,
ninguem posso coagir.

Suspeito que o senhor padre tem mais confiança no epigramma que no *Sermão da Montanha;* e, que, tendo de escolher companheiro de missão, preferiria Juvenal a S. Paulo. Era esse

tambem o systema de corrigir de Gregorio de Mattos, com a notavel e louvavel differença, de que o senhor padre Corrêa, menos rico de metros que o seu patricio, é incomparavelmente mais aceado, visa as suas pontarias a alvo anonymo, e d'ahi procede talvez não corrigir ninguem como lhe vai acontecendo com os barões de fabrica portugueza e brazileira. D'est'arte investiu elle com um:

Esse nome que na pia
receberas, ó christão,
aspirando á fidalguia,
deixas por seres barão.

Não é tudo! Esse appellido,
herdado de honrados paes,
mais não será conhecido,
visto que o não assignaes.

No lar, no templo, na rua
este juizo alguem fez:
religião, familia tua
renegaste d'uma vez.

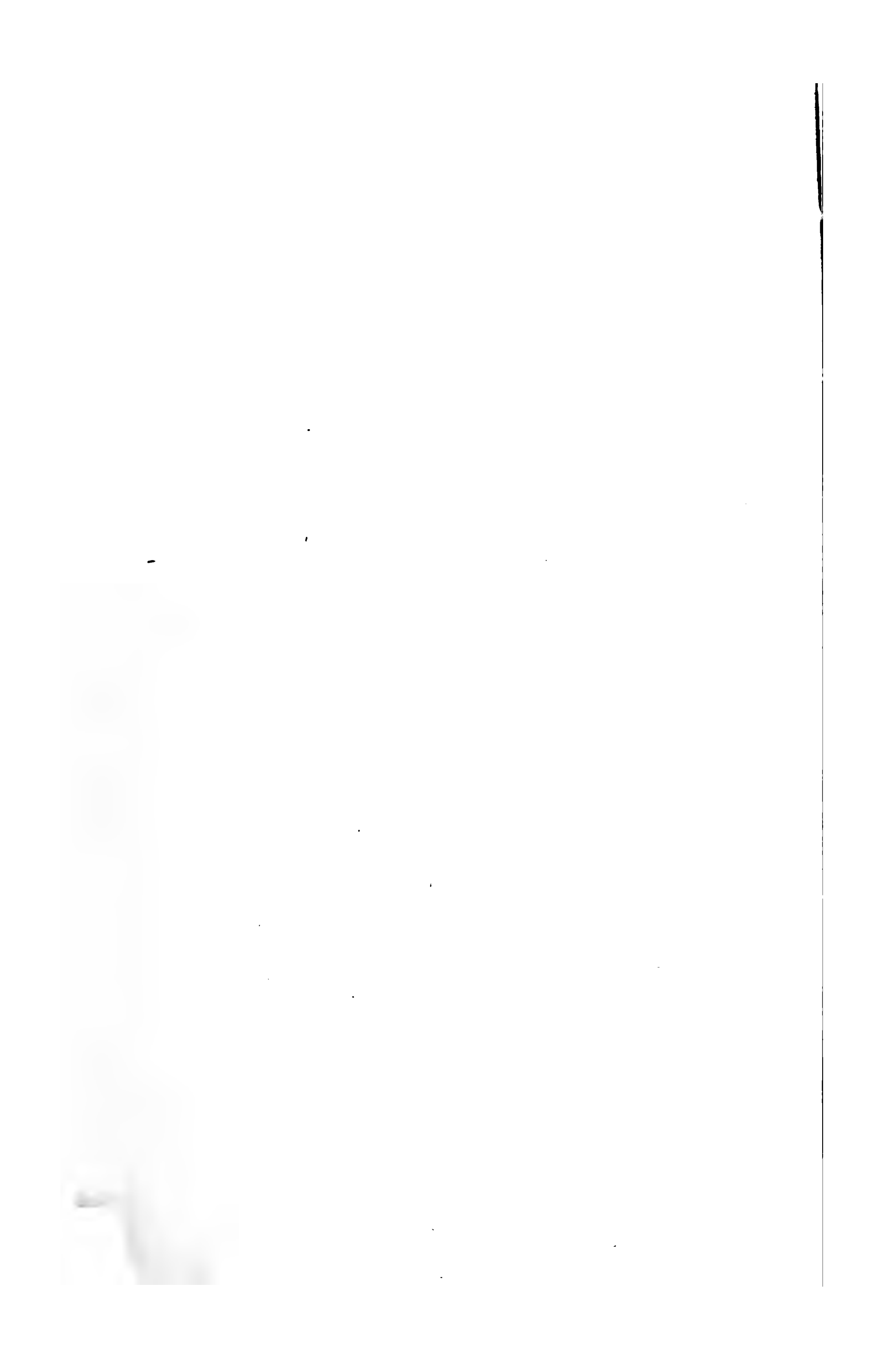
É o senhor padre José Joaquim um fino observador do entrudo no Brazil. Conhece-lhe todas as peripecias truanescas, sabe-as tão bem como os plangitivos lances da Paixão que entre catholicos romanos principia quando acaba o entrudo. É assim no seio da christandade. Pierrot e Rigolboche ainda estão cozendo a bebedeira da ultima noite de *can-can,* quando lhes levam a cin-

za de quarta-feira para saberem que são pó, a elles, catholicos, que de vinho e pó já se tinham feito lama. Deploravel genero humano! Se não póde expungir-se o entrudo sem acabar com a quaresma, acabem ambas as coisas.

A satyra do senhor padre Corrêa foi muito elogiada pelo primeiro visconde de Castilho quando appareceu na *Gazeta de Lisboa.* Castilho dava como prodigo das opulencias inesgotaveis das suas minas. Pois que a ninguem invejava e lhe sobravam diamantes para constellar o palacio das suas intimas fadas, lançava ao pescoço de todos os poetas um collar das melhores aguas, e armava-os cavalleiros; e, como lhes não via a cara, muitos armou que ficaram sendo *cavalleiros da triste figura.*

Com estas liberalidades deu azo a que um poeta de talento superior, Thomaz Ribeiro, aquelle que mais captivo teve de si o espirito indolente do publico, andasse enaipado em mãos sujas com uns vates bordalengos que o generoso Castilho quizera lixivar com os seus finos sabonetes de opoponax.

Não está o senhor padre Corrêa na turba dos elogiados caprichosamente por Castilho. Tem graça, metrifica nitidamente, folheia o seu Tolentino, e é mais erudito que o que se espera n'estas brincadeiras de entrudo.



O CARNAVAL

Em tudo este mundo finge
e ri da credulidade!
Arquemos hoje co'a esphinge,
extorquemos-lhe a verdade.

Deixemos, leitor, os ramos,
os cartões e o bom confeito;
em boa paz discorramos
em coisas de mais effeito.

Tolentino zombeteiro,
auctor de phrases amenas,
teve papel e tinteiro
das benevolas camenas.

Se com tal favor não conto
por me ser Apollo adverso,
darás benigno desconto
Ás pobrezas do meu verso.

Acho bom que nos postemos
n'esta esquina, a vêr quem passa.
Occasião hoje temos
de rir de tanta trapaça.

Que figuras exquisitas,
qual a qual com mais aceio!
Se temes, leitor, e hesitas,
é sem causa o teu receio.

Inoffensivo cortejo
ao folguedo se encaminha;
não temas, eu te protejo;
vem! dá-me e braço e caminha!

— Eia! o animo recobra!
De riso quasi arrebento!
Se é homem aquella cobra,
porque gritas por S. Bento?

— Cuidas que a fragil bengala
te queiram fazer em cacos,
se conseguem empolgal-a
esses trêfegos macacos?

Isto é pantomima ou farça.
— E se este, de verde-gaio,
se reveste e se disfarça,
nem por isso é papagaio.

Mas co'a falsa bicharia
nossa attenção não gastemos:
mais saborosa ucharia
para a critica hoje temos.

Essa corja se afugente
e fóra d'aqui se lance:
só a beliscar em gente
nossa audacia se abalance.

— Aquelle que os outros guia,
e é figura que se nota,
com ares de fidalguia
faz o papel de janota.

Se hoje tem fina casaca
e chapéo que as nuvens roça,
já transportou muita sacca,
por ser homem de carroça.

— Repara no magistrado,
paramentado de béca.
Musico em vez de letrado,
vive do arco e da rabeca.

— Vês o ancho brigadeiro
com bordadura na gola?
Infame estalajadeiro,
gato por lebre degola.

Hoje garboso se ostenta,
brandindo luzente espada;
ámanhã terá oitenta
ou mais freguezes da empada.

— Vês o nobre cavalleiro
com seu habito da Rosa?
Vende lama de atoleiro
por tinta de caparosa.

— Vês alli o sacerdote
de negras roupas talares?
O bom disfarce é grão dote,
mas longe dos nossos lares.

O devasso libertino
sob a mascara se occulta;
na crapula e desatino
é o horror de gente culta.

— Vês alli apavonada
a figura de um visconde?
Estupidez e mais nada
sob a mascara se esconde.

— Vês aquelle missionario
que descobre a fronte lisa
e qual mestre em seminario
nossas acções moralisa?

Denuncial-o á justiça
fôra bom, mas não assigno;
senão, contra mim se atiça
o furor d'esse assassino.

— Repara n'essas maneiras
do mercador de alta escala,
que, por não dizer asneiras,
impassivel ouve e cala.

É taberneiro distincto,
e a profissão feliz, boa;
faz vinho que se diz tinto,
põe-lhe o letreiro — Lisboa. —

— Não ouves como conversa
gente de voz tão macia,
e a discussão toda versa
em reis e diplomacia?

Uns fallam pró, outros contra;
mas sezões me chova a lua,
se na sucia não se encontra
mais de um arraes de falua!

— Não vês o aspecto sombrio
d'aquelle capitalista
que dos homens de mais brio
é o primeiro na lista?

Desmazelado caixeiro
é o tal senhor Francisco,
pois o balcão de mau cheiro
deixa coberto de cisco.

Não vês aquelle adoptivo
professor de medicina,
que no olhar meditativo
mostra saber o que ensina?

Se te descubro o sujeito,
juro que a rir te escangalhas.
Não reconheces o geito
do atalhador de cangalhas?

— Não vês aquelle monarcha
de manto, sceptro e corôa?
O pobretão não tem na arca
um vintem para borôa.

— Não vês o ancião que alveja,
encolhido e desdentado?
N'elle cumpre que se veja
um conselheiro d'Estado!

A antithese certamente
não póde ser mais exacta:
é fresco, é joven, e ou mente
ou nem ata nem desata.

— Não vês lá o candidato
repartindo circulares?
Quanto elle seja cordato
é facil de calculares.

Criado de galão branco,
ou servente de ucharia,
se o carnaval achou franco,
a senatoria acharia.

— Que de heroes do tempo antigo
aquelle grupo arremeda!
Ahi tens, leitor, comtigo
povo assyrio, gente méda.

— Caminha ao lado d'Isocrates
o longimano Artaxerxes.
— Aspasia, mestra de Socrates,
caminha ao lado de Xerxes.

— Como acolá se mistura,
como se tem confundido
na viva caricatura
a triste, mesquinha Dido!

Trae o amoroso contracto
e, conforme se crê, usa
do proceder mais ingrato
o viuvo de Creúsa.

Não repillas, não enxotes,
meu leitor, o pio Enêas!
Repugna louvar Quixotes
rendidos a Dulcinêas!

— Horacio empina um almude
para animar estas scenas;
pede aos deuses não se mude
de entre os viventes Mecenas.

É philosopho o bréjeiro,
e não ha quem o apoquente;
acha tudo lisonjeiro,
comtanto que elle ande quente.

— Virgilio alli se complica
no reboliço da rua;
a surdos e ao vento explica
o prestimo da charrua.

— Ovidio suave e bello,
carpindo suas desgraças,
recommenda ao seu libello
que evite o palacio e as praças.

Do Capitolio descera,
todo assombrado de um raio;
porém a Nasão de cêra
ainda nos brada: Honrai-o!

Minha razão é tão romba,
que, a despeito dos mentores,
n'isto acho exemplo de arromba
a futuros escriptores.

— Cicero acolá por gesto [1]
se explica, e o sobr'ôlho enruga;
ora folheia o Digesto,
ora coça na verruga.

[1] Em figura de carnaval é desculpavel o anachronismo, sobretudo havendo necessidade de rima.

Foi bem apanhado o absurdo
(perdôem-me os palradores):
representa um mudo-surdo
o maior dos oradores!

— Mostra o corpo como emblema
do alto officio Ganimédes.
Risca e resolve um problema
co'o pau no chão Archimedes.

— Aquella figura austera
grave balança equilibra,
anjo fiel não se altera
por mais libra, menos libra.

Parodía o justiceiro
sabio Minos, rei de Creta;
instincto de carniceiro
só leis de sangue decreta.

— Caro leitor complacente!
Nas noções que passo a dar-te
O meu estro se resente
da falta de engenho e d'arte.

Se acaso não tens noticia
dos habitantes do Olympo,
esta canalha ficticia
eu te vou tirar a limpo.

— Alli o velho Saturno
que devora e não mastiga,
nos recorda taciturno
a regia ambição antiga.

— Este é Jupiter potente,
sem correctivo, absoluto;
ninguem o odio lhe tente,
se não quer em casa luto.

Bem o conheço, e se o digo
não é para seu desdoiro;
como póde este mendigo
transformar-se em chuva d'oiro?!

— Aquelle, de arnez provido,
se bem não posso affirmar-te,
pelo menos tenho ouvido
ser o bellico deus Marte.

Porém desde que elle ha sido
lembrado para recruta,
não tem amadurecido
no meu quintal uma fruta.

Quando a guerra nos assola,
dou-te um bôlo se o apanhares;
aproveita-se da sóla,
e dá giz nos calcanhares.

— O que traz bigorna e torno,
e amartella ferreo cano,
da gambia pelo transtorno
mostra ser o deus Vulcano.

— Este que empunha o tridente
com movimento importuno,
que me cáia mais um dente
se não é o deus Neptuno.

— Esta cara luzidia
menos mal finge a de Apollo,
que ministra luz e dia
á esphera de pólo a pólo.

— Aquelle que ri á tôa
offerecendo tabaco,
e canta mas não entôa,
bem mostra ser o deus Baccho.

— Proserpina, Juno e Astreia
da maneira mais burlesca,
tambem fazem sua estreia
na scena carnavalesca.

— Armado de arco e de flechas
aquella rapaz despido,
que em tantos peitos faz brechas,
é o magano do Cupido.

— Trazem n'aquella berlinda
fogosissimos cavallos
a personagem mais linda
e ninguem ousa estorval-os.

A deidade se mascára
e grande illusão me gera;
mas se lhe descubro a cara,
Venus torna-se Megéra.

— Alli vem uma donzella,
de Vesta sagrada ao culto;
a sacra pyra que zela
não lhe iguala ao fogo occulto.

É outra realidade,
que não digo por decencia;
conhece-a meia cidade,
tem por alcunha: Innocencia.

— Entre sêdas e velludo,
sobre macia almofada,
olha, leitor, não te illudo,
lá se recosta uma fada...

Mas não acredites n'ella;
é nossa visinha Olaia.
Ou á porta ou na janella
ha muitas da mesma laia.

— Formando-se justa ideia,
que illação d'aqui se tira?
Tanto deus e tanta dêa,
tanto heroe, tudo mentira!

O carnaval nos retrata
o mundo em miniatura;
a verdade é coisa ingrata,
por isso reina a impostura.

Perdão, gente galhofeira!
Melhor que estes meus resumos,
a proxima quarta-feira
diz: *Pulvis et umbra sumus.*

ANTONIO DE CABEDO

Este poeta, fallecido em Lisboa ha quinze annos, era doente, pobre, triste, alanceado de saudades de duas esposas que amára e perdera, e, ainda assim, teve intervallos remançosos em que fez poesias comicas de rara sensatez e chiste — coisas que por milagre se acolchetam.

O actual visconde de Castilho, em um mavioso livro da sua mocidade, MEMORIAS DOS VINTE ANNOS, escreveu esta formosa pagina a respeito de Antonio de Cabedo:

«... Eu já conhecia vagamente este nome por signatario de alguma peça de versos aqui ou alli estampada n'esta ou n'aquella folha ephemera de alguma arvore periodical. Mas a pessoa de

Antonio de Cabedo dizia-me muito outra coisa que me não diziam os seus versos. Era debil, mimoso, afflictivo. Tinha um corpo fragil e mesquinho, e uma estatura pouca acima da adolescencia. Tinha uma voz gasta e doentia, maneiras sympathicas e insinuantes, e no rosto e no porte não sei que soffrida e poetica expressão. Dir-se-hia ao vêl-o: é um infeliz. — Não é — respondia logo com altivez delicada o seu sorriso, que se esforçava por sorrir. — Não me enganas, sorriso! é um infeliz, e é um poeta.

«Não sei por que razão confraternisamos logo; é que elle possuia um ar candido, que punha logo toda a gente bem com elle, e bem comsigo mesma; rarissimo condão que em poucas pessoas conheci. Tinha as faces amarellas e muito cavadas; era dos trabalhos; era do estudo; era da meditação; era das vigilias; era dos dissabores; era da affecção pulmonar que d'ahi a dous mezes (oh! juizos do Supremo!) nol-o deviam arrebatar a despeito de tudo. Tudo n'elle era symetrico, ordenado, composto; sem peralvilhice nem affectação; desde o cabello sempre penteado até á bota sempre escovada; esta feição de apuro e alinho era um singular complemento e uma galante applicação ao trajo e ao porte, da sua honradez e pontualidade em tudo: pontual até no fato e nos ademanes. Duas vezes

casado por amor; viuvo duas vezes. Pobre e contrariado sempre em todas as suas velleidades, em todas as suas justas pretensões. O seu espirito e o seu talento enfermavam de melancolia. Poetava, mas pouco e a medo. Era satyrico, mas de uma satyra quasi innocente, mansa e sempre justa; sinalava os ridiculos e as pechas com toda a chistosa energia do seu epigramma: dir-se-hia que por alli desabafava a sua desventura. Havia no tom geral da sua conversação um travo de amargor; no fundo dos seus escriptos um frio de descrença, quasi saudosa; como no seu aspecto, até quando recitava as suas tolentinianas e facetas poesias, um não sei quê de trevas e melancolia. De si nunca fallava. Era utopista sincero, progressista dedicado. Dil-o-hieis precíto para a felicidade. Lêr a sua biographia, se alguma vez mão piedosa a descerrar aos leitores meditabundos e solitarios d'estas coisas tristes, será o mesmo que divagar n'um cemiterio; além uma cruz; aqui as vallas da pobreza; para alli as campas da familia, os tumulos do amor; e os cyprestes a apontarem o céo; para outro lado uma capella; acolá uns cardos; alli uma relva enfermiça, que ámanhã será pó sobre pó; e por toda a parte o peso, a idéa negra, a morte.»

Aqui está em prosa de poeta a mais santa

das poesias: a saudade do amigo. Julio de Castilho, o primogenito do primeiro visconde, foi tão melancolico em sua mocidade que nos não deu para este CANCIONEIRO uma poesia sequer alumiada de um juvenil sorriso ironico. Eu não sei se elle é tambem um dos precítos para a infelicidade.

CARTA A UM REGEDOR

Cidadão indispensavel,
que regeis com tacto fino
o duvidoso destino
d'esta famosa nação: —
saude e paz vos envio,
como fez Narciso a Echo,
e depois mercê depreco
n'esta humilde petição.

Vós que, sem ser estadista,
resolveis coisas do Estado,
e sois, em lance apertado,
dos governos assessor;
que desprezaes por modestia
a carta de conselheiro,
e persistis em... tendeiro...
algibebe... ou cortador;

Vós, que fazeis deputados
ao sabor do ministerio, —
e, quando o caso é mais sério,
até mesmo os inventaes;
enchendo emfim esse templo
das côrtes *benedictinas*,
que, ao menos, nas officinas
dão que fazer aos jornaes:

Ouvi-me, e sêde benigno,
magistrado venerando,
que o tal — *posso, quero e mando* —
já lá vos chegou tambem.
E, sem mais palavriado,
vou tratar do meu assumpto,
promettendo um bom presunto
se o negocio sahir bem.

Tenho um filho, já crescido,
d'um talento desmarcado!
O rapaz ha de dar brado,
se bom caminho seguir.
É pacato e mui sisudo
sem palrar de papagaio,
sempre, sempre, quando eu saio,
fica elle em casa... a dormir.

Abre um livro, e fecha-o logo,
pregando os olhos no tecto, —
que o rapaz, como discreto,
medita mais do que lê.
A leitura, só, não basta:
o lêr muito, nada prova:
olhe esta geração nova!
olhe-se mesme vossê!

Sim: vossê, da sua loja,
analphabeto chapado,
póde escolher a seu grado
um varão legislador;
vossê, do pobre cantinho
em que de sabio não timbra,
póde mais que uma Coimbra,
faz de repente um doutor!

Hoje custa achar emprego
para um moço bem nascido:
o commercio está perdido;
a marinha nada val;
no exercito de terra
são bandas por toda a banda;
e qualquer arte demanda
geito e gosto especial.

Por essas secretarias
reina justiça de moiro;
aos nescios oiro e mais oiro;
os outros... ouvem-lhe o som.
Além d'isso a intelligencia
em breve lá se atrophia:
quem fez uma portaria
nunca mais faz nada bom!

Medicos ganharam muito;
mas esse ganho fez termo:
quando um homem jaz enfermo
é quando menos os quer.
Depois dos varios systemas,
que todos por fim têm *pata*,
fica a morte mais barata
quando ella por si vier.

A mina da advocacia
teve bons exploradores,
que antigamente os doutores
não assignavam de cruz.
Mas agora a velha escóla
tem dado tanto camêlo!
bicho de borla e capêllo
quasi sempre foge á luz.

Feito o rapido bosquejo
em que 'inda tudo não digo,
ha de ser o meu amigo
não só patrono, juiz:
ajuize, que isto é claro,
se acaso ha mór embaraço
que um homem, sem ser ricaço,
vêr-se pai n'este paiz!

Lá marcho direito ao ponto.
A gente ás vezes acerta;
eu fiz uma descoberta,
que me não parece má:
para um moço delicado,
que põe mira no orçamento,
uma cadeira em S. Bento —
arranjo melhor... não ha.

Levanta-se ao meio dia;
vai almoçar ao *Chiado;*
vem ás côrtes repimpado
em traquitana veloz:
chega á sala — traça a perna,
endireita o collarinho,
e escreve o seu bilhetinho
á menina dos *bandós*.

Nos interesses da patria,
sua filha em bom direito,
quando vota, diz: — « Rejeito » —
ou diz: — « Approvo » — tambem.
Não entrega o voto á sorte,
vai alternando as respostas;
e se acaso volta as costas,
é que não entendeu bem.

Tem sarau em certas noites
nas altas secretarias,
onde ha chá, dôces, fatias,
e até neve, de verão.
Faz quasi um conto por anno;
emprega quatro parentes;
e as damas, por entre dentes,
perguntam: « Já é barão? »

Eis-aqui para meu filho
brilhantissimo futuro;
e o negocio está seguro,
se aprouver ao regedor:
um gesto de tal potencia
torna maus fados propicios,
póde mais que dez comicios
a trabalhar por vapor.

Ponho em vós minha esperança,
ponde em mim vosso cuidado;
creai-me este deputado,
e então mostrarei quem sou.
Esta empresa, em que martello,
deixa-me a cabeça calva;
se a patria não fica salva,
fica salvo... um seu avô.

Accedereis, como espero,
ao meu instante pedido;
e por mim ficareis tido
grande heroe entre os heroes.
Basta já d'impertinencia;
não pouco tenho abusado.
Sou — vosso amigo e criado —
João Fernandes d'Anzoes.

RESPOSTA DO REGEDOR

Illustrissimo senhor
João Fernandes d'Anzoes: —
Recebi o seu favor,
estando a fazer uns roes
mail a minha *Leanor.*

Ella é quem m'escreve e lê
toda a minha papelada;
eu nunca; e não sei porquê,
que eu dei de cór e salteada
a carreira do A — B — C.

Mas letra por minha mão
dá logar a que alguem pense
ser eu materialão,
como um pobre amanuense
de qualquer repartição.

Isso nunca! Assento a gis
certas coisas cá da tenda,
os queijos, paios, pernís;
ou marco alguma encommenda,
que ás vezes chega em barris.

Emquanto á regedoria
é tudo lá da patrôa —
trabalha de noite e dia;
e que letrinha tão boa!
parece *phitographia.*

Mas onde vou eu parar
co'as prendas da minha *aquella,*
sem do negocio tratar?!
É sempre: em fallando n'ella,
sou peor que ella a fallar!

Vamos lá ao seu rapaz,
Não é de João Fernandes
a proposta que me faz;
vossê tem ideias grandes,
e eu cá não lhe fico atraz.

Quer seu filho deputado;
e quem é que não quer d'isso?...
tão amargo é o bocado!
fazer á patria serviço
na poltrona recostado!

Tem razão, meu caro amigo;
eu tambem quizera ter...
armazens cheios de trigo;
fôra melhor que viver
cá dentro do meu postigo.

O negocio tem seu osso;
a coisa não vai assim:
anda por 'hi muito moço,
ha tempos, atraz de mim,
e gente que tem caroço!

Olhe que n'uma eleição
entendo bem da manobra;
vejo muito medalhão
que, supplicante, se dobra
diante do meu balcão.

Porém, apesar do geito
com que levo a tal campanha,
ás vezes um logar feito
passa a outro que o apanha,
e bumba! lá fica eleito.

São pedidos a não mais!
pedidos da minha classe,
e d'outras classes que taes;
e, perto do desenlace,
as cartas ministeriaes.

Se o senhor lêsse uma lista
que recebi n'outro dia
d'um machucho meu bairrista,
decerto que se benzia;
era coisa nunca vista!

Ainda no mez passado
arranjava-lhe o rapaz;
tinha um logar despejado,
e vai de repente: *zás*!
apparece outro afilhado.

É um doutor franganote,
que perdeu o casamento
com menina de bom dote,
e quer ir ao parlamento
desforrar-se do calote.

Em vagando este logar,
é despacho immediato:
tenho por força de o dar
a um capitão mulato,
que chegou do ultramar.

Assim que vagar segundo,
ha de ir um periodiqueiro
em solecismos fecundo,
por quem pede... o mundo inteiro,
não digo, mas meio mundo.

Irá depois um janota
que teve muito de seu.
N'esse toda a gente vota,
que elle emfim ensandeceu,
e allega o ser idiota.

Estes candidatos são
para a proxima fornada.
Eu, por temer confusão,
tenho a gente separada
em secções de batalhão.

E além de taes pretendentes
á nobre candidatura,
andam cá os meus parentes
em contínua seccatura,
porque têm as costas quentes.

Não tem fim esta encommenda
de cadeiras em S. Bento!
Tomára na minha tenda
um freguez por cada cento;
fazia um milhão de renda.

Eu qualquer dia desisto
de tão tremenda massada!
Deram-me o habito de Christo;
mas pela fita encarnada
hei de eu soffrer tudo isto?!

Em resumo: o seu intento
não póde cumprir-se já.
Perdôe se o não contento;
porém que remedio ha?
deixe vir maré e vento.

Nunca se perde a esperança,
meu caro senhor Anzoes:
está sempre a haver mudança;
vem á scena outros heroes,
porque a mesma gente cança.

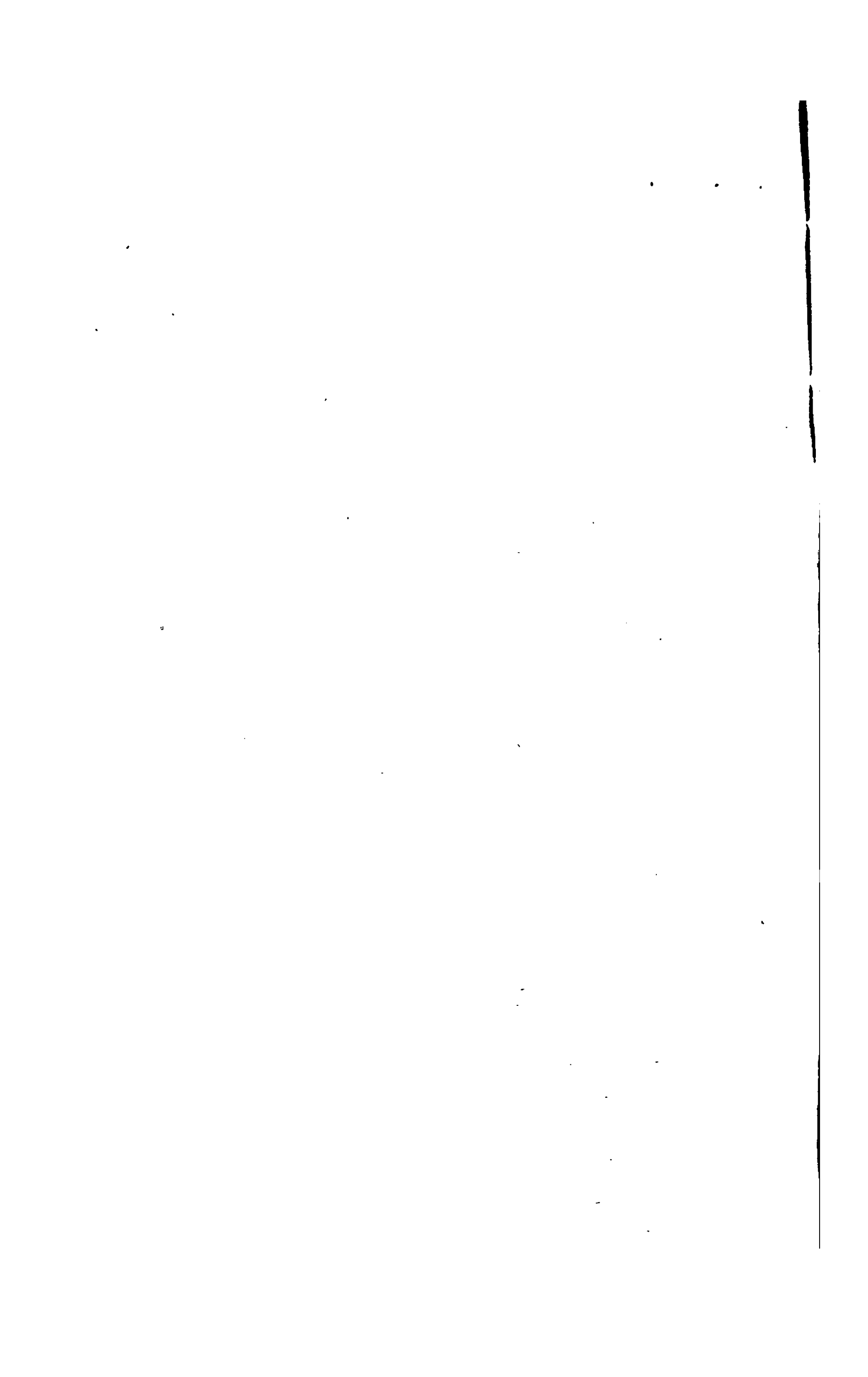
N'este lindo Portugal
ha milagres com frequencia:
qualquer ente irracional
saboreia uma *excellencia*,
amarrado ao tribunal.

Meu pai, pobre surrador,
pôde sonhar porventura
que um dia haviam de pôr
esta humilde creatura
no cargo de regedor?!

Agora tudo se faz;
que importa saber de castas?
Ha de vêr o seu rapaz
ministro com duas pastas,
e dois correios atraz!

Aposto, e verá que acerto.
E adeus; fico ao seu dispôr.
Já enfastio, decerto!
Cá me grita a *Leanor*
que já tem o pulso aberto.

Peço-lhe o maior segredo
d'essas coisas que ahi vão.
Até um dia bem cedo.
Sou, de todo o coração,
— seu amigo — *Zé Penedo.*



GONÇALVES DIAS

Os quilates d'este poeta brazileiro eram os da melhor moeda, quando a sua poesia circulava nos corações das mulheres pallidas, e ruborisava o sangue das pulsações mais vitaes da sua physiologia. Visto d'esta distancia, apenas me entreluz como estrella cadente nas brumas da serra que transpuz, e para a qual, ao dobrar os espigões de outra mais alcantilada, ólho com saudade. Raros são os principes da litteratura que não assistam vivos aos funeraes da sua gloria. Gonçalves Dias morreu coroado imperador da lyra americana; sumiu-se tragicamente no mar, como Elias no azul, quando o seu nome era o symbolo da musa cisathlantica, e a sua

vida, um pouco fallida ao dinheiro, uma gloria nacional. Se vivesse mais alguns annos, entraria com os seus versos na região glacial do esquecimento, e, a menos que não quizesse fazer litteratura dandy, poesia de macassar em annos de prosa, iria á rua do Ouvidor offerecer aos fallidos e aos roubados a sua sciencia do Codigo commercial. O senado do Rio de Janeiro deu-lhe no cunhal de uma esquina o espaço necessario para se esculpir o seu nome: *Rua de Gonçalves Dias*. Isto faz nevroses de enthusiasmo. Entretanto, a mãi do poeta, na ante-camara da morte, que é a decrepitude, tinha fome; e, se não tinha frio, abençoado sejas tu, ó sol dos antipodas! Ha poucos mezes que a velhinha, a mãi do imperador dos poetas brazileiros, recebeu uma pensão vitalicia da mão de D. Pedro II, que por acerto da fortuna é um monarcha tão illustrado que chega a vestir-se como um poeta pobre.

QUE COISA É UM MINISTRO

I

O ministro é a phenix que renasce
Das cinzas de outro, que lhe a vez cedeu:
Nasce n'um dia como o sol que nasce,
Morre n'uma hora como vil sandeu!

Se nodoas tem, uma excellencia as caia;
Mortal sublime, que não sabe rir,
Do vulgo inglorio não pertence á laia,
Dará conselhos, se se lhe pedir!

Um bipede de pasta, não de barro,
Nos pés se firma por favor de Deus!
Dois fardas-rotas trotam traz do carro
Em ruços magros como dois lebreus.

Agora, sim: temos a patria salva,
Não fará este o que já o outro fez;
Grande estadista! basta vêr-lhe a calva,
D'homem assim não ha dizer — talvez!

Vêde-lhe a pasta, que de cheia estala
Só de projectos que farão feliz
A patria ingrata, que seus feitos cala
Ou mais que ingrata, o nome seu maldiz!

Vêde-lhe o sacco — carga de um jumento,
Com borlas d'oiro e verde! — No costal,
Castigo do ordenança, lê-se attento
Projectos mil! secretaria tal!

Cançai-vos pois! — Quem veste aquella farda
Ha de fazer o que mui bem quizer!
Vem-lhe com ella uma sabença em barda!
Por isso acerta, quando Deus lá quer!

Se lhe lanças baldões na propria cara
Diz a alguem que o defenda, e chega a si
Com intrinseco amor a pasta cara,
É exclama: « Oh patria, morrerei por ti! »

Ó Codros, Curcios, Fabios, Cincinnatos,
Carunchosos heroes da antiga historia,
Vinde-me aqui, e ponde-vos de rastos
Junto d'este que vence a qualquer gloria!

Pois que farieis vós? Verter do peito
O melhor sangue... pela patria acabar!... [1]
Imbecis! — pois mais vale com proveito
Da patria á custa a vida flautear!

Ou senão, vêde-me este que anafado,
Nedio, de cara alegre, animo audaz,
Faz de si quando quer um deputado,
Ministro quando quer! Mas que mal faz?

Notas-lhe a fronte de cuidados cheia,
Nuvens e nuvens vêdes hi passar,
Como na praia turbilhões de areia,
Como em tormenta os vagalhões no mar!

Grande homem! disse: que temor te affronta?
A nau do Estado salvarás talvez!...
Qual nau do Estado?! é a horrorosa conta
Dos ruços magros, que alugou por mez!

---

1 Não se entende como Gonçalves Dias fizesse versos d'este feitio!

II

Basta emfim, que é mortal feito com pasta,
Fardado com teteias, com galão!
Trata-se de comer — nada lhe basta;
Mas dizem que é sujeito á indigestão!

Trata-se de fallar!... Applaude-o junta,
Em peso a maioria, — homem feliz!
Mais modesto que o grego não pergunta,
Tem a certeza de que asneira diz!

Trata-se de eserever!... Vêde em que espàço
Folhas e folhas de papel encheu!
Cem vezes mil em ruim papel de almaço
Soberbo assigna o nome illustre seu!

Mas n'um dia nefasto, a turba-multa
Irosa vai-se á estatua do immortal,
Com duro esparto o illustre collo insulta
Té dar com elle em fundo lodaçal!

Logo, farda, florete, pendrucalhos
Vão para um canto a crear mofo lá!
Limpa-se o carro! pensam-se os cavallos,
Memento, homo! — Está bem morto já!

Mesmo os sendeiros dos dois fardas-rotas,
Na rua empacam, sem querer seguir!
Debalde os tosam co'o tacão das botas,
Deitam na rua a papelada: é rir!

Agora, pois, que não ha d'essa gente,
Vão nossas coisas caminhar a sós!...
Mas que poeira vê-se de repente
Lá no horisonte em direitura a nós?...

Inda um ministro!... grande Deus bemdito!
Doirado d'inda agora, e fresco, e assim
Vem tão contente de se vêr bonito,
No olhar parece que vos diz... Eu, sim!

Eia, depressa! meus dois fardas-rotas,
Toca de novo pasta e sacco a encher,
Dá-lhe que dá-lhe co'o tacão das botas
Traz do ministro largando a correr!

E eil-o que passa, o homem d'outro barro!
Que tem dois pés; mas por favor dos ceus!
E os dois fardas-rotas lá vão traz do carro,
Nos rocins magros, como dois lebreus!

III

Bipede, sim; mas a cahir de bruços,
Não poderia ter-se em pé jámais,
Por isso marcham na vanguarda os ruços,
Sem terem culpa, pobres animaes!

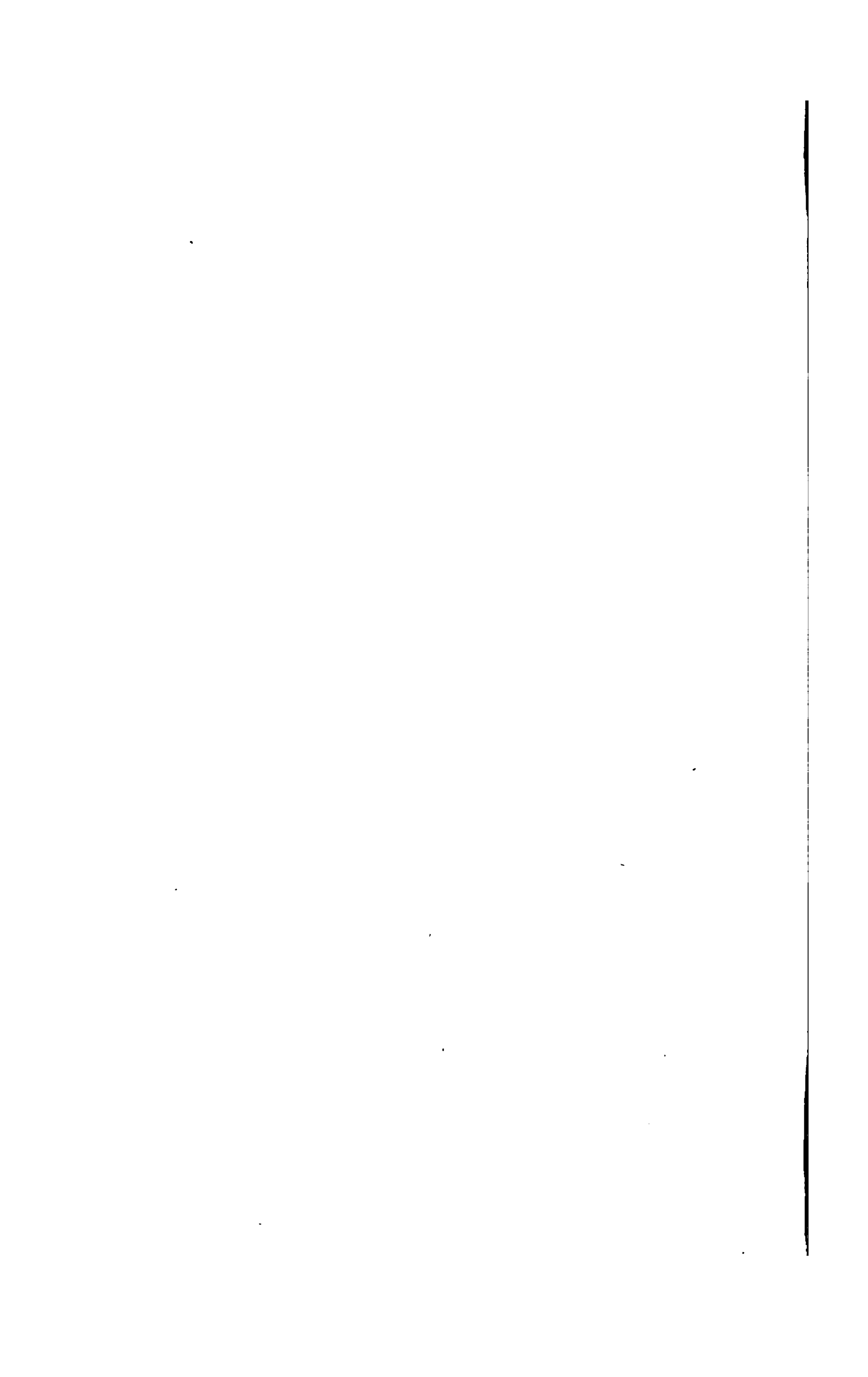
Dizem tambem, mas não o dou por certo,
Que um d'esses lesmas, já assim fallou —
Foi um discurso de zurrar aberto,
Do senado um tachygrapho o tomou:

«Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
Se de humano é matar um bicho feio
Só porque o costado tem sujeito
A quem lhe soube pôr o sujo arreio,
A estas mataduras tem respeito;
Pois te não move a rigidez do freio!

«Põe-me onde se use toda a crueldade,
Entre leões e tigres, e verei
Se n'elles achar posso a piedade
Que em peitos de ministros não achei!
Alli co'amor intrinseco e vontade
No capim por que morro, viverei!

«Pois de algum deputado a resistencia
Sabes domar, sem ser com fogo ou ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro.»

Mais ia por diante o monstro horrendo
Co'o sermão, que ninguem lhe encommendára,
Quando inimiga mão lhe foi batendo
Com o chicote estalador na cara!



SOUSA VITERBO

É medico, como Julio Diniz, e tambem do Porto, d'onde os poetas, que lá não morrem como o rouxinol do amador da MENINA E MOÇA, alam-se para outras montanhas como as cotovias quando ouvem crocitar o corvo na escarpa da serra.

Viterbo, se quizesse estabelecer-se na rua de Santo Antonio ou Clerigos, com *écrins* de chitas ou effeitos de gutta-percha, poderia sustentar a sua primazia entre os poetas do norte, sustentando-se a si da percentagem da chita e do caoutchouc; porém, na qualidade de medico, a reputação que lhe cabe como poeta, constituil-o-

hia na posição de considerar-se o representante das victimas do Ceará na Praça Nova.

Todos os medicos portuenses com poesia, antigos e recentes, fugiram para outros getas á morte de Ugolino, ou abjuraram a clinica. João Evangelista de Moraes Sarmento foi para Guimarães onde poetou e viveu. O doutor Ferro casou rico antes que se lhe fechassem as alcovas dos doentes. Alheira morreu pobre, recitando os sonetos que o perderam na confiança dos seus freguezes feridos da hydropisia ou do laparão. Luiz Antonio Pereira da Silva deixou as filhas á caridade particular. Não me lembram os outros. Modernamente não ha poeta algum medico no Porto. Dos que se preparam para esse funccionalismo lutuoso, a Escóla medico-cirurgica, no anno passado, reprovou um terceiranista que fazia versos rubros como as carnes frescas das cantoneiras que escalpellava no amphitheatro. É como está o Porto.

Sousa Viterbo, em Lisboa, de vez em quando, abria ás fadas da sua mocidade a porta do seu gabinete, e para as não espavorir escondia a canastra dos ossos. Depois, quando entendeu que era preciso respeitar os costumes, pensou no mais summario expediente para de uma vez se calar. Em vez de encerrar os ouvidos como os legendarios nautas á insidia das sereias, ca-

sou. E depois, nunca mais cantou. Triste coisa! Vinte mulheres collaboram em trezentas paginas de versos in-8.º francez. Depois, vem uma só que aspira todos os aromas d'essas flôres até lhes fenecerem as petalas. E o poeta vai seccando como a flôr, e torna-se fructo sem aroma. Tal é Viterbo, o medico, o gentilissimo poeta que foi.

ÁS SENHORAS FIDALGAS DA CONFRARIA DE S. TARTUFO

Podeis peccar, esplendidas senhoras,
podeis cahir da tentação no abysmo.
Para o peccado velho ha o baptismo,
e para os de hoje, ó santas peccadoras,

ha de haver umas rezas, uns bentinhos,
a benção telegraphica de Roma.
Eia, envolvei-vos n'esse casto aroma,
e embriagai-vos nos celestes vinhos !

Não tenhaes medo ; o Christo que se adora
nas vossas perfumadas sacristias,
é um Christo que vive das orgias
e que da cruz sorrindo vos namora.

Podeis arder nos fogos da impureza ;
decerto que o theologo mais fino
dirá do vosso amor que elle é divino
e que sois tal e qual Santa Thereza.

Podeis peccar. Eu sei d'uns niveos braços
que envolveram um dia o seu vigario,
e não foram pregados no Calvario
porque os salvou Nosso Senhor dos Passos.

Podeis peccar. Ao dar a vossa esmola,
vi tremer de vergonha a caridade;
mas que importa que chore a castidade,
se está contente Ignacio de Loyola?

Podeis peccar! Vós sois as carnes alvas,
sois a grave e terrivel formosura:
amaes no carnaval os Marialvas,
e durante a quaresma o padre cura...

Podeis peccar, podeis; agora eu
já não tenho ninguem que me proteja;
deitou-me um sacristão fóra da igreja
como cão miseravel, como atheu.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

Fez rir e riu lusitanamente Garrett n'aquella poesia, que sabem de cór, do gallego que inundou com agua-benta a entrada baixa ao espirito immundo repulso do corpo de outra creatura. Agachado na pia baptismal, o gallego dizia sarcasticamente ao demonio:

> .... *Agora, seu diabo,*
> *Venha p'ra cá, se é capaz!*

É a graça portugueza — chalaça de botica seguida sempre de outra da mesma laia, depois do «não se vá sem resposta», em assembléa de ginjas, bem ceados e enroupados, cheios de froixos de riso, entre o arrôto e a pitada.

Trouxe Garrett do exilio excellentes prendas. Trouxe o languido sentimentalismo, a architectura composita do estylo — o anglicismo castiçado com a francezia, e colorido á portugueza com tintas sediças de Filinto —; trouxe o ideal que dramatisou, e as lindas ligeirices do *humour* britannico com que esmaltou as VIAGENS, em que a parte romanesca é banal. Trouxe, emfim, elementos de regeneração litteraria que pouco deram de si; porque o visconde não era trabalhador que caboucasse os alicerces do edificio novo: era em letras e tudo o mais um casquilho a narcisar-se entre o espelho e o livro, a pentear a cabelleira e a phrase, a fazer de dia a *toilette* do corpo e do espirito afim de, á noite, entrar nas salas com ares de divindade enfastiada da ambrosía olympica. O que elle não trouxe de Paris foi a graça gauleza. Era uma compleição tão biologicamente portugueza e portuense — alli nascida na rua do Calvario — que regressou intacto do andaço das subtis argucias que em Paris se pegam aos espiritos como as finas essencias ás casacas nos salões onde as duquezas se fazem vêr, ouvir e cheirar — quando é só isso. Os seus amigos contam que elle, na roda dos intimos, reclinado em morbidezas de califa n'uma ottomana, com auditorio de labio suspenso, desatava collares de diamantinas facecias e

égrillardises, e conceitos *badines* que era de um homem rebentar a rir. Gastava-se oralmente, pois. Conversava como rapaz parisiense, e escrevia odes jocosas como desembargador portuguez. Na prosa das VIAGENS, e nas caricaturas do ARCO DE SANT'ANNA, tem tonalidades ridentes que eram, ha quarenta annos, milagres de espirito — um prato da culinaria de Watel offerecido ao paladar enfarado d'esta nossa gente sevada na cabeça de porco e feijão dos arcades e dos academicos. Em poesia nunca manifestou desejos cruamente homicidas de fazer estourar a gente a rir.

Eu de modo nenhum pretendo enviar a este astro de primeira grandeza e luz perpetua um sopro com o proposito assás temerario de apagal-o. O que pretendo dizer é que elle não teve graça que nos faça rir a nós.

Repatriaram-se portuguezes incorruptiveis os mais engenhosos exilados. Alexandre Herculano era de uma insulsez além da permittida ao escriptor publico. Os seus typos burlescos no MONGE DE CISTER com as suas pilherias do seculo XIV, são esparramados e salôbros até pruirem a indulgencia mais patriotica. Só um genio primacial como Herculano poderia indicar-nos a graça mysteriosa e sublinhada do BOBO e dos outros goliardos dos seus romances historicos.

Se me replicarem que o dr. Pata-Burro não podia ter o sal que hoje em dia nos tempéra as leituras predilectas, não tenho que redarguir. Isso é assim. Mas, se eu tive a felicidade de não ser contemporaneo nem conhecido do dr. Pata-Burro, peço-lhes o favor de me não obrigarem a ouvil-o — o semsaborão.

Ficamos entendidos para todos os effeitos, a critica e eu.

Quanto a Garrett, recordo-me de ter rido de boa fé ha trinta annos quando li este seu *Natal em Londres*. Faço-o transcrever agora porque sei que ainda os ha — bons portuguezes que lêem isto a rir, e digerem um timbal de borrachos sem colicas intestinaes.

O NATAL EM LONDRES

Que Natal este! — Sempre sois herejes,
Meus amigos inglezes!
Bem haja o santo padre, e a sua bulla
De fulminante anathema
Que excommungou estes ilhéos descridos!
Oh! nunca a mão lhe dôia.
— Vêr na minha catholica Lisboa
As festas de tal noite!
Sinos a repicar, moças aos bandos
Co'a bem trajada capa,
E o alvo-têso lenço em côca airosa,
D'onde um par d'olhos negros
Dão as boas-festas ao vivaz desejo
Do tafulo devoto
Que embuçado acudiu no seu capote
Á pactuada igreja!
Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho de tuas festas tão gulosas,
E de teus dias-santos

Tão folgados e alegres! Como vinhas
Nos frios de dezembro
De regalados fartes coroado
Aquecer corpo e alma
C'o vinho quente, c'os mexidos-ovos,
E farta comezana!
E estes excommungados protestantes,
(Olhem que bruta gente!)
Sempre casmurros, sempre enregelados
Bebende no seu *ale*,
E tasquinhando na carnal montanha
Do *beef* cru e insipido!
Pois os *Christmas-pyes*, gabado esmero
De sarmatas manjares!...
Olhem estas pequenas... são bonitas!
Mas que importa que o sejam
Se das graças donosas praguejadas,
Rusticas e selvagens,
Nem dança airosa, nem alegre jogo
De divertidas prendas
Arranjar sabem, e passar o tempo
Em honesto folguedo!
Jogar um *whist* morno e taciturno,
Sentar-se em mona roda
Junto ao fogão, fazer um detestavel
Chá preto e fedorento,
Sem ar, sem graça... — Oh madre natureza,
Quanto mal empregaste
A formosura, o mimo, as lindas côres
Que a taes estatuas déste!

AS FERIAS

(A UM AMIGO)

E em que pensas, amigo, que se occupa,
N'este grande aldeão que chamam Porto,
O teu G...... amigo? — Come e ronca,
Come, e torna a dormir.

Dormir! que bella vida! E nos pequenos,
Lucidos intervallos, por debique,
Duas odes de Filinto, uma d'Horacio,
Tres scenas de Racine.

Que vida! A longe e longe, um *rober* de *whist,*
Mais longe ainda, breve *passegiata*
Ao monte das irmãs, castas donzellas,
Castas, sim, que não obsta

A auctoridade de Camões brejeiro;
Porque, se Orpheu *pariu a linda dama,*
Como d'antes ficou donzella e casta,
Virgem depois do parto.

— E o namoro? (dirás) Abunda o Porto
Em Delmiras, em Marcias, grato emprego
A um rapaz amador do bello sexo,
Enthusiasta e cálido!

Foi bom tempo esse tempo do namoro:
Muitas já me roubou horas e dias,
E da amiga pachorra á gorda pança
Me cerceou bom naco.

Acabou-se: n'um *cercle* o mais luzido
Passeio agora os olhos indiff'rentes;
Qual arrotando, espreguiçando os braços,
Bocejando a miude,

Inda sabendo a bocca a ferros velhos,
No outro dia da longa comezana,
Mui disputado *toast*, em lauta mesa
Fastiento attentára.

— E a sucia galhofeira dos rapazes?
— Rapazes! Não conheces esta terra,
Que perguntas por tal. Aqui o germen,
Aqui os elementos

Escondidos estão que a vida nova
Hão de chamar a abastardeada especie
Da corrompida gente lusitana.
D'aqui, d'onde houve nome

O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Presago vejo
Na geração crescente ir despontando
As feições renovadas

Com que antiga familia portugueza
Se distinguia outr'ora: o brio, a honra,
Os sãos costumes, puro amor da patria,
A singela franqueza,

A nobre independencia de outras eras
Resurgirão d'aqui. — E então o aspecto
D'esta formosa terra, hoje encoberto
De nevoeiros britannos,

Resplenderá co'a natural belleza
Que villões fidalguinhos de má medra,
Cokneis caixeiros, frades ignorantes
Agora lhe deturpam.

Oh! quando te hei de eu vêr, patria querida,
Limpa de inglezes, safa de conventos,
E varridas tuas ruas da immundicie
Do fidalguesco lixo!

Irá com elle a sordida ignorancia,
E o seu teimoso *bé*, nasal resfol'go
Que arripia, nauséa, aturde e zanga;
Irá co'esses gallegos

Coaxar no lodo vil d'onde a mofina
Nos trouxe o sestro bracharo maldito
Que o rotundo fallar da nossa origem
Tão feio corrompeu.

Rusticas *Misses, Ladies* semsabores
Em tola affectação de inglez bronquice
Enfronhadas á força, á força gêbas,
Desairosas bonecas!

Arrojai-me no Doiro co'esses trajes,
Portuenses donzellas. — Quem podéra
Pleitear comvosco em formosura e graças
Se quaes sois vos mostrasseis?

Fórmas que Venus para si tomára,
D'essa mortalha de invenção fradesca
Quem as libertará? Bioco negro,
De d'onde mal vislumbra

Raro lampejo de celeste face,
Oh quem o rasgará! Purpereos labios
Em que o Desejo co'a Innocencia riem,
D'onde Amor seus thesoiros,

Alvo dos beijos de sequioso amante
Co'a mão divina dadivoso esparze;
Labios que entr'abrem folgazãs e alegres
As nuas Graças lindas,

Quem lhe ha de restituir o som canoro
Que torpes fradalhões desafinaram
Co'o ensino ignorante — e o presumçoso
Morgado *lá de schima*

Acostumou ás inflexões galuchas?
Oh! será teu poder, celeste numen
A quem por ora, como a Deus ignoto
Tacito adora o Luso

Em mysterioso altar erguido a occultas
De sáfaros patricios, de impios flamines,
E oh! mais que tudo, do estrangeiro odioso
Que no insoffrido jugo

Nos rebitou os cravos que abalavam.
E mercador chatim, de nosso sangue,
De nossa honra fez tráfico e ganancia
Co'os bachás do tyranno.

Sim, amigo, esta córja odiosa e barbara,
Oppressora da lusa liberdade,
Esta canalha d'Al-bi-on soberbo
Aqui fixou seu throno.

De botelhas coroado, e d'olhos, bocca,
Das orelhas, nariz e d'outras partes
Esguichando cerveja n'uma *gloria*
De espesso nevoeiro,

Pousou seu genio bruto em nossos muros;
Co'o nacional *God-damn*, e o frasco a pino,
Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,
Dá-nos em troco os sestros,

Dá-nos as manhas, os costumes feros,
As ridiculas modas, emfim tudo
Quanto não é o amor de certa coisa
Que a bonzos, naires fede.

AZEVEDO CASTELLO BRANCO

Vi-o quando elle nasceu em uma aldeia concava da serra do Mesio. Aos oito annos era loiro, bonito. Aos doze, fugia dos collegios e vagava errabundo nas chapadas dos montes, a contemplar com saudade e fome lá ao fundo o penacho de fumo ondulando por sobre os castanhaes da sua aldeia. Aos quinze annos vivia commigo; e, quando eu o imaginava versando com mão nocturna o seu Virgilio, elle assistia no theatro de Camões, com a insensibilidade de um Claudio subalterno, recostado no meu camarote de assignatura, á flagellação da Arte que o saudava moribunda.

Depois, fez-se bacharel em leis com o fastio indolente de um homem que se faz... bacharel em leis. Acariciava as creações translucidas de Anthero de Queutal, o meigo sonhador, o pantheista que chorava saudades dos deuses bani-

dos e os resuscitava com o fervor apóstata de Juliano. Azevedo Castello Branco não resuscitava ninguem; mas admirava tudo que era bom e sonoro, menos a *cabra*. Escreveu prosas e versos, revesando a circumspecção e a ironia, como quem, estimando ambos os feitos de escrever, preferia com especialidade não escrever nada. Cheio dos hymnos de Rig-Veda e do Mahâbhârata e do Râmâyna, foi administrar um concelho transmontano, onde comprehendeu Schiller, na convivencia que teve com salteadores. Em seguida, funccionalisou-se n'um governo civil, e premeditou commentar o Codigo administrativo em alexandrinos, a vêr se abria um sulco de poesia nas almas dos povos desde a Ovelhinha até S. Gonhedo. Era tarde. O lagarto das vinhas havia afugentado de Traz-os-Montes os unicos civilisadores possiveis d'aquella região: Sileno e o burro. Um dia, Azevedo Castello Branco olhou em si com attenção, e viu que era bacharel em leis authentico. Sentou-se á banca, elevou o conselho á exorbitancia de cinco tostões, e sacudiu as sandalias de official-maior no capacho da auctoridade superior do districto.

Bello e digno rapaz, quando a musa, a devassa, te apparecer lagrimosa, limpa-lhe os olhos com o lenço escarlate e tabaqueiro do teu Paschoal José de Mello.

FRUCTOS PIEDOSOS

— É teu filho, Joaquina?
— É verdade, meu senhor.
— E esta bonita menina?...
A quem pertence esta flôr?...
— É... minha.
— Pois tu, Gracinda,
Com tão pouca idade, tens
Uma filha assim tão linda?!
Eu dou-te os meus parabens.
— Obrigada, meu senhor.
— E a gordanchuda pequena?
— Já é filha da Helena.
— E o rapaz?
— Da Leonor.

— Estaes todas já casadas ?!...
— Não, senhor...
— Então ?
— Morreram
Os noivos...
— Bem sei. Coitadas!
(Peccados da mocidade,
Loucuras do coração!...)
— São todas da mesma idade,
Joaquina?
— Sim... nasceram...
N'aquelle anno da missão.

*

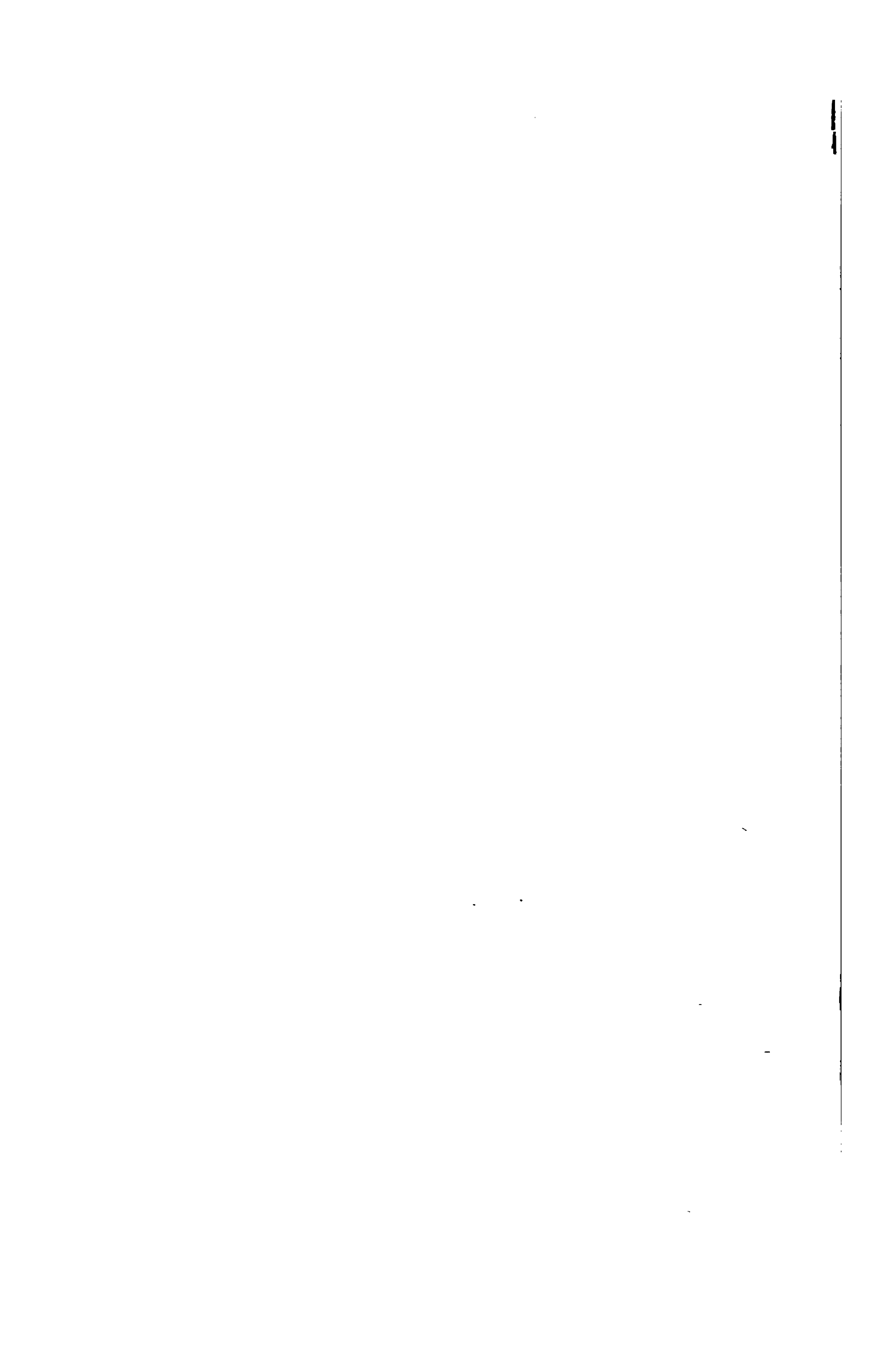
Ouvi dizer, Magdalena,
Que ha mezes o teu estado
A todos dava cuidado,
A muitos causava pena.

Trazias a côr do rosto
Desmaiada, e pensativa
Andavas, como captiva
Do mais intimo desgosto.

Chegára a um tal extremo
A tua melancolia
Que toda a gente dizia
Que tinhas no corpo... o demo.

Depois o padre que veio,
De longes terras chamado,
Modificou esse estado
Com rezas, segundo creio.

Ha quem diga, teime e insista
Em que o demo se mudára
N'um anjinho. É coisa rara!
Foi assim? Oh que exorcista!...



BARÃO DE ROUSSADO

Meu caro Manoel, quando tu já tinhas dentro de ti o barão, e eu tinha dentro de mim a tenia, ceámos pescada cozida com batatas no Penim, e bebemos um Torres amargo como o ciume. Sahimos da taberna que A. Herculano elevára á grandeza de «Agulheiro dos sabios», e parámos no cunhal da esquina, aureolados com o resplendor suspeito do gaz, como dous magos do Oriente que parassem onde aquella estrella moderna e civilisada até ao lampeão nos mandou parar. É que ia alli nascer de nós o que quer que fosse. Encostou-se a gente ao cunhal n'uma attitude de digestão difficil disfarçada em meditação profunda. Nenhum de nós, batendo na fronte, repe-

tiu o *j'avais pourtant* de Chenier, porque a ideia já estava tão estafada que nem mesmo a convivas do já agora extincto Penim era licito fazer com ella um alarde de genio inflammado pelo phosphoro da pescada e pelo acido acetico do Torres. Perguntei-te o que sentias, porque te vi arfarem as bossas frontaes, como se estivessem em ancias parturientes d'uma epopeia ou d'um almanach. Fitaste-me os teus olhos fulgurantes; e, como quer que visses nos meus gestos um geito de inspirado, perguntaste-me se não seria mau tomarmos genebra. Entrámos no Martinho, á hora alta da noite em que dois majores reformados e um homem de letras, que encontrára no alphabeto a sua desgraçada inutilidade, accentuavam a murros no marmore as suas convicções da necessidade da republica. Procurámos a mesa mais afastada dos tres scelerados, que bebiam capilés para acalmar a sêde de sangue, e expectoravam as suas iras nas cadeiras em projecteis de catarrho. Foi alli, na mesa do canto, que se realisou o advento da ideia que amadureceste em compota de genebra. A tua mão vibrante do *ecce Deus* de Ovidio, e do *pur si muove* de Galileu, pesou-me na espádoa como um dos bons murros que tu tens visto levar em New-Castle. Depois, com umas rutilações de pupillas que tanto podiam ser um projecto de regi-

cidio como indigestão de peixe, disseste: «Vou parodiar o D. JAYME do Thomaz Ribeiro».

E, no dia seguinte, recitaste-me as passagens da parodia mais risonha, mais delicada e menos offensiva que ainda se viu n'este paiz em que a parodia é quasi sempre uma cobarde mordacidade. Estes fragmentos que tão de molde se casam n'um **Cancioneiro Alegre** são os que eu recordo com saudade, com tristeza, com a desesperação de nunca mais te encontrar no Penim, nem te vêr o festivo rir da tua inalteravel alegria. Ah! barão, barão! Os *possidonios*, quando se confederaram para te despontar as farpas, levaram até ao throno as suas supplicas insidiosas, e cingiram-te na fronte a corôa de ferro do velho feudalismo que te exilou da feliz bohemia da imprensa como se t'a soldassem no tornozêlo á guisa de grilheta.

Adeus, meu caro poeta!

ROBERTO

DOZE ANNOS DE AGONIA

Bem custa o pesadêlo de uma noite
soffrido em contorsões de ancias terriveis,
nos fumos de carneiro tormentoso,
sobre má digestão!
quando as vagas do sangue procelloso
batendo como açoite,
co'as rapidas marés do coração,
o põe em mil corcovos desiguaes!
Quando os roncos de tripas turbulentas
lembram mula manhosa entre os varaes!
Bem custa o pesadêlo de uma noite,
levada a vêr da cama
longas scenas de horrivel melodrama,
que representa uma indigesta ceia,
e a phantasia a produzir comparsas,
e o vinho a referver de veia em veia!

O silencio do quarto abre-se em vozes,
roucas, profundas, engrolando *requiens,*
para extrahir de um morto os maus peccados.
A solidão povôa-se de gente,
morto, prior e sacristão, na frente!
seguem atraz os gatarrões pingados.

E o misero mortal ardendo em sêde,
da cama se esqueceu, e o solho mede.

Acorda no sobrado o agonisante,
olha, escuta, espantado,
os moços do *Lagoia!*
Estende a mão... encontra a lamparina
Pergunta quem morreu, falla ao finado,
responde-lhe uma voz, ao longe, e fina;
do gato esperto a remiar distante,
unico som, na casa entregue ao somno.
Suor quente lhe escorre da camisa,
alagando-lhe o peito chammejante,
e pelo chão deslisa.

Ao morto quer fugir, não póde vêl-o;
sob a roupa se furta, os olhos cerra,
mas não se furta a novo pesadêlo;
carneiro com batatas não dá treguas,
se conversa comnosco!

Transfigura-se o quadro. Os vultos negros
transformam-se em credores,
severos, asp'ros, brutos, furibundos;
são dez, é vinte, e cento, e mais, e innumeros,
compridos, curtos, magros e rotundos;
e juntam-se, recrescem, multiplicam-se,
juros, penhoras, querelas e sentenças;
e o carneiro tenaz, que tudo cria,
sobe, desce, resalta e se mistura
co'as sombras da torvada phantasia.

E o misero mortal ardendo em sêde,
da cama se esqueceu, e o solho mede.

Passada a noite longa da agonia,
doutor com toda a luz da medicina
vem achar os signaes d'essa tormenta
nas olheiras da face macilenta,
e curar os estragos do carneiro
co'a mistura salina.

E que serão doze annos de agonia?
doze annos de sonho tormentoso,
doze annos co'a bolsa erma de pintos,
doze! doze! sem ter da fama o gozo?
sem *cavaco* no *Gremio litterario,*
sem um sorvete á noite no *Martinho,*

sem um copo do *termo* no *Penim*,
sem bailar em nenham noticiario,
sem ouvir da *Canaria* agudo grito,
sem nome no *Almanach de Lembranças*,
sem ter á perna um dia o *Braz Tizana*,
sem occupar o estro do *Agapito*,
sem coisas estudar transcendentaes,
sem habito da ordem — *San Thiago*,
sem nas côrtes ouvir *Zé de Moraes* ? !

(Canto iv).

HOC OPUS HIC LABOR EST

Eu conheço Lisboa, e tenho pena;
eden dos charlatães de todo o mundo;
lago formoso de mentiras lindas,
tem nas margens o amor, traição no fundo.

Rainha do Occidente envolta em pó,
vaidosa de seus mil commendadores;
dos seus *guanos* e dos seus *trapiches*,
rica de realejos e credores.

Hospitaleira mãi do passeante,
Cicero do *Marrare*, audaz talento;
lanterna maga que alumia a estrada
que vai do botiquim ao parlamento.

Arvore a cuja sombra o pretendente,
em torno do ministro em vão suspira;
onde o *memorial* constante entôa
hymnos sonoros que a barriga inspira.

Onde o talento se protrae de rastos,
e o charlatão pomposo se erradia
por entre os beleguins eleitoraes,
potencias do presente, heroes do dia.

Em ti o amor, Lisboa, é como o phosphoro,
na juvenil endiabrada mão,
que morre, qual se accende, em breve instante,
sem faisca deixar do seu clarão.

San Bento palrador, contai os feitos
dos mil Catões da minha patria bella;
quanto sangue leal nos teus combates
verte o senso commum e só por ella!

Oh! fallem *Coruscantes* e *Ravisius*,
ala dos falladores tão seccante!
conta, *Zé de Moraes*, as sangue-sugas,
que alliviam a patria agonisante.

De Lisboa os *cataventos*,
quem vos poderá pintar!
os politicos portentos,
que vem a patria salvar,
ricos de côres aos centos
de mil diversas bandeiras!
nobres *peitos-prateleiras*
dos antigos democratas,
a pedante mocidade,
e a comica magestade
d'esses gordos pataratas!

(Canto v).

FIM DO VOLUME I

INDICE

Paginas

Dedicatoria v

Prefacio VII

Alvares de Azevedo — *Minha desgraça* e *Namoro a cavallo*........................ 111 — 119

Anonymo — *Um jantar de Barões*........... 87 — 89

Azevedo Castello Branco — *Fructos piedosos* ... 303 — 305

Barão de Roussado — *Roberto*............. 309 — 313

Braz Luiz d'Abreu — *A uma pellada*......... 75 — 77

Cabedo (Antonio de) — *Carta a um regedor* e *Resposta do regedor*.................... 255 — 267

Camões — *A uma senhora* — *Idem*.......... 221 — 233

Claudio José Nunes — *O poeta* e *Em que pararam as musas*.......................... 155 — 161

Corrêa d'Almeida — *O Carnaval*............ 235 — 239

Guerra Junqueiro — *A morte de D. João*...... 1 — 17

Diogo de Macedo — *Illusões*............... 47 — 49

	Paginas
Fernando Caldeira — *Uns pésinhos.*	29 — 31
Filgueiras — *Canção do marinheiro.*	81 — 83
Franco de Sá — *A esbelta* e *Amor e namoro.*	111 — 125
Gil Vicente — *Auto da Barca do Inferno* e *Cantiga*	53 — 57
Girão (Antonio Luiz Ferreira) — *Viva o progresso!*	97 — 101
Gonçalves Crespo — *Um numero do Intermezzo* e *Quando canta a Maldonado*	105 — 107
Gonçalves Dias — *Que coisa é um ministro*	275 — 277
Guilherme d'Azevedo — *Um bote* e *Os palhaços.*	147 — 151
João de Deus — *Theatro de Lisboa* e *A Escriptura Sagrada.*	37 — 41
Jorge de Aguiar — *Contra as mulheres*	135 — 137
Nunes da Ponte — *Vaivens*	207 — 217
Papança — *Incompatibilidades* e *Duas épocas*	207 — 213
Paulino Cabral — *Verdades singelas*	183 — 189
Sá Coutinho (Theodoro de) — *Carta de Guia*	165 — 169
Sousa Andrade (Joaquim de) — *Mademoiselle*	141 — 145
Thomaz Pinto Brandão — *Decimas*	129 — 131
Thomaz Ribeiro — *Faço ideia.*	65 — 69
Vidal (Eduardo) — *A raposa e as uvas*	201 — 205
Visconde d'Almeida Garrett — *O Natal em Londres* e *As férias.*	291 — 297
Viterbo — *A's senhoras fidalgas da confraria de S. Tartufo.*	285 — 289
Xavier da Cunha — *Descripção do quarto do auctor.*	71

